UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

JOSÉ MAURICIO DA CONCEIÇÃO ROCHA

De flor dos Andes a *qhathu* no Pari.
Memória discursiva e deslocamentos na Feira Kantuta.

Versão corrigida

São Paulo
2015

JOSÉ MAURICIO DA CONCEIÇÃO ROCHA

De flor dos Andes a *qhathu* no Pari.
Memória discursiva e deslocamentos na Feira Kantuta.

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Línguas Estrangeiras Modernas – Espanhol

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

De acordo,

PROF. DR. ADRIÁN PABLO FANJUL

São Paulo

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

José Mauricio da Conceição Rocha

De flor dos Andes a *qhathu* no Pari. Memória discursiva e deslocamentos na Feira Kantuta.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

Área de concentração: Línguas Estrangeiras Modernas – Espanhol

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul (Orientador) Instituição: USP-DLM

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Xoán Carlos Lagares Diez Instituição: UFF

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Dra. María Teresa Celada Instituição: USP-DLM

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Suplentes:

Profª. Dra. Silvia Etel Gutiérrez Bottaro (UNIFESP)

Profª. Dra. Neide Maia González (USP-DLM)

Profª. Dra. Mônica Mayrink (USP-DLM)

Dedico este trabalho a todos os deslocados

AGRADECIMENTOS

A José e Juracy, meus pais, pelo esforço que empreenderam para que nunca nos faltassem pão e educação.

A Adrián Fanjul, pela confiança e pela paciência com que cumpriu seu papel de orientador, e pela relação de respeito e admiração que construímos.

A Maite Celada, por todas as interlocuções.

A Xoán Lagares, pelas sugestões preciosas.

A Michele Costa, pelo valioso incentivo à realização desta pesquisa.

Às pessoas que nasceram no pedaço do planeta chamado Bolívia, especialmente àquelas que deixaram para trás o lugar em que se encontravam para inaugurar novos lugares para si no mundo e para o mundo.

Aos familiares, amigos e professores que contribuíram para a construção desta pesquisa, direta ou indiretamente, no Brasil, na Argentina e na Bolívia.

Aos controladores de tráfego aéreo companheiros de trabalho, com os quais sempre pude contar durante este percurso.

“É preciso sempre deixar aberto um devaneio de outro lugar.”

Gaston Bachelard

RESUMO

ROCHA, J. M. C. **De flor dos Andes a *qhathu* no Pari. Memória discursiva e deslocamentos na Praça Kantuta.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta dissertação de mestrado apresenta uma análise discursiva de enunciados veiculados na feira boliviana da Praça Kantuta, realizada aos domingos em São Paulo. O objetivo geral da pesquisa foi identificar nos discursos de pessoas da coletividade boliviana registrados em atos públicos realizados na Praça Kantuta os enunciados que indicassem filiações a memórias discursivas relacionadas à nacionalidade e à migração na América do Sul. Reunimos os enunciados selecionados em três grupos de fragmentos de discurso, que analisamos como sequências discursivas em função, principalmente, das repetições, da recorrência de formulações relacionadas à representação do “ser boliviano” em São Paulo, ao modo de referir a “Praça Kantuta” e ao processo de conquista/apropriação do espaço para realização da feira. Adotamos essa metodologia porque nos pareceu a mais adequada aos nossos objetivos; além disso, verificamos que há antecedentes, nos estudos discursivos, de trabalhos de análise nos quais o ordenamento desta se realiza a partir de unidades em repetição. Para construir nossa interpretação dos fatos de discurso observados na feira, levamos em conta as condições de produção do discurso, atentando tanto para o contexto imediato quanto para o contexto sócio-histórico, conforme propõe Orlandi (2012). Assim, nossa dissertação inclui um levantamento de estudos sobre as migrações bolivianas realizados por pesquisadores de outras áreas com as quais temos dialogado, fundamentalmente a sociologia e a geografia urbana. Consideramos as migrações bolivianas internas e internacionais; a ocupação dos espaços públicos pelos bolivianos que protagonizam deslocamentos populacionais massivos em busca de subsistência; a função das línguas no ambiente da Feira Kantuta; a representação do boliviano em enunciados veiculados na feira; e a construção do objeto de discurso Praça/Feira Kantuta.

Palavras-chave: migrantes bolivianos, bolivianos em São Paulo, diversidade linguística e sujeitos, denominação no discurso, construção de objetos no discurso.

ABSTRACT

ROCHA, J. M. C. **From flower of the Andes to *qhathu* in Pari. Discursive memory and displacements at Feira Kantuta.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This master's thesis presents a discursive analysis of enunciations made at *Praça Kantuta's* Bolivian market, which takes place on Sundays in São Paulo. The general objective of the research was to identify in the discourses of persons from the Bolivian community registered during public celebrations at *Praça Kantuta* the enunciations that could indicate affiliations to discursive memories related to nationality and to migration in South America. We divided the selected enunciations in three groups of discourse fragments that we analyze as discursive sequences due to repetitions, to recurrence of formulations related to the representation of “being Bolivian” in São Paulo, to the way to refer to “Praça Kantuta” and to the process of appropriation of a space where those migrants could implement their market. We used that methodology because it seemed the most adequate for our objectives; furthermore, we verified in discursive studies some examples of analysis where its organization is made in repeating units. In order to build our interpretation of the discursive facts that we found at the Bolivian market, we considered the speech production conditions, regarding the immediate context and the socio-historical context, as Orlandi (2012) suggests. Thus, our master's thesis includes an overview of studies about the Bolivian migrations made by researchers of other areas of knowledge that are interesting to us, such as sociology and urban geography. We do regard internal and international Bolivian migrations; the occupation of public spaces by those Bolivians starring massive population displacements looking for subsistence; the function of the languages at the Feira Kantuta; the representation of the Bolivians in enunciations made on the environment of their market; and the construction of the discourse object Praça/Feira Kantuta.

Keywords: Bolivian migrants, Bolivians in São Paulo, linguistic diversity and subjects, denomination in speech, construction of objects in speech.

RESUMEN

ROCHA, J. M. C. **De flor de los Andes a *qhathu* en el Pari. Memoria discursiva y desplazamientos en la Feria Kantuta.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta disertación de maestría presenta un análisis discursivo de enunciados vehiculados en la feria boliviana de la Plaza Kantuta, realizada los domingos en São Paulo. El objetivo general de la investigación fue identificar en los discursos de personas da colectividad boliviana registrados en actos públicos realizados en la Plaza Kantuta los enunciados que indicaran filiaciones a memorias discursivas relacionadas a la nacionalidad y a la migración en América del Sur. Reunimos los enunciados seleccionados en tres grupos de fragmentos de discurso, que analizamos como secuencias discursivas en función, principalmente, de las repeticiones, de la recurrencia de formulaciones relacionadas a la representación del “ser boliviano” en São Paulo, al modo de referir la “Plaza Kantuta” y al proceso de conquista/apropiación del espacio para realización de la feria. Adoptamos esa metodología porque nos pareció la más adecuada a nuestros objetivos; además, verificamos que hay antecedentes, en los estudios discursivos, de trabajos de análisis en los cuales el ordenamiento de estas se realiza a partir de unidades en repetición. Para construir nuestra interpretación de los hechos de discurso observados en la feria, tomamos en cuenta las condiciones de producción del discurso, atentos tanto al contexto inmediato como al contexto sociohistórico, conforme propone Orlandi (2012). Así, nuestra disertación incluye un panorama de estudios sobre las migraciones bolivianas realizados por investigadores de otras áreas con las cuales venimos dialogando, fundamentalmente la sociología y la geografía urbana. Consideramos las migraciones bolivianas internas e internacionales; la ocupación de los espacios públicos por los bolivianos que protagonizan desplazamientos masivos de población en búsqueda de subsistencia; la función de las lenguas en el ambiente de la Feria Kantuta; la representación del boliviano en enunciados vehiculados en la feria; y la construcción del objeto de discurso Plaza/Feria Kantuta.

Palabras llave: migrantes bolivianos, bolivianos en São Paulo, diversidad lingüística y sujetos, denominación en el discurso, construcción de objetos en el discurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1 – As migrações bolivianas	15
1. Movimento migratório boliviano	15
2. As migrações Bolívia-Brasil	24
3. Os bolivianos em São Paulo	27
4. Algumas considerações	32
Capítulo 2 – Conquista, construção e apropriação do espaço público	33
1. O espaço público na Bolívia	33
2. Os migrantes bolivianos e o espaço público	39
3. Feira Kantuta em funcionamento	45
4. A modo de conclusão	52
Capítulo 3 – As línguas na Feira Kantuta	53
1. Primeiros movimentos	53
2. Desde <i>El Alto</i> , um panorama sociolinguístico	57
3. Deslocamentos	60
4. As línguas na Feira Kantuta	63
5. Outros deslocamentos	74
Capítulo 4 – Enunciados e memória sobre a Feira Kantuta	75
1. Das condições de produção	75
2. De enunciados e memória	77
2.1. “ <i>Ser boliviano</i> ” em São Paulo	77
2.2. <i>Feria, plaza, kantuta, Bolivia</i>	89

2.2.1. A propósito do “pedaço da Bolívia”	98
2.3. <i>Una historia construida con sangre</i>	100
3. De flor dos Andes a flor do Lácio	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	106
ANEXO A – Transcrição dos vídeos	113

INTRODUÇÃO

Vimos pesquisando desde 2009, a partir da iniciação científica, aspectos linguísticos relacionados à presença boliviana em São Paulo. Realizamos, naquele momento, um estudo aproximativo que resultou em um trabalho apresentado em 2010 no I Congresso Brasileiro de Professores de Línguas Oficiais do Mercosul. Desde então, procuramos ampliar nossas observações e aprofundar aquelas reflexões iniciais, nas quais partimos do contato de línguas, e fomos, gradativamente, nos deslocando no sentido de realizar este estudo discursivo analisando enunciados registrados na feira boliviana da Praça Kantuta.

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar nos discursos de pessoas da coletividade boliviana registrados em atos públicos realizados na Praça Kantuta os enunciados que indicassem filiações a memórias discursivas relacionadas à nacionalidade e à migração na América do Sul. Para tanto, buscamos registros em vídeo, preferencialmente aqueles disponíveis na internet, a fim de constituir um *corpus discursivo*.

Reunimos um número amplo de registros, que não nos seria possível abordar integralmente. Optamos, inicialmente, pela delimitação temporal, avaliando vídeos registrados em 2012; entre esses, selecionamos os vídeos relativos a três eventos: troca de presidência da Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento (que coincidiu com a celebração do Dia do Mar boliviano); celebração dos 187 anos de independência da Bolívia; celebração dos 10 anos de realização da feira boliviana na Praça Kantuta.

Decidimos, ainda, trabalhar apenas com a dimensão verbal dos vídeos selecionados e diferenciamos, entre os enunciados, três grupos de fragmentos de discurso que analisamos como sequências discursivas focalizando, principalmente, as repetições, a recorrência de formulações relacionadas à representação do “ser boliviano” em São Paulo, ao modo de construir a “Praça Kantuta” como objeto de discurso e ao processo de conquista/apropriação do espaço para realização da feira. Adotamos essa metodologia porque nos pareceu a mais adequada aos nossos objetivos; além disso, verificamos que há antecedentes, nos estudos discursivos, de trabalhos de análise nos quais o ordenamento desta se realiza a partir de unidades em repetição.

Para construir nossa interpretação dos fatos observados na feira, levamos em conta as condições de produção do discurso, considerando tanto o contexto imediato quanto o contexto sócio-histórico, conforme propõe Orlandi (2012). Isso levou-nos a realizar dois percursos dentro deste trabalho. O primeiro, procurando descrever os deslocamentos realizados pelos bolivianos desde o altiplano até chegar ao uso das línguas na Praça Kantuta como um traço de identidade. O segundo, a partir dos enunciados analisados, envolve as representações do “ser boliviano” em São

Paulo, as formas de referir a Praça Kantuta e o processo de conquista/apropriação do espaço de realização da feira.

Assim, veremos no primeiro capítulo uma abordagem das migrações bolivianas, que nos permitirão compreender melhor alguns aspectos da coletividade boliviana em São Paulo que se revelam nos enunciados que analisamos. As migrações internas na Bolívia mostrar-se-ão fundamentais no entendimento de fatores ligados às migrações internacionais e, em consequência, à presença boliviana em São Paulo. Abordando desde movimentos prévios à presença maciça verificada nos últimos anos na capital paulista até aqueles realizados dentro da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), pudemos identificar, por exemplo, aspectos do rural no urbano.

Abordamos no segundo capítulo a ocupação dos espaços públicos pelos bolivianos que protagonizam deslocamentos populacionais massivos em função da subsistência, tanto na Bolívia quanto nos países nos quais há uma forte presença de migrantes bolivianos, buscando entender de que forma esses espaços são ocupados – dando, sempre que possível, especial atenção às praças e às feiras. Algumas dessas formas de ocupação do espaço acompanham os migrantes bolivianos desde as zonas rurais até as zonas urbanas da Bolívia, e seguem com eles para os países adotados como destino migratório, influenciando no surgimento de feiras como a da Praça Kantuta.

Apresentamos no terceiro capítulo uma amostra do funcionamento das línguas no ambiente da Feira Kantuta. Para isso, realizamos um percurso que contempla um breve panorama da diversidade linguística na Bolívia, a descrição do perfil migratório boliviano em São Paulo e, finalmente, exemplos do funcionamento das línguas na feira. Alguns pontos de dispositivos legais como a *Nueva Constitución Política del Estado* e a lei de educação boliviana em vigor são abordados para explicitar o tratamento que o governo boliviano pretende dar às línguas; além disso, procuramos expor, a partir de pesquisas já realizadas, algumas das diferenças entre a letra da lei e a realidade linguística boliviana.

Assim, passamos por pesquisas levadas a cabo na Argentina e no Brasil, e verificamos que a função do castelhano boliviano como língua de pertencimento é passível de relativização, pois esta língua está muito mais ligada à sua função de idioma oficial do Estado, prestando-se à homogeneização de uma identidade “boliviana”. Além disso, outras línguas – como o quéchua, por exemplo – parecem também ocupar um lugar de identificação grupal, em especial para o perfil do “boliviano migrante” construído pelas pesquisas consultadas.

O quarto capítulo contempla a organização do material sob análise a partir do sujeito representado em enunciados veiculados na feira, passando pela construção da praça como objeto de discurso e chegando, por fim, às lutas pela apropriação do espaço. Nele apresentamos nossa

interpretação das sequências discursivas, partindo das condições de produção dos enunciados analisados e abordando os tópicos nos quais estão agrupadas as sequências discursivas. Buscamos, então, problematizar o que se poderia pensar de modo homogeneizador sobre “ser boliviano” em São Paulo tentando expor algumas das contradições que essa representação carrega, as especificidades da construção do objeto de discurso Praça/Feira Kantuta, suas relações com os movimentos migratórios bolivianos e com aspectos da construção de identidades bolivianas e migrantes.

CAPÍTULO 1

Migrações bolivianas

Apresentaremos neste capítulo um histórico das migrações bolivianas, abordando desde movimentos prévios à presença maciça verificada nos últimos anos na capital paulista até aqueles realizados dentro da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a fim de possibilitar uma melhor compreensão do contexto em que realizamos nosso estudo. Composto por três partes, este capítulo contemplará, primeiramente, e de modo amplo, os movimentos migratórios na Bolívia, através de estudos e teorias que guardam relação com esse tema; em seguida, trataremos do movimento migratório Bolívia-Brasil, utilizando como principal referência uma série de estudos já realizados no Brasil; e, finalmente, abordaremos a presença dos migrantes bolivianos em São Paulo, tendo por base as contribuições feitas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

1. Movimento migratório boliviano

Pesquisando sobre a presença de migrantes bolivianos em São Paulo, encontramos estudos realizados no Brasil nas áreas de Antropologia, Educação e Geografia que dedicavam alguma atenção aos deslocamentos realizados pelos bolivianos anteriormente ao fluxo Bolívia-Brasil. O trabalho que nos ofereceu a maior contribuição no sentido de observar a questão migratória na Bolívia foi o de Xavier (2010). A pesquisadora buscava, com seu estudo, conhecer a lógica da inserção socioterritorial dos migrantes bolivianos residentes na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Xavier (2010, p.13 et seq.) aponta que as migrações internacionais na Bolívia, que se intensificaram e se diversificaram em termos de destino a partir de 1980, não constituem um movimento novo. Segundo a pesquisadora, as lógicas migratórias envolvendo a Bolívia nos dias de hoje são relacionadas, em geral, a movimentos populacionais até mesmo anteriores ao período de colonização. Alguns pesquisadores, indica Xavier, acreditam que as migrações na Bolívia estariam ligadas a remotas origens culturais, andinas em especial.

Algumas vezes, no entanto, conforme ressalva Spedding¹ (2003 apud Xavier, 2010, p.14), a utilização do termo “andino” dar-se-ia sem que seus significados fossem de fato estabelecidos. Como fenômeno geográfico, segundo Spedding, “los Andes se extienden desde Venezuela hasta el

¹ SPEDDING, A. (2003) *Breve curso de parentesco*. La Paz, Bolivia: Editorial Mama Huaco.

Sur de Chile y Argentina”²; assim, as raízes dos movimentos migratórios extrapolariam as fronteiras conhecidas que estabelecem os limites do território boliviano. Vale lembrar que esse território se constitui não apenas por uma porção “andina”, em termos geográficos, mas também pela sua porção oriental.

Pesquisadores que, ainda segundo Xavier, adotam essa perspectiva de que as migrações bolivianas estariam ligadas a origens culturais remotas, especialmente andinas, teriam como ponto de partida as ideias de J. Murra³ (1975 apud Xavier, 2010, p. 14), quem criou a escola etnológica andina. Esse autor, através da teoria do controle vertical de um máximo de pisos ecológicos, propôs que, na época pré-hispânica, diferentes culturas da “civilização andina” se caracterizavam por uma organização social e territorial baseada em uma imigração temporal e circulação permanente entre os diferentes pisos ecológicos da região – o que lhes garantia segurança alimentar.

Os que interpretam a cultura andina a partir dessas ideias entendem, de acordo com Xavier, que haveria uma tradição pautando as migrações, tanto no passado quanto no presente; existiria, pois, uma gênese, um ponto de partida para a migração. Partindo de duas concepções opostas propostas por Genviève Cortes⁴ (2008 apud Xavier, 2010, p.15) a partir de um olhar crítico sobre o modo como trabalhos antropológicos e sociológicos andinistas foram lidos, Xavier evita interpretar a migração como continuidade, permanência e reprodução de uma prática ancestral, ou mesmo interpretá-la como elemento de ruptura e desintegração cultural. Ela assume como algo de maior importância a possibilidade de se observar no modo andino tradicional de organização social tanto as permanências como as rupturas, tendo o cuidado de evitar os riscos de uma visão idealizada e culturalista que simplifique formas culturais, bem como processos correlatos de simplificação das formas contemporâneas de mobilidade sobre realidades antigas.

Basear-nos somente em tudo o que se considera como ancestral motivação para explicar os deslocamentos de populações bolivianas durante o século XX, por exemplo, seria realmente simplificar demasiado tudo o que ocorreu na Bolívia nesse período. Entre diversos conflitos, poderíamos destacar apenas dois exemplos: a Guerra do Chaco (1932-1935) e a chamada Revolução de 1952. Esta revolução, segundo Figueroa, Gisbert e Gisbert (2008), foi o ponto culminante de um processo desencadeado a partir daquela guerra. Esse processo

representó un desplazamiento de clases a nivel de las decisiones en el seno del gobierno y en el conjunto de la sociedad. La minúscula clase dominante que dirigía el país fue sustituida por una “clase media” (difícilmente definible sociológicamente) que además afectó severamente los

² Tradução livre: “os Andes se estendem desde a Venezuela até o sul do Chile e Argentina”.

³ MURRA, J. V. (1975) *Formaciones económicas y políticas en el mundo andino*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.

⁴ CORTES, G. (2008) *Migrations, espaces et développement: une lecture des systèmes de mobilité et des constructions territoriales en Amérique Latine*. (Habilitation à Diriger des Recherches). Géographie, Université de Poitiers.

intereses de la elite al expropiar las grandes minas y los latifundios. La emergencia campesina en el agro y de trabajadores mineros y fabriles en ciudades y en centros mineros a través de organizaciones con poder real, modificó radicalmente los estamentos de poder.⁵ (2008, pp.512-513)

Não tendemos a concordar que apenas tradições ancestrais entrariam em jogo nesses eventos e suas consequências – ainda que se possa levá-las em consideração. Independentemente do ponto de vista que se adote, é importante para nosso trabalho que consideremos ao menos a existência da teoria do controle vertical de Murra que mencionamos, bem como a possibilidade de observação de permanências e rupturas apontada por Xavier. Interessa-nos, mais do que explicar os deslocamentos recentes realizados pelos bolivianos para a cidade de São Paulo (e dentro dela), reconhecer os traços dessa história de deslocamentos que se desdobram nos discursos do coletivo boliviano na capital paulista – ou neles se refletem de alguma forma.

Ainda assim, merecem destaque alguns pontos da argumentação de Hinojosa Gordonava (2009), que parte justamente da teoria do “controle vertical de um máximo de pisos ecológicos”, de John V. Murra⁶ (1975 apud HINOJOSA GORDONAVA, 2009, p. 15), para falar de um “*habitus* migratório” nos Andes. Para ele, o argumento central da teoria de Murra seria a mobilidade socioespacial e a utilização de diferentes espaços geográficos e pisos ecológicos, “donde los desplazamientos humanos son asumidos como una constante en las prácticas de sobrevivencia y reproducción sociocultural de los habitantes andinos”⁷.

Gordonava adverte que no momento em que se queira analisar as migrações bolivianas, é necessário considerar um elemento importante: a constituição da Bolívia como nação. Ele afirma:

Se trata de reconocer que en nuestro país, sumamente abigarrado, se sobreponen diferentes tiempos, culturas, economías y nacionalidades; y, por lo tanto, distintas dinámicas lógicas y demográficas. Es decir que el proyecto de un Estado-nación que, en términos clásicos, represente a una nacionalidad, una cultura (homogénea) y un territorio, fue un proyecto inacabado, inconcluso⁸. (HINOJOSA GORDONAVA, 2009, p. 17)

O autor aborda as tentativas de implantação de um projeto nacional durante a vida republicana boliviana, passa pela Revolução de 1952 – que citamos anteriormente – e, seguindo

⁵ Tradução livre: “representou um deslocamento de classes a nível decisório no seio do governo e no conjunto da sociedade. A minúscula classe dominante que dirigia o país foi substituída por uma 'classe média' (dificilmente definível sociologicamente) que, ademais, afetou consideravelmente os lucros das elites ao expropriar as grandes minas e os latifúndios. A emergência campesina no campo e de trabalhadores mineiros e fabris nas cidades e nos centros mineiros através de organizações com poder real modificou radicalmente os estamentos de poder”.

⁶ MURRA, J. V. (1975) *Formaciones económicas y políticas en el mundo andino*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.

⁷ Tradução livre: “onde os deslocamentos humanos são assumidos como uma constante nas práticas de sobrevivência e reprodução sociocultural dos habitantes andinos”.

⁸ Tradução livre: “Trata-se de reconhecer que em nosso país, extremamente heterogêneo, se sobrepõem diferentes tempos, culturas, economias e nacionalidades; e, portanto, distintas dinâmicas e lógicas demográficas. Não se terminou de resolver na Bolívia o problema nacional e não se pôde constituir um Estado que reflita a nação. Isso significa que o projeto de um Estado-nação que, em termos clássicos, represente a uma nacionalidade, uma cultura (homogênea) e um território, foi um projeto inacabado, inconcluso.

esse esquema, sustenta que

en Bolivia, y con mayor intensidad en los valles cochabambinos, la dimensión cultural muestra que desde tiempos pré-hispánicos diversas culturas que habitaron el altiplano y sobre todo los valles centrales del país mantuvieron una cosmovisión espacio-céntrica que se manifestaba en su permanente movilidad y utilización de diferentes espacios geográficos y pisos ecológicos, de tal manera que las migraciones fueron una invariable en sus prácticas de sobrevivencia y reproducción social⁹. (HINOJOSA GORDONAVA, 2009, p. 18)

Ainda que leve em conta a validade do questionamento a respeito de quanto dessas práticas ancestrais seguiria presente nas estratégias familiares e comunitárias das migrações bolivianas atuais, o autor reconhece indispensável a referência teórico-metodológica a essa dimensão histórico-cultural porque nela apoia um modo de perceber e de fazer desses movimentos populacionais. E completa:

En todo caso, no se trata simplemente de estrategias de sobrevivencia modernas, sino de un *habitus*, de unas prácticas asociadas a una cosmovisión particular, de un saber de vida que permitía y permite aún una mejor y más sostenible utilización de los recursos naturales, no ya para la sobrevivencia de una familia, sino para la vida y reproducción de toda una comunidad y sociedad¹⁰.

Hinojosa Gordonava considera importante, ainda, ao considerar os processos de mobilidade populacional bolivianos, abordar a necessidade de vincular o estudo da migração interna com a migração internacional enquanto processo contínuo e histórico, em que o rural se acha no urbano e o urbano é rapidamente incorporado em circuitos migratórios contemporâneos transnacionais. Será importante, pois, que consideremos adiante que ao longo do século XX ocorreu na Bolívia um significativo processo de urbanização. Foi justamente na década de 1980 que a população urbana chegou a superar a população rural.

O autor afirma que um acontecimento importante nessa dinâmica de urbanização da Bolívia ocorreu em 1985 com a “relocalização” de milhares de famílias mineiras que se viram forçadas a partir para diversos centros populacionais, mas não fornece maiores detalhes sobre o que motivou tal deslocamento: o Decreto Supremo Nº 21060, de 29 de agosto de 1985. Promulgado por Víctor Paz Entessoro, o decreto instituiu uma nova política econômica e mudava radicalmente os rumos que ele próprio, em seu primeiro governo (1952-1956), havia tomado.

Paz Entessoro, depois de haver nacionalizado as minas bolivianas, promovido a reforma

⁹ Tradução livre: “na Bolívia, e com maior intensidade nos vales cochabambinos, a dimensão cultural mostra que desde tempos pré-hispánicos diversas culturas que habitaram o altiplano e sobretudo os vales centrais do país mantiveram uma cosmovisão espaço-cêntrica que se manifestava em sua permanente mobilidade e utilização de diferentes espaços geográficos e pisos ecológicos, de tal maneira que as migrações foram uma invariável em suas práticas de sobrevivência e reprodução social”.

¹⁰ Loco citado. Tradução livre: “Em todo caso, não se trata simplesmente de estratégias de sobrevivência modernas, mas de um *habitus*, de umas práticas associadas a uma cosmovisão particular, de um saber de vida que permitia e ainda permite uma utilização melhor e mais sustentável dos recursos naturais, não apenas para a sobrevivência de uma família, mas para a vida e reprodução de toda uma comunidade e sociedade.

agrária, o voto universal e a reforma educacional no seu primeiro governo, adotou, com o Decreto Supremo N° 21060, as seguintes medidas, entre outras: congelamento de salários, aumento do preço da gasolina, redução dos gastos do Estado, liberalização total do mercado. Com esse decreto, veio também a “relocalização”, que na prática redundou em demissão massiva de trabalhadores. No ano seguinte, em função de uma crise no mercado internacional de estanho, cerca de 23.000 mineiros da COMIBOL (Corporación Minera de Bolivia) foram demitidos. Isso desencadeou a chamada “Marcha pela vida”, quando milhares de trabalhadores caminharam de Oruro a La Paz para exigir sua permanência na empresa.

Uma parte importante desses mineiros, segundo Xavier (2010, p. 31) se estabeleceu na cidade de El Alto, assim descrita em *American Visa*, premiada novela do escritor boliviano Juan de Recacoechea de 1994:

La “ciudad del futuro”. Nunca la había visto tan de cerca. Siempre la atravesé rumbo a La Paz, sin detenerme. Era un paso obligado en el viaje de Oruro a la capital del Chuquiago. Era necesario pasar la ciudad dormitorio para descender a La Paz. Una ciudad totalmente aimara, la más poblada, la única en el mundo construida exclusivamente por ellos. Cuatro mil metros de altura. Trescientas mil almas... Cada día que pasaba, llegaban más campesinos del altiplano, que se estaba quedando vacío como una estepa marciana. No se escuchaba el español. El aimara, áspero y entrecortado, era la lengua dominante. De vez en tanto una palabrita hispana para completar una frase.¹¹

Xavier propõe a definição “reservatório populacional”, que também nos parece adequada. Ela também nos oferece uma descrição da cidade:

Atualmente, trata-se de um município quase exclusivamente urbano (99,6% da população de El Alto vivia em território urbano em 2001) que chama a atenção pela dimensão e extensão da fragilidade e da pobreza, uniformemente distribuídas. O município é composto por oito distritos que possuem características distintas em termos de extensão territorial, acesso a serviços, infraestrutura, qualidade de vida, tipo de produção, origem cultural etc., sendo presente a divisão, em termos de desenvolvimento, entre as zonas norte e sul do município, separadas pelo aeroporto. (2010, p. 34)

Recuperemos a ideia de Hinojosa Gordonava, para quem a migração interna está ligada à migração internacional e que, nesse processo, o rural se acha no urbano e o urbano é rapidamente incorporado em circuitos migratórios contemporâneos transnacionais. Articulando essa ideia ao que se sabe da história de El Alto, poderemos compreender melhor aspectos linguísticos e discursivos a serem explorados mais adiante neste trabalho.

Antes de tratar especificamente do fluxo migratório boliviano com destino ao Brasil, é importante considerar outros aspectos envolvendo a Bolívia e as migrações internacionais. Este país

¹¹ Tradução livre: “A ‘cidade do futuro’. Nunca a havia visto tão de perto. Sempre a atravessei rumo a La Paz, sem me deter. Era uma passagem obrigatória na viagem de Oruro à capital de Chuquiago. Era necessário passar pela cidade dormitório para descer a La Paz. Uma cidade totalmente aimara, a mais povoada, a única no mundo construída exclusivamente por eles. Quatro mil metros de altura. Trezentas mil almas... Cada dia que passava chegavam mais campesinos do altiplano, que estava ficando vazio como uma estepa marciana. Não se escutava o espanhol. O aimara, áspero e entrecortado, era a língua dominante. A cada tanto uma palavrinha hispana para completar uma frase.

nunca conseguiu atrair de maneira consistente a migração internacional, apesar de diversas políticas estatais levadas a cabo ao longo do século XX a fim de incentivá-la. Ao contrário, nesse período a Bolívia foi um país “expulsor de população” (PRETURLAN, 2012, p. 45). O contingente boliviano vivendo em outros países poderia variar de 6,8% até 20% da população, de acordo com a fonte de consulta, e a maior parte estaria em países próximos – em especial na Argentina e no Brasil.

Preturlan¹² afirma que o destino mais tradicional da migração boliviana é a Argentina. Segundo a autora, essa migração remonta à década de 1920, quando eram recrutados trabalhadores bolivianos das zonas de fronteira entre os dois países para desempenharem trabalho em regiões agrícolas do norte da Argentina. Essa migração, no entanto, seria temporária e destinada, principalmente, à cultura da cana-de-açúcar nas províncias de Salta e Jujuy.

A presença boliviana na Argentina se consolidou com o passar dos anos. Sassone (2009, p. 390 et seq.), em um de seus artigos, trabalha com a hipótese de que a migração boliviana na Argentina teria passado por três estágios em sua história, que equivaleriam a três modelos: migração fronteiriça, migração regional e migração transnacional. Os bolivianos, em cada um desses modelos, teriam se utilizado de diversas estratégias através das quais puderam articular os espaços de origem e destino.

A pesquisadora afirma, ainda, que a Argentina é o primeiro destino para a população boliviana, e que a ela se seguem Estados Unidos, Brasil, Chile e Espanha. Conforme veio a acontecer no Brasil, a comunidade boliviana é uma das mais numerosas no país. Lá, como aqui, não há forma de precisar o volume populacional: o censo de 2001 na Argentina menciona 233.464 bolivianos; já a embaixada boliviana estimava que em 2003 essa cifra chegava a 947.503 – número bastante expressivo se considerarmos que era o equivalente a mais de 2% da população total da Argentina.

Sassone¹³ também afirma, contrariando Preturlan, que a migração boliviana teve início ainda no final do século XIX. Cada modelo migratório estaria dividido em duas etapas, e a primeira etapa da migração fronteiriça compreenderia o período entre 1880 e 1930. Assim, pode-se dizer que a Argentina já recebe migrantes bolivianos há mais de cem anos¹⁴.

Tomamos três obras como referência a respeito da presença boliviana na Argentina. A primeira delas é um documento criado pela *Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico Cultural de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires*. “*Buenos Aires Boliviana. Migración*,

¹² Ibid., p. 48.

¹³ Ibid., p. 393.

¹⁴ Hinojosa Gordonava (2009, p. 26) afirma que haveria antecedentes que datam de 1700, ainda que na época nenhum dos dois fosse estado nacional, e que, depois da independência (1816), o atual departamento boliviano de Tarija tenha ficado durante algum tempo no antecessor do estado nacional argentino (Províncias Unidas del Río de la Plata).

construcciones identitarias y memoria” (C.A.B.A., 2009) apresenta diversos artigos que abordam a presença boliviana na Argentina, especialmente em Buenos Aires, a partir de focos muito variados, que vão desde a história dessa migração no país até a abordagem das manifestações culturais bolivianas como “Patrimonio Cultural”.

A segunda referência, *Bolivia: estudio de las migraciones en el interior cordobés*, de Oliva e Pescio (2009), também foi publicada naquele ano e nos levou, conforme ocorreu no contato com as outras duas, a identificar semelhanças entre as migrações bolivianas na Argentina e no Brasil, quando comparamos, por exemplo, as descrições que Silva¹⁵ faz em seus estudos sobre os bolivianos em São Paulo. As redes sociais, as estratégias de reprodução social e a relação entre mobilidade espacial e mobilidade social são abordadas pelas autoras, que mencionam práticas comuns que se repetem em São Paulo:

Las prácticas de fútbol como el festejo del carnaval permite a los bolivianos reunirse y conocerse. Las reuniones que se hacen casi semanalmente, en el caso del fútbol, o una vez al año para los carnavales, les otorga los espacios necesarios para compartir entre ellos diversas informaciones relacionadas a la propia zona en que residen como la de su país en general.¹⁶ (2009, p. 176)

Não é apenas nas práticas de socialização que existem semelhanças. Oliva e Pescio descrevem também a precariedade das condições de moradia que muitos bolivianos enfrentam. As condições insalubres não estariam, pois, restritas ao trabalho em si. Normalmente se vive onde se trabalha e, mesmo nos locais onde são fabricados tijolos, sobra pouco espaço para o lazer:

De acuerdo con los requerimientos propios del proceso de producción y por la cantidad de hornos (tres, en general) para la fabricación del ladrillo, se requiere de divisiones que ocupan prácticamente todo el terreno, lo que lleva a la reducción de espacios libres para el juego de los niños, extremando los cuidados hacia los más pequeños debido al peligro que representan las propias herramientas de trabajo.¹⁷ (2009, p.48)

Vale recordar que os espaços para lazer são importantes neste trabalho, pois a própria Praça Kantuta é um dos espaços públicos em São Paulo utilizados com essa finalidade. O uso dos equipamentos públicos, aliás, é um dos traços que encontram correspondência no Brasil, especialmente no que se refere à assistência médica – ainda que possa haver diferença na qualidade dos atendimentos entre os dois países e em diferentes regiões de cada um deles. A assistência do Estado na saúde é, de fato, indispensável, uma vez que a maioria dos bolivianos realiza trabalho

¹⁵ Sidney Antonio da Silva realizou as primeiras pesquisas sobre a presença boliviana em São Paulo, abrindo caminho para diversos estudos desenvolvidos posteriormente.

¹⁶ Tradução livre: “As práticas de futebol, como a celebração do carnaval, permite aos bolivianos se reunirem e se conhecerem. As reuniões que se fazem quase semanalmente, no caso do futebol, ou uma vez ao ano para os carnavales, lhes outorga os espaços necessários para compartilhar entre eles informações relacionadas à própria região em que residem como as de seu país em geral”.

¹⁷ Tradução livre: “De acordo com requisitos próprios do processo de produção e pela quantidade de fornos (três, em geral) para a fabricação do tijolo, são necessárias divisões que ocupam todo o terreno, o que leva à redução de espaços livres para o divertimento das crianças, levando ao extremo o cuidado com os bem pequenos devido ao perigo que representam as próprias ferramentas de trabalho”.

informal e não conta, por isso, com qualquer outro tipo de atendimento em saúde.

O acesso à educação e a relação que se estabelece com ela também é abordado por Oliva e Pescio. Também neste caso, a assistência do Estado é fundamental. Haveria uma tendência à escolarização, evitando-se que os filhos se envolvam no trabalho realizado pelos pais. As autoras acrescentam:

Podemos interpretar que desde la educación y en Argentina existe una relación positiva, es decir, la importancia de la escolarización es vista como una posibilidad de romper con los ciclos intergeneracionales y construir otras oportunidades laborales futuras para sus hijos. Hecho que manifiestan diferente en su país de origen. Allí, la necesidad de introducirse en el mercado laboral desde muy pequeños debido a las carencias socioeconómicas de sus familias, los induce a abandonar los estudios e insertarse en espacios de trabajo que les permitan mejorar dicha situación.¹⁸ (2009, p. 50)

Nossa terceira referência argentina é *“Ser boliviano” en la región metropolitana de la ciudad de Córdoba: localización socio-espacial, mercado de trabajo y relaciones interculturales*. Organizada por Cynthia Pizarro, essa obra nos permitiu compreender alguns aspectos da presença boliviana em Córdoba abordados de modo distinto ao que fizeram Oliva e Pescio e nos permitiu conhecer de maneira mais aprofundada outras áreas de inserção laboral dos bolivianos na Argentina além da costura: as olarias e o setor hortícola.

Ainda na introdução, Pizzaro traça um panorama histórico da migração boliviana, considerando também o perfil dos migrantes:

Las características de los contingentes poblacionales que migraron de Bolivia a Argentina han cambiado a lo largo de los años así como se modificaron sus principales destinos. En términos generales, hasta la década de 1970, los relativamente pocos bolivianos que llegaban a las grandes metrópolis, tales como Buenos Aires, Córdoba y La Plata, provenían de clases medias y altas residentes en áreas urbanas bolivianas. Algunos eran exiliados políticos y otros migraban con el objeto de realizar estudios universitarios. La mayoría de los que se establecieron definitivamente alcanzaron una posición socioeconómica relativamente acomodada, ya sea como profesionales o como comerciantes.¹⁹ (2011, p. 13)

Contrastando com esse perfil, a migração boliviana que se instalou em províncias do noroeste argentino que fazem fronteira com a Bolívia (Salta e Jujuy) procedia de áreas rurais e eram, em sua maioria, homens com baixa qualificação profissional. A partir de 1970 teria se

¹⁸ Tradução livre: “Podemos interpretar que há uma relação positiva com a educação na Argentina, ou seja, a importância da escolarização é vista como uma possibilidade de romper com os ciclos intergeracionais e construir outras oportunidades laborais futuras para os filhos. O que se dá de outra maneira no país de origem. Lá, a necessidade de entrar desde muito pequenos no mercado de trabalho devido às carências socioeconômicas de suas famílias os induz a abandonar os estudos e a inserir-se em espaços de trabalho que lhes permita melhorar sua situação.

¹⁹ Tradução livre: “As características dos contingentes populacionais que migraram da Bolívia para a Argentina se modificou ao longo dos anos, assim como se modificaram seus principais destinos. Em linhas gerais, até a década de 1970, os relativamente poucos bolivianos que chegavam às grandes metrópoles, tais como Buenos Aires, Córdoba e La Plata, eram provenientes de classes médias e altas residentes em áreas urbanas bolivianas. Alguns eram exilados políticos e outros migravam com o objetivo de realizar estudos universitários. A maioria dos que se estabeleceram definitivamente alcançou uma posição socioeconômica relativamente cômoda, seja como profissionais ou como comerciantes.

iniciado uma etapa de ampliação e generalização dos circuitos migratórios dos bolivianos na Argentina, e nas duas décadas seguintes, 1980 e 1990, a migração boliviana se estendeu a diversas localidades nas quais foi aumentando gradativamente, como Mendoza, Córdoba, Rosário e algumas cidades da Patagônia, ao mesmo tempo em que diminuía a presença boliviana nas províncias argentinas que fazem fronteira com a Bolívia.

É importante destacar o questionamento que Pizarro faz de uma suposta homogeneidade atribuída a todas as pessoas nascidas na Bolívia que residem na região metropolitana da cidade de Córdoba. A organizadora do livro esclarece que são abordadas as formas de “ser boliviano em Córdoba” vivenciadas por um grupo específico desses migrantes: aquele que se encontra mais excluído.

Así, nos focalizamos en el flujo más reciente y numeroso que procede mayoritariamente de áreas rurales campesino-indígenas de los departamentos de Cochabamba, Potosí y Tarija, que se articula de manera subordinada en el mercado de trabajo realizando trabajos “duros y sacrificados”, y que es objeto de diversos mecanismos discriminatorios por parte de quienes se consideran nativos y, también en ocasiones, por parte de sus “paisanos”.²⁰ (2011, pp. 15-16)

É interessante observar, ainda, que esse grupo foi aos poucos se assentando e conformando áreas residenciais segregadas; bairros como Villa El Libertador, Villa Esquiú, Bajo Pueyrredón e Nuestro Hogar 3 costumam estar concentrados em zonas urbanas periféricas.

Es en este tipo de espacios periféricos, tanto geográfica como socialmente, que reside la mayoría de los inmigrantes bolivianos más pobres, quienes sufren cotidianamente experiencias de discriminación y exclusión en distintos ámbitos de socialización formal e informal: en las calles, en las escuelas, en los lugares de trabajo y en su contacto con diversos agentes estatales.²¹ (2011, p. 16)

A proximidade geográfica é um elemento importante porque exerce influência significativa no perfil da migração regional, boliviana em especial. Para Manetta²² (2012 apud Preturlan 2012, p. 46), predominou até 1990, em termos numéricos, um padrão de migração internacional na América Latina que envolveu um grupo populacional mais escolarizado e que preferia como destinos os Estados Unidos e países da Europa, até que surgiram movimentos crescentes, entre países vizinhos, de grupos populacionais pouco escolarizados.

Segundo Nóbrega (2009, p. 3), no que se refere especificamente às migrações bolivianas, há

²⁰ Tradução livre: “Assim, nos concentramos no fluxo mais recente e numeroso que procede majoritariamente de áreas rurais campesino-indígenas dos departamentos de Cochabamba, Potosí e Tarija, que se articula de maneira subordinada no mercado laboral realizando trabalhos 'duros e sacrificados', e que é objeto de diversos mecanismos discriminatórios por parte dos que se consideram nativos e, também por vezes, por parte de seus 'conterrâneos’”.

²¹ Tradução livre: “É nesse tipo de espaço periférico, tanto geográfica quanto socialmente, que reside a maioria dos imigrantes bolivianos mais pobres, que sofrem cotidianamente experiências de discriminação e exclusão em distintos ámbitos de socialização formal e informal: nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalho e em seu contato com diversos agentes estatais”.

²² MANETTA, A. (2012) *Bolivianos no Brasil e o discurso da mídia jornalística*. In: BAENINGER, R. (Org.) *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp; Fapesp; Unfpa.

padrões distintos entre os que partem para o norte e os que seguem para países do sul: os migrantes mais pobres, em função dos menores custos de locomoção, tenderiam a se dirigir aos países vizinhos na América do Sul; entre os bolivianos de melhores condições financeiras, a tendência seria migrar para os países do norte devido aos maiores atrativos financeiros.

Maiores atrativos financeiros não necessariamente significam menos esforço, menos privações e violações de direitos, menos preconceitos. Através de um artigo (ROCHA, 2011) no qual propomos uma leitura do romance *El exilio voluntario*²³, do boliviano Claudio Ferrufino-Coqueugniot, estabelecemos relações entre situações vividas por personagens desse romance e por migrantes bolivianos em São Paulo. Carlos, personagem principal do romance, é um cochabambino que migra para os Estados Unidos e testemunha situações como esta: “en un cuarto, Arlington, doce cochabambinos de Arbieta pasaron el año 89 con papa hervida y huevos duros más dieciséis horas de trabajo al día”²⁴. É um relato que muito se aproxima do que encontramos em pesquisas sobre os bolivianos em São Paulo. O relato envolvendo o processo migratório vivido por Carlos nos Estados Unidos – destino considerado como ideal por muitos bolivianos – sugere que o “sonho americano” pode se transformar em pesadelo.

Apesar dos riscos, a procura por destinos mais atraentes financeiramente, como Estados Unidos e Espanha, continuava bastante significativa, mas teria sido afetada por eventos como os atentados de 11 de setembro de 2001, que levaram a um controle maior de fronteiras no primeiro, e a crise financeira internacional, que fez com que muitos bolivianos trocassem as terras espanholas para buscar trabalho em São Paulo a partir de 2011²⁵.

O leitor perceberá que algumas situações observadas até aqui voltarão a aparecer neste e nos demais capítulos deste trabalho. Os deslocamentos realizados pelos migrantes, por exemplo, muito nos interessam em função do modo como podem se refletir nos discursos que passaremos a analisar no último capítulo. Por ora, observemos como se deu o fluxo de migrantes bolivianos para o Brasil.

2. As migrações Bolívia-Brasil

Os estudos realizados por Silva (1995, 2002) sobre os migrantes bolivianos em São Paulo aportaram um interessante panorama desse movimento migratório e serviram de referência para outros tantos realizados. A visão geral que se pode depreender da quase totalidade dos estudos realizados aos quais tivemos acesso é de que há dois momentos marcantes em relação ao fluxo de

²³ Vencedor do prêmio Casa de las Américas de 2009.

²⁴ Tradução livre: “em um quarto, Arlington, doze cochabambinos de Arbieta passaram o ano 89 com batata e ovos cozidos mais dezesseis horas de trabalho por dia”.

²⁵ Conforme reportagem disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_imigrante_boliviana_brasil_analise_rw.shtml. Último acesso em 15/11/2014.

migrantes bolivianos para o Brasil: a década de 1950 e o período que se inicia em 1980 até os dias atuais.

Recorremos novamente a Xavier²⁶, que oferece um panorama detalhado desses fluxos migratórios e questiona a tese muito difundida de que o primeiro fluxo boliviano para o Brasil estaria relacionado a um acordo bilateral de intercâmbio cultural, firmado somente em 1958, mas que teria favorecido a entrada de estudantes da Bolívia, que aqui teriam permanecido depois de completarem seus estudos. A pesquisadora apresenta dados que indicam, no entanto, que houve um aumento considerável do fluxo nos anos 1950 e 1951, e que antes e depois disso o número de migrantes que ingressaram no país foi bem menor.

Ainda sobre este primeiro período, Xavier levanta a hipótese de que, contrastando com a origem da maioria dos atuais migrantes, os bolivianos que chegaram nessa época teriam vindo do departamento de Cochabamba. Tal hipótese se baseia em relatos recolhidos em entrevistas realizadas por ela e por outros pesquisadores. Acrescentaríamos, como fator que poderia reforçar a ideia da pesquisadora, o momento político vivido naquela região nos anos 1950 e 1951 que, conforme pode-se verificar, ficaram espremidos entre outros dois anos historicamente conturbados: 1949, quando ocorreu uma guerra civil e foram bombardeadas as cidades de Santa Cruz e Cochabamba; e 1952, quando ocorreu a chamada “Revolução de 1952”, considerada por Figueroa, Gisbert e Gisbert (2008, p. 511) um acontecimento histórico fundamental na história contemporânea da Bolívia.

Xavier²⁷ afirma também que os bolivianos que chegaram ao Brasil até 1979 contavam, em geral, com um bom nível de instrução. É importante registrar que uma parte dos bolivianos que chegou ao país entre 1950 e 1979 não veio apenas para estudar, mas para fugir de perseguições políticas ou dos perigos da ditadura. É o caso de Carlos, que relatou a Favaretto (2012, p. 23):

Eu nasci em 1947 em La Paz, e vim da Bolívia para fugir do Governo Militar. Na verdade, meu pai veio primeiro no ano de 1968 e trouxe meus irmãos, mas eu fiquei na Bolívia. Meus irmãos logo voltaram, mas minhas irmãs, que também estavam no Brasil, me chamaram e eu vim em 1970, principalmente porque eu estava com problemas políticos por lá. Tive que fugir.

Já a partir de 1980, segundo Xavier²⁸, o perfil do migrante boliviano que chega ao país sofre uma alteração, notando-se uma queda no nível de instrução desse grupo. Ela argumenta, ainda, que nesse período a cidade de El Alto seria o ponto de partida dos migrantes bolivianos que se dirigem a São Paulo, e justifica sua hipótese basicamente através de três argumentos: o trabalho de Silva (2008) indicando que a maioria dos bolivianos que chegou à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) a partir de então veio de El Alto; a indicação dada por Souchaud (2010 apud XAVIER,

²⁶ XAVIER, 2010, *passim*.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

2010, p.18) sobre a origem aimará dos migrantes bolivianos residentes atualmente na RMSP; e a função de “reservatório populacional” que a cidade de El Alto teria em relação a La Paz, funcionando inclusive como uma cidade receptora e expulsora de população – o que poderia contribuir para a “distribuição” de migrantes para a RMSP.

Há, evidentemente, outros destinos no país para os migrantes bolivianos. Xavier aponta a cidade de Corumbá, por exemplo, como receptora de um fluxo migratório consistente entre 1950 e 1965 – quando esse fluxo começa a diminuir. A partir de dados recolhidos por Souchaud e Baeninger²⁹ (2009, apud XAVIER, 2010, p.56), a autora afirma que esse fluxo ganha nova intensidade no final da década de 1970. Tal fluxo, no entanto, parece não alimentar, segundo ela, a migração boliviana dentro do Brasil. Corumbá, portanto, não constituiria uma etapa migratória para os que se destinam a São Paulo.

Vale registrar que, entre os migrantes bolivianos recentes na RMSP, há relatos de “temporadas” na Argentina, onde há mais tempo se recebe esse fluxo migratório e em número bem maior, seja no interior ou na região metropolitana tanto de Córdoba como de Buenos Aires. Para esta última, segundo Xavier, haveria correspondência com a RMSP no que se refere à procedência: a cidade de El Alto.

Hinojosa Gordonava procura manter aberto o leque de procedências ao afirmar que os migrantes bolivianos que seguem para São Paulo “se caracterizan por ser en su mayoría jóvenes y varones, provenientes en buena medida de regiones altiplánicas y de los valles (La Paz, Oruro, Cochabamba), pero también de regiones rurales del oriente (Santa Cruz)”³⁰ (2009, p. 32). O autor apresenta, ainda, uma informação relevante: dados sobre registros de vacinação contra a febre amarela do departamento de La Paz indicam que durante o ano de 2005 mais de 80% da migração internacional desse departamento teve o Brasil como destino.

Outra pesquisadora que aborda o fluxo migratório boliviano é Preturlan (2012), que objetivava, através de sua dissertação, uma contribuição aos avanços teóricos sobre migrações em geral, transnacionais em particular, através da problematização da estruturação de fluxos migratórios via diferenças de classes sociais.

Preturlan recorre a Silva e a Xavier, entre outros, a respeito das migrações bolivianas, e menciona estudos que dissociam a migração fronteiriça daquela direcionada a grandes centros urbanos como São Paulo. A pesquisadora afirma ter constatado também junto aos entrevistados durante sua pesquisa que “a migração recente de bolivianos para São Paulo ocorre de forma

²⁹ SOUCHAUD, S; BAENINGER, R. (2009) *Etudier les liens entre les migrations intérieures et internationales en suivant les trajectoires migratoires des Boliviens au Brésil*. Revue Européenne des Migrations Internationales, v.25.

³⁰ Tradução livre: “se caracterizam por serem, em sua maioria, homens jovens, provenientes em boa medida de regiões altiplánicas e dos vales (La Paz, Oruro, Cochabamba), mas também de regiões rurais do oriente (Santa Cruz)”.

independente da migração para Corumbá e outras regiões de fronteira” (2012, p. 53).

Preturlan afirma, no entanto, que identificou em sua pesquisa de campo “alguns indícios que apontaram para a existência, em décadas anteriores, de vinculações entre a migração para São Paulo e Corumbá”³¹. Segundo um relato colhido pela pesquisadora, na década de 1950 já se realizavam viagens entre Santa Cruz e Corumbá com a finalidade de vender produtos alimentícios e comprar manufaturados para serem revendidos na Bolívia.

Esse tipo de comércio seria uma das principais vias de fornecimento de produtos manufaturados para a região de Santa Cruz e, ao final da década de 1950, alguns dos pequenos comerciantes que se dedicavam a isso teriam começado a seguir viagem até São Paulo para comprar diretamente os produtos que revendiam. Essa rota, segundo Preturlan, levou a São Paulo migrantes com um perfil diferente dos habitualmente citados como característicos desse primeiro fluxo boliviano (estudantes e profissionais liberais).

A pesquisadora sugere que essa diferença de perfil de classe teria causado conflitos quando da confluência desses bolivianos – segundo ela, em sua maioria, oriundos do departamento de Santa Cruz e das zonas urbanas – em campeonatos e ligas de futebol realizados na região da Avenida do Estado. Voltaremos a essa questão de classe, a partir das contribuições de Preturlan, em outros pontos deste trabalho.

3. Os bolivianos em São Paulo

A presença boliviana em São Paulo vem sendo pesquisada desde a década de 1990, mas só nos anos 2000 o número de trabalhos acadêmicos a respeito desse coletivo migrante aumentou de forma considerável. A grande referência para a maioria desses trabalhos foram a dissertação e a tese de Sidney Antonio da Silva apresentadas na Universidade de São Paulo para obtenção dos títulos de mestre e doutor em Antropologia Social.

Os trabalhos de Silva nos permitem acessar aspectos culturais normalmente restritos aos integrantes da comunidade boliviana. A dissertação de 1995 compreende a contextualização da questão migratória na América Latina, a etnografia de um grupo de bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo, a abordagem do processo de reprodução social desses imigrantes e a recriação de alguns valores de sua cultura (SILVA, 1995, *passim*); a tese defendida pelo pesquisador traz uma análise do processo de recriação cultural das festas devotas buscando entender o significado delas para os imigrantes bolivianos (SILVA, 2002, *passim*).

O autor relatava em 1995 que a forma mais comum, para os bolivianos, de ingressar no Brasil era viajando de trem de Santa Cruz até Puerto Quijarro, onde se tomava um ônibus para

³¹ Ibid.

Corumbá (MS). Ainda seria possível, na época, cruzar a fronteira a pé ou em táxi, sem qualquer tipo de controle. Quando houve um grande fluxo de “turistas” bolivianos cruzando a fronteira em fevereiro de 1995, a polícia passou a exigir a apresentação de U\$500,00 (quinhentos dólares) no ato da entrada como uma demonstração de que o migrante teria condições de se manter no Brasil durante a vigência do visto de turista. Isso teria estimulado o surgimento de “atravessadores”, que passaram a agir de modo semelhante aos “coyotes” na fronteira do México com os Estados Unidos.

Os que se dirigiam a São Paulo, de acordo com os dados levantados por Silva no fichário da Pastoral do Migrante, seriam oriundos principalmente de La Paz. Os demais departamentos bolivianos citados eram, em ordem decrescente, Cochabamba, Oruro, Potosi e Santa Cruz. A pesquisa de Silva indicou que os bolivianos indocumentados que trabalhavam no ramo da costura eram, em sua maioria, do sexo masculino e tinham pouco domínio da língua portuguesa, especialmente os que se encontravam numa faixa etária mais elevada. Estes bolivianos de mais idade, no entanto, informavam dominar outra língua, como quéchua ou aimará, além do castelhano. A maioria dos jovens declarava não possuir a mesma competência linguística, dominando apenas o castelhano.

Cabe destacar, ainda, o processo de “‘desnudamento' cultural” identificado por Silva (1995, p. 89). Nesse processo, os empregadores orientavam os bolivianos a mudar o modo de se vestirem, ou seja, a abandonarem o estilo altiplânico, de tonalidades escuras, e adotar tonalidades mais claras e estilo esportivo, usando jeans e camiseta de malha. As orientações se estendiam à adoção de um novo estilo de vida, incluindo o estabelecimento de novos hábitos alimentares e de higiene, bem como à recomendação de não gastar dinheiro com bebida e outras coisas consideradas supérfluas.

O trabalho dos bolivianos também foi abordado detalhadamente por Silva. O tempo desses migrantes que se dedicam à costura seria regulado de modo predominante pelo processo produtivo, que apresenta variação de intensidade ao longo do ano. Entre os meses de agosto e novembro se dá, normalmente, o pico de produção. Jornadas longas que, nesse período de alta na produção seguiam fim de semana adentro, resultavam numa rotina embrutecedora. Silva assinalava que a música contínua e em alto volume, em geral boliviana, cumpria a função de criar nos trabalhadores a ilusão de que “o retorno vitorioso à pátria” estaria muito próximo. “Portanto, na medida em que se costura num ritmo frenético, para 'dar a produção', costura-se também sonhos, os quais podem se desvanecer aos poucos com o passar do tempo” (SILVA, 1995, p. 123).

Surge, anos mais tarde, o trabalho de Silveira Junior (2008), quem reúne argumentos para defender a tese de que a educação é movimento, travessia. O pesquisador elabora seu texto a partir de uma pesquisa de campo realizada com imigrantes bolivianos em São Paulo, e chama nossa atenção para a travessia realizada pelos que, deixando o altiplano, atravessam planícies e florestas

até chegar a São Paulo. É muito marcante, nesse trabalho, a ideia de deslocamento.

O pesquisador afirma que os bolivianos, quando se dispõem a abandonar seu país, se defrontam com “uma travessia repleta de incertezas, tornando-se assim habitantes permanentes dos espaços fronteiriços mesmo quando se estabelecem numa grande metrópole” (2008, p. 54). Vivem entre o sonho de uma vida melhor e a realidade das condições adversas, sofrendo o estatuto das culturas na era da globalização na sua própria existência. O migrante boliviano ainda não teria se estabelecido: estaria em permanente deslocamento.

Outros dois trabalhos contribuíram para nossa compreensão das dificuldades e dos desafios enfrentados pelos bolivianos no âmbito da educação. O primeiro, de Maria Eta Vieira (2010), é uma tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação, na qual a autora realiza uma investigação sobre o ensino de português como língua estrangeira para falantes de espanhol, especialmente para bolivianos residentes em São Paulo. A pesquisadora mobiliza conceitos como cultura, identidade, preconceito, estereótipos, multiculturalidade, ensino de línguas e comportamento intercultural, e apresenta dados e reflexões de grande valia para os que pretendam desenvolver semelhante prática. Vieira tenta contribuir, através de sua tese, para a quebra de barreiras entre professores e alunos migrantes.

O segundo trabalho é a dissertação de Magalhães (2010), que tem como principal objetivo “entender *como* está sendo realizado o direito humano à educação para os e as imigrantes da Bolívia que vivem em São Paulo” (2010, p.8) no momento da pesquisa. O estudo é relevante por realizar uma articulação entre a realidade dos migrantes bolivianos e as questões legais que incidem sobre seu acesso à educação através da problematização da relação entre “o direito de *todos* e os direitos dos *cidadãos*”. Para tal, a pesquisadora analisa a legislação nacional e internacional sobre o tema e percorre a literatura contemporânea sobre migrações internacionais e sua interface com o campo dos Direitos Humanos. Ficam evidentes na pesquisa as violências sofridas pelos bolivianos na dura batalha pelo acesso aos seus direitos.

Já Ubiratan Silva Alves (2011, *passim*), na tese *Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o futebol*, realiza interessante trabalho ao utilizar o método etnográfico a fim de estudar os significados da prática do futebol pelos bolivianos em São Paulo, na Praça Kantuta, bem como as figurações sociais, as relações de poder, a diferenciação e as redes de interdependência relacionadas à referida prática. O pesquisador expõe, entre outras situações, a realidade vivida pelas equipes de futsal pesquisadas: elas têm “delegados” que são os “donos” dos times, e que são normalmente donos de oficinas. Assim, certo poder é exercido sobre os jogadores numa relação de dominação e exploração que parece ir além das paredes das oficinas de costura, chegando às linhas da quadra de jogo.

O trabalho de Xavier (2010), que já citamos nos itens anteriores, nos trouxe inúmeras contribuições. Ademais de dar a conhecer a lógica da inserção territorial dos migrantes bolivianos em São Paulo, a autora analisa as trajetórias urbanas desses migrantes e procura apontar os sentidos nelas contidos. Tais trajetórias estariam inscritas nos projetos migratórios dos bolivianos. Durante nossa pesquisa estabelecemos um diálogo constante com esse trabalho, justamente por tratarmos da construção de um território como objeto de discurso – o que veremos detalhadamente mais adiante.

Ressaltamos que a partir de 2011 foram se multiplicando as pesquisas publicadas a respeito do coletivo boliviano em São Paulo em diversas áreas: História, História Social, Antropologia Social, Direito, Sociologia. Todas trazem contribuições interessantes para os que pretendam estudar a presença boliviana na capital paulista, mas algumas se afastam um pouco do foco deste trabalho, ou retomam referências já utilizadas aqui.

Parece-nos relevante destacar, desses trabalhos mais recentes, o de Preturlan (2012), pois “visa responder em que medida as diferenças e hierarquias de classes sociais constituem uma dimensão relevante para a análise e compreensão de fluxos migratórios, especialmente aqueles marcados por forte mobilidade espacial, como o fluxo boliviano para São Paulo” (2012, p. 13). Ela afirma que a dimensão de classe social surge em diversas obras de Sidney da Silva, mas não é adotada como dimensão prioritária de análise.

É interessante para nosso trabalho a hipótese que orientou a investigação realizada pela pesquisadora, pois nela a extração de classe dos migrantes e sua situação de classe nos locais de destino seriam dimensões centrais para compreender não apenas os diferentes perfis dos fluxos migratórios, mas também suas condições de integração e relação com o Estado e o espaço público. Considerar as diferenças de classes sociais seria importante para compreender as estratégias e trajetórias dos migrantes.

Conforme se verifica em outras pesquisas, Preturlan reforça a ideia de que é difícil determinar a dimensão do fluxo migratório boliviano para São Paulo. Assim, é muito comum que se recorra a estimativas da Polícia Federal e do Consulado da Bolívia em São Paulo, que trabalhariam com números entre 50 mil e 250 mil bolivianos vivendo na RMSP. E afirma que, mesmo que não se possa mensurá-lo de maneira precisa, “este é o maior fluxo migratório recente na região e tem sido responsável por intensas transformações na paisagem urbana de algumas localidades” (2012, p. 56).

A pesquisadora trata de outro ponto que nos parece bastante interessante: a origem da migração boliviana contemporânea para São Paulo. Preturlan acredita haver ainda certa controvérsia sobre esse tema em função de indícios de uma predominância de centros urbanos como origem dos migrantes e de, ao mesmo tempo, alguns autores sugerirem que essa migração teria uma origem rural.

Essa controvérsia não se resolveria com facilidade porque parte dos migrantes bolivianos negariam sua origem para evitar discriminação. Quando tivemos oportunidade de ministrar aulas de inglês para bolivianos frequentadores da Feira Kantuta, perguntamos de que lugar da Bolívia eles vinham. Uma parte do grupo já se conhecia e quase todos diziam ter vindo de Santa Cruz. A reação de alguns desses alunos diante dessa resposta era de riso acompanhado de alguma expressão que colocava em dúvida tal origem.

Preturlan relaciona a negação da origem na zona rural ao mito do “roceiro”, associado à migração brasileira de Minas Gerais para os Estados Unidos. Ele sofreria, ao chegar ao país de destino, um rebaixamento de status.

Embora grande parte dos migrantes bolivianos recentes não tenha origem na classe média na Bolívia, a maioria sofre rebaixamentos de status ao chegar ao Brasil, ao menos no início. Este fluxo migratório se tornou fortemente associado na mídia e no imaginário da população paulistana ao trabalho escravo ou, ao menos, em condições degradantes ou subumanas. (PRETURLAN, 2012, p. 61)

A figura do “roceiro”, segundo a pesquisadora, condensaria estereótipos associados a uma visão que homogeneizaria os migrantes bolivianos como “índios / camponeses / ignorantes / escravos”; seria, assim, uma figura externa da qual cada indivíduo buscaria se distanciar e diferenciar.

Outro trabalho importante, e que também já citamos aqui, é a dissertação de Júlia Spiguel Favaretto, intitulada *Descolonizando saberes: histórias de bolivianos em São Paulo* (2012). A autora analisa histórias de vida dos bolivianos por ela entrevistados sob diversos prismas, como subcidadania e vulnerabilidade, impacto da experiência da migração nas trajetórias individuais, efeitos do preconceito e discriminação, e importação de trabalhadores como mecanismo de produção de desigualdade. Favaretto, em suas considerações finais, apresenta uma reflexão que podemos colocar ao lado daquela de Preturlan que apresentamos acima e dizê-las complementares. A autora afirma que diversos estudos enfocam atualmente, sob diversos aspectos, a comunidade boliviana em São Paulo, apontando a necessidade de se conhecer essa população em sua diversidade e complexidade. Apesar disso, as condições de trabalho análogas à escravidão ainda persistem, como consta nas histórias de vida registradas e reproduzidas na dissertação. Favaretto aponta, no entanto, uma diferença, ao comentar o relato do informante identificado como “Andrés”:

o que vemos agora é uma tentativa de afastamento, por muitos bolivianos, de sua representação como escravos. Esse novo discurso, que nega ou rejeita a escravidão como uma realidade vivida por uma parcela significativa dos bolivianos em São Paulo, revela que o grupo assimilou a representação, pela sociedade brasileira, do trabalho escravo como uma condição subalterna. Assim, há uma tentativa em minimizar a miserabilidade em que vivem esses sujeitos e, como vimos em Andrés, o estigma da escravidão, que, no Brasil, remete à escravidão negra. Os bolivianos não aceitam essa representação, já que eles também consideram os negros como inferiores. Isso pôde ser compreendido na passagem em que ele conta que os bolivianos brasileiros eram chamados de negros em Buenos Aires, por trabalharem demais. Os estigmas

vivenciados não são necessariamente esclarecedores daqueles vividos por outros grupos sociais. (2012, p. 171)

Retomaremos nuances da discriminação em relação aos bolivianos ao longo deste trabalho, bem como voltaremos às referências aqui mencionadas para abordar a presença boliviana em São Paulo a partir de uma perspectiva linguística.

4. Algumas considerações

Apresentamos neste capítulo um breve histórico da imigração boliviana a fim de contribuir para uma melhor compreensão do nosso estudo. Dividimos o capítulo em três partes. Vimos, na primeira delas, que as migrações internacionais bolivianas, de modo geral, não constituem algo novo, mas ficaram mais diversificadas a partir de 1980 – havendo uma escola etnográfica, inclusive, que considera as migrações na Bolívia como sendo pautadas por origens culturais andinas.

A segunda parte contém aspectos básicos sobre o movimento migratório Bolívia-Brasil. Levantamos dados que podem reforçar a hipótese de Xavier (2010) sobre a origem cochabambina do primeiro grande fluxo de migrantes para o Brasil entre 1950 e 1951. Ademais, tratamos da origem e do perfil migratório a partir de 1980, que marca diferença em relação ao perfil migratório do fluxo anterior. O fluxo mais recente, por diversos fatores, teria como origem a cidade de El Alto.

A terceira parte relaciona contribuições feitas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. As pesquisas mencionadas permitem a construção de um olhar sobre o coletivo boliviano em São Paulo que considere a trajetória desse coletivo migrante, suas características e o modo como se inserem no cotidiano da cidade, suas trajetórias urbanas, os desafios enfrentados e de que forma recriam valores e práticas culturais. Buscou-se apenas introduzir algumas das ideias centrais desses trabalhos; assim, outras contribuições por eles proporcionadas surgirão ao longo deste estudo.

Conforme veremos no próximo capítulo, o modo como os migrantes bolivianos se relacionam com o espaço público, como eles se apropriam do espaço, guarda alguma relação com os deslocamentos que acabamos de abordar. Trataremos da forma como eles se apropriam do espaço na Bolívia, e também fora dela, dando especial atenção às feiras. Além disso, apresentaremos um breve histórico da Feira Kantuta – espaço no qual realizamos nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2

Conquista, construção e apropriação do espaço público

Pesquisar o funcionamento da língua espanhola em contato com o português brasileiro no ambiente da chamada Feira Kantuta requer, para o estudo que realizamos, uma abordagem da história dessa feira desde suas origens. Isso, para nós, também implica em lançar um olhar, ainda que de modo breve, sobre a relação dos bolivianos com espaços públicos, praças em especial, e as feiras realizadas na Bolívia e nos países em que a migração boliviana é presença marcante.

Trataremos neste capítulo dessa relação e abordaremos, ainda, a Feira Kantuta a partir de uma descrição de seu funcionamento pouco depois da celebração de seus 10 anos de realização na Praça Kantuta. Apresentaremos um breve histórico da feira, desde o início no Pari, passando pela “expulsão dos bolivianos”, até a criação da Praça Kantuta, colocando em foco a relação espaço/poder que permeia essa história.

1. O espaço público na Bolívia

Falar em espaço público implica em defini-lo. Só então é possível abordá-lo de maneira adequada. E, no caso de nossa pesquisa, é importante realizar algumas delimitações. Partiremos, primeiramente, da noção de espaço proposta por Macchiavello (2008, p. 39):

a de um espaço dinâmico, que está em construção e embora o homem presente se defronte com condições dadas (herdadas da história), não são as ações passadas materializadas na base material que condicionam o presente, mas as ações do presente que legitimam o passado. Eis a possibilidade da construção de um novo espaço, do *espaço transitório*, a partir da ação criadora das gerações do presente.

A autora, que estuda os nexos coletivos solidários e cooperativos na cidade de El Alto, afirma que o espaço seria síntese histórica do desenvolvimento das forças produtivas, porém corroborada pelo trabalho presente. As migrações bolivianas atuais, conforme abordadas no capítulo anterior, poderiam guardar alguma relação com o que afirma a pesquisadora. Uma articulação do que vimos a respeito da tradição migratória com as contribuições apresentadas neste capítulo pode ser útil à construção de uma interpretação da situação dos bolivianos em São Paulo.

Passemos à definição de espaço público. Entre as diversas possibilidades disponíveis,

preferimos adotar esta abordagem de Manuel Delgado:

“De entrada, espacio público podría ser una forma de referirnos a los espacios colectivos de una trama urbana: calle, plaza, vestíbulo, andén, playa, parque..., entornos abiertos y accesibles sin excepción en que todos los presentes miran y se dan a mirar unos a otros, en que se producen todo tipo de agenciamientos, unos microscópicos, otros tumultuosos; a veces armoniosos, a veces polémicos. Ese espacio sólo existe como resultado de los transcurros que no dejan de atravesarlo y agitarlo y que, haciéndolo, lo dotan de valor tanto práctico como simbólico. En tanto espacio de todos, no podría ser objeto de posesión, pero sí de apropiación. Apropiarse de una cosa no es poseerla, sino reconocerla como propia, en el sentido de apropiada, es decir apta o adecuada para algo. Por ello –al menos conceptualmente– la calle o la plaza, en tanto que espacios públicos, no pueden conocer sino usuarios, es decir, individuos que se apropian de ellas en tanto que las usan y sólo mientras lo hacen. Ahora bien, ese principio de libre accesibilidad, del que depende la realización de la naturaleza de ese espacio en tanto que público, se ve matizado en la medida en que quienes se arrogan su titularidad –la Administración, que entiende lo público como lo que le pertenece– puede considerar inaceptables e inadecuados –es decir inapropiados– ciertos usos que no se adecuan a sus expectativas de modelación de lo que deberían ser los escenarios sociales por excelencia”³². (DELGADO³³ 2008 apud TISSONI 2012, p. 15-16)

Tissoni investiga o caso da comunidade cochabambina em Barcelona no âmbito da apropriação sociodesportiva de espaços públicos urbanos. Sabemos que a prática desportiva, de futebol em especial, é uma prática comum dos migrantes bolivianos. Por ora, como este não é o foco do nosso trabalho, detenhamo-nos na ideia de que o espaço público somente existe como resultado dos transcurros que não deixam de atravessá-lo e agitá-lo e que, ao fazê-lo, dotam-no de valor tanto prático como simbólico. Veremos, mais adiante, que essa ideia permitirá entender alguns aspectos do que ocorre a cada domingo na Praça Kantuta.

Considerando que estamos tratando da apropriação do espaço urbano e que parte dos protagonistas dessa atuação sobre o espaço realiza um percurso, conforme discussão apresentada no capítulo anterior, do meio rural ao urbano antes de chegar a São Paulo, parece-nos pertinente a seguinte observação de García Canclini (2010, p. 260):

Hemos pasado de sociedades dispersas en miles de comunidades campesinas con culturas tradicionales, locales y homogéneas, en algunas regiones con fuertes raíces indígenas, poco comunicadas con el resto de cada nación, a una trama mayoritariamente urbana, donde se dispone de una oferta simbólica heterogénea, renovada por una constante interacción de lo local con redes

³² Tradução livre: “De entrada, espaço público poderia ser uma forma de nos referirmos aos espaços coletivos de uma trama urbana: rua, praça, vestíbulo, plataforma, praia, parque..., entornos abertos e acessíveis sem exceção em que todos os presentes olham e se dão a olhar uns aos outros, em que se produzem todo tipo de agenciamientos, uns microscópicos, outros tumultuosos; às vezes harmoniosos, às vezes polémicos. Esse espaço só existe como resultado dos transcurros que não deixam de atravessá-lo e agitá-lo e que, ao fazê-lo, dotam-no de valor tanto prático como simbólico. Enquanto espaço de todos, não poderia ser objeto de possessão, mas sim de apropriação. Apropriar-se de uma coisa não é possuí-la, mas reconhecê-la como própria, no sentido de apropriada, ou seja, apta ou adequada para algo. Por isso – ao menos conceitualmente – a rua ou a praça, enquanto espaços públicos, não podem conhecer senão usuários, ou seja, indivíduos que se apropriam delas enquanto as usam e somente enquanto o fazem. Contudo, esse princípio de livre acessibilidade, do qual depende a realização desse espaço enquanto público, se vê matizado na medida em que aqueles que se adjudicam sua propriedade – a Administração, que entende o público como o que lhe pertence – pode considerar inaceitáveis e inadequados – ou seja, inapropriados – certos usos que não se adequam a suas expectativas de modelação do que deveriam ser os cenários sociais por excelência”.

³³ DELGADO, M. (2008) *Apropiaciones inapropiadas. Usos insolentes del espacio público en Barcelona*. [En línea] <http://www.ciutatsoacional.net/textos/textosprincipalcst/delgado.htm>.

nacionales y transnacionales de comunicación.³⁴

Isso nos permite um avanço consistente na compreensão do que ocorre na Bolívia e que, como veremos adiante, se reproduz em alguma medida na cidade de São Paulo. Retomemos o trabalho de Macchiavello que, ao tratar do espaço urbano, afirma:

A cidade é o espaço mais visível da produção da natureza social do homem. Na verdade, a cidade é a expressão mais acabada do processo em que o homem *humaniza a natureza*. Historicamente é no espaço urbano onde o homem resolve o problema da água, da habitação, da luminosidade para milhões de pessoas, não sendo por acaso que o raio da cidade vai se expandindo mais do que o crescimento da população rural. O homem se liberta dos limites impostos pelo meio natural *humanizando*, como ato teleológico, o espaço para sua habitação: a cidade. (2008, p. 46)

A questão que se apresenta é de que forma isso acontece, especialmente na Bolívia. A relação dos bolivianos com o espaço urbano e suas formas de apropriação dos espaços públicos é que nos interessam neste momento. Não nos cabe, aqui, esgotar esse tema, razão pela qual optamos pela abordagem de um caso bem particular: a cidade de El Alto. A escolha se deu a partir da indicação que os estudos mencionados no capítulo anterior fazem a respeito da procedência da maioria dos migrantes bolivianos que compõem o fluxo recente dessa coletividade para São Paulo.

El Alto, segundo Hillenkamp (2011), experimentou um salto populacional que a fez passar de 95.000 habitantes em 1976 para 647.000 em 2001. A pesquisadora afirma que a cidade, que teria nascido como um espaço de atração urbana vinculado a La Paz e alimentado por intensas migrações rurais durante décadas, viveu sua fase mais aguda de ajuste estrutural entre 1985 e 1987, quando recebeu milhares de mineiros “relocalizados”.

A autora afirma que as ondas sucessivas de migrantes para El Alto desenharam uma cidade não planejada:

Dentro de la ciudad, los migrantes están asentados en lotes informales, cuya legalización requiere en general varios años y a veces décadas. Estos lotes se agrupan dentro de zonas o *villas*, estructuradas alrededor de plazas donde se ubican las instituciones públicas y privadas (escuelas, puestos de salud, centros sociales, terrenos deportivos, mercados o ferias, etc.) y vinculadas por inmensas avenidas rectilíneas.³⁵ (HILLENKAMP, 2011, p. 361)

Segundo a pesquisadora, a população de El Alto mantém, por um lado, fortes vínculos com seus lugares de origem no campo, e 80% dela teria saído de zonas rurais do departamento de La Paz. Haveria uma integração campo-cidade alimentando um sentimento de pertencimento dos

³⁴ Tradução livre: “Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades campesinas com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, pouco comunicadas com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, onde se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação”.

³⁵ Tradução livre: “Dentro da cidade, os migrantes estão assentados em lotes informais, cuja legalização requer, em geral, vários anos e às vezes décadas. Esses lotes se agrupam dentro de zonas ou *villas*, estruturadas ao redor de praças onde se situam as instituições públicas e privadas (escolas, postos de saúde, centros sociais, terrenos desportivos, mercados ou feiras etc.) e ligadas por imensas avenidas retilíneas”.

habitantes de El Alto ao mundo rural e de identificação com a cultura aimará. Hillenkamp afirma que, por outro lado, a migração que a cidade atrai deve-se ao conjunto que ela forma com La Paz, representando para moradores da zona rural uma oportunidade de ascensão socioeconômica, através do acesso à educação e a novas possibilidades de trabalho.

Recuperando a pesquisa de Macchiavello, que investiga “*O espaço transitório na cidade de El Alto, Bolívia*”³⁶, e o faz a partir de uma perspectiva marxista, encontramos reflexões que revelam uma visão dessa cidade que leva em consideração o que autora denomina como espaço de resistência e espaço de transição. Ela entende por “*espaço de resistência* a construção da negação por parte de um coletivo em aceitar mudanças que afetem a forma de produzir sua existência do modo que fazem até então”; e que o “*espaço de transição* é criado quando esta luta continua para além da resistência e se organizam e constituem relações diferentes da racionalidade do capital, ainda que com base nas condições materiais (forças produtivas) criadas pelo capitalismo” (2008, p.48).

A forma do espaço urbano de El Alto explicitaria plenamente, segundo a pesquisadora, o modo de produção capitalista, o que estaria levando ao resgate de formas antigas de coletividade “para fazer frente a um presente em que as possibilidades estão se esgotando e o futuro ainda não se concretizou” (2008, p. 49). Nessa cidade, que já foi representada literariamente como a “cidade do futuro”, conforme vimos no capítulo anterior, a organização coletiva e comunitária nas mobilizações sociais é facilitada, segundo a autora, pela forma de autoconstrução mediante a qual se ergueu e se continua constituindo a cidade:

A lógica e práticas comunitárias neste espaço são fruto de sua composição através da migração tanto rural quanto minera, ambas assentadas em formas de organização coletiva. A (re)alocação de ex-mineiros sindicalizados e a intensa (e quase permanente) migração de famílias rurais, organizadas a partir do *ayllu*³⁷, são duas fontes históricas de práticas militantes que confluem e conformam este espaço. A forte articulação vicinal se situa dentro deste contexto, onde famílias e mineiros se vêem obrigados a se organizar para tornar este arenoso território habitável. (2008, p. 88)

³⁶ Título de sua dissertação.

³⁷ Definido no dicionário quéchua-castelhano de Jesús Lara (2010, p. 69) como “linhagem” ou “parentesco”, o *ayllu* seria, segundo Freitas (2012, p. 73), “a categoria tradicional chave que opera para reconstituir as bases uma nova forma de solidariedade social, assumida como ancestral, é *ayllu*. Essa categoria remete à ideia de 'comunidade', para a qual o *ayllu* é fundamento. Pela força da característica histórica do processo de formação do Estado nacional boliviano, que manteve de maneira relativamente isolada algumas populações do altiplano (como aquelas localizadas no Norte de Potosí), a ideia de 'comunidade originária' pode ser encarada de maneira verossímil e legítima para ativar um imaginário sobre a vida indígena pré-colonial. Nesse sentido, no altiplano, a comunidade é ainda percebida como a forma política originária e depositária da cultura andina, funcionando como um referencial chave para muitos dos *quechuas* e *aymaras* que vivem nas cidades, independentemente de há quanto tempo tenham deixado o campo. Em geral, as famílias do altiplano que vivem em um *ayllu* estão ligadas por laços de parentesco (consanguíneos e/ou sociais), a terra é comunal, as atividades econômicas se estruturam com base em princípios de reciprocidade, que regulam os trabalhos. A organização política e a chefatura se dão em ciclos (em geral, de um ano, mas o período pode variar muito) e por rotação. Desse modo, membros de todas as parcelas/famílias que compõem o *ayllu* cedo ou tarde exercerão cargos de liderança”.

Ela afirma, ainda, que a expansão da cidade dever-se-ia principalmente à práxis de autoconstrução e autofinanciamento, e que 80% das casas teriam sido autoconstruídas – o que também teria ocorrido com espaços coletivos como quadras de futebol, praças e calçamento das ruas. Já a criação e expansão das feiras (*qhathus*, em aimará) reproduziriam, em certa medida, as lógicas rurais, estando ligadas ao crescimento migratório. Macchiavello afirma que não existem centros comerciais nem supermercados em El Alto, onde as frutas e verduras são vendidas em pequenos postos ambulantes, espalhadas em mantas no chão ou feiras.

Segundo Simón Yampara, sociólogo aimará entrevistado pela pesquisadora,

el contacto y articulación con el área rural también se ven en el hecho de que estas personas prefieren estar al aire libre, con el polvo que se mezcla hasta con la comida, algo de la tierra. Si hay lluvia, se ponen plásticos y ya está. Tienen una lógica de interacción con la naturaleza, es que aquí en los Andes todo tiene vida. Ya ha habido tentativas de hacer infraestructuras adecuadas, pero ellos no quieren. [...] Además, es importante el contacto personal. Tiene que haber contacto entre comprador y vendedor en que ambos salgan satisfechos a partir de una negociación de rebaja y yapa.³⁸ (MACCHIAVELLO, 2008, p. 105)

Um aspecto é destacado por Macchiavello: as feiras teriam crescido nos últimos anos, e com uma aparente e cada vez mais intensa articulação ao mercado mundial, com o surgimento progressivo de produtos e artigos industriais; no entanto, as relações sociais dos participantes continuariam sendo as principais dinamizadoras das feiras, o que as levaria a se sobressaírem como lugar de encontro. Para afirmá-lo, ela se baseia na formulação de Yampara Huarachi (2007, p. 22):

De alguna manera, las ferias campesinas se han convertido en una especie de oasis en mitad del altiplano, principalmente aquellas que constituyen la única forma de acceder a los productos de primera necesidad. Asimismo, conceden un lugar para el descanso, los negocios y las relaciones. Y la misma mujer que vende sus productos, al final de la tarde compra lo que necesita para su propia canasta familiar.³⁹

Yampara pesquisa a Feira 16 de julho, a maior de El Alto, que se realiza às quintas e domingos. Segundo Fernández (2008, p. 32 et seq.), a feira tem suas origens no Mercado Santos Mamani, criado em 1960. Ele teria ficado pequeno para acomodar todos os comerciantes, o que rapidamente fez com que a feira se expandisse para a rua – sendo criadas, então, quatro associações de vendedores. Com o Decreto Supremo N° 21060 de 1985, mencionado no capítulo anterior,

³⁸ Tradução livre: “o contato e articulação com a área rural também se vê no fato de que essas pessoas preferem estar ao ar livre, com a poeira que se mescla até com a comida, algo da terra. Se chove, colocam plásticos e basta. Eles têm uma lógica de interação com a natureza, pois aqui nos Andes tudo tem vida. Já houve tentativas de construir infraestruturas adequadas, mas eles não querem. [...] Ademais, é importante o contato pessoal. Deve haver contato entre comprador e vendedor, no qual ambos saíam satisfeitos a partir de uma negociação de desconto ou brinde.”

³⁹ Tradução livre: “De alguma maneira, as feiras campesinas se transformaram em uma espécie de oásis no meio do altiplano, especialmente aquelas que constituem a única forma de ter acesso a produtos de primeira necessidade. Da mesma maneira, proporcionam um lugar para o descanso, os negócios e as relações. E a mesma mulher que vende seus produtos, no fim da tarde compra o que necessita para sua própria cesta familiar.”

muitos passaram a se dedicar ao comércio. Um censo realizado em 1999 indicou que a feira ocupava aproximadamente 60 quadras. O mapa abaixo mostra a área que ela ocupava em 2009, destacada em azul, e o ponto vermelho indica a localização do Mercado Santos Mamani⁴⁰:

Entrevistado por Macchiavello, Yampara afirma:

Vienen personas de todos los lados de Bolivia, pero más que nada de las proximidades de La Paz. Hay omnibuses que organizan eso, pero generalmente lo que hay son comerciantes que se mueven en redes, o sea, hoy hay *qhathu* en El Alto, mañana en Oruro, después en Santa Cruz, es decir se mueven⁴¹. (MACCHIAVELLO, 2008, p. 110)

A questão que se nos apresenta é se esse movimento em rede continuaria a funcionar no seio da comunidade boliviana em outros países; é claro, nos perguntamos também a respeito daquilo que os migrantes bolivianos carregam consigo, além da maneira com que se organizam na própria feira. Como as línguas, por exemplo, seguiriam com eles? A feira 16 de julho, também chamada *Jach'a qhathu*⁴², teria equivalentes em outros países? Em que medida e como se conserva, nas comunidades bolivianas em outros países, em especial no Brasil e em São Paulo, essa marca do

⁴⁰ Mapa modificado pelo autor. Mapa original obtido em <http://elaltodigital.blogspot.com.br/2009/12/mapa-de-la-feria-16-de-julio.html>. Último acesso: 19/11/2014.

⁴¹ Tradução livre: “Vêm pessoas de todos os lados da Bolívia, mas principalmente das proximidades de La Paz. Há ônibus que organizam isso, mas geralmente o que há são comerciantes que se movem em rede, ou seja, hoje há *qhathu* em El Alto, amanhã em Oruro, depois em Santa Cruz, ou seja, se movem.”

⁴² Conforme glossário elaborado por Yampara (2007, p. 108): feira grande com características dos *ayllus* rurais e da cosmovisão andina.

rural no urbano que aparece nesse tipo de feira?

2. Os migrantes bolivianos e o espaço público

Algumas pesquisas realizadas sobre a presença boliviana nos países escolhidos como destino nos ajudam a encontrar respostas para as perguntas que acabamos de mencionar. Nava (2007, p. 45 et seq.), por exemplo, ao tratar da migração boliviana para os Estados Unidos, já nos oferece indicações de como se dá a relação desses migrantes com o espaço público naquele país, apesar de não ser esse o foco de sua pesquisa.

A pesquisadora cita, primeiramente, as dificuldades e os desafios enfrentados pelos migrantes que vivenciam a condição de trabalhadores indocumentados, recebendo baixos salários, sem estabilidade no trabalho, sob ameaça constante de deportação, sofrendo com a separação de suas famílias. Ainda assim, estimativas apontavam que no ano 2000 viviam aproximadamente 600.000 bolivianos nos Estados Unidos, sendo 150.000 apenas em Washington D.C.

Este coletivo contaria com uma forte representação cultural e simbólica, o que se poderia notar a partir da formação de “*barrios*”, ou grandes concentrações dessa população, em Arlington, Manassas e Falls Church. Migrantes transitórios estariam em constante movimento; os que procedem de áreas rurais dividiriam aluguel com bolivianos ou outros latinos, mudando-se quando necessário ou ao encontrar algo mais barato e sem obrigação por tempo determinado.

Nava afirma que haveria estratégias de perpetuação da identidade cultural estimulando um forte senso de sua cultura através do incentivo ao estudo de línguas e danças bolivianas. Até o momento em que ela realizava sua pesquisa, havia mais de 20 organizações bolivianas que procuravam, entre outros objetivos, reforçar a identidade cultural boliviana nos Estados Unidos.

Bolivians participate actively in the reproduction of traditional dances. In Arlington, folk dancers participated in about ninety cultural events, nine major parades (including the Bolivian National Day Festival) and twenty-two smaller parades and festivals in 1996 and have kept on doing it since then. The dancers also participated in almost forty presentations in schools, theaters, churches and other venues. Sponsored by the Pro-Bolivia Committee, an umbrella organization of arts and dance groups, these Bolivian folk dancers performed before thousands of spectators. Millions more watched the performances on television. Held every year on the first Sunday of August, the Bolivian National Day Festival is sponsored by the Arlington Department of Parks and Recreation and attracts about 10,000 visitors.⁴³ (NAVA, 2007, p. 52)

⁴³ Tradução livre: “Os bolivianos participam ativamente da reprodução de danças tradicionais. Em Arlington, dançarinos folclóricos participaram de aproximadamente noventa eventos culturais, nove grandes desfiles (incluindo o Festival do Dia Nacional da Bolívia) e vinte e dois desfiles e festivais menores em 1996 e continuaram a fazê-lo desde então. Os dançarinos também participaram de quase quarenta apresentações em escolas, teatros, igrejas, e outros locais. Patrocinado pelo Comitê Pró-Bolívia, uma organização guarda-chuva que abriga grupos de arte e dança, esses dançarinos folclóricos bolivianos atuaram diante de milhares de espectadores. Outros milhões assistiram às performances pela televisão. Ocorrendo todos os anos no primeiro domingo de agosto, o Festival do

Com uma migração que teria se iniciado nos anos 1970, e se consolidado entre as duas décadas seguintes, diversos espaços são ocupados pelos bolivianos em Arlington. Há, inclusive, registros do desfile de distintos grupos folclóricos pelas ruas⁴⁴. Não nos foi possível, no entanto, encontrar registros de feiras bolivianas, mas de *food trucks* e restaurantes que vendem comida boliviana⁴⁵.

Encontramos exemplos um pouco diferentes na Espanha. O esporte é apontado por Eguren (2012, p. 190) como um dos elementos aglutinantes de migrantes andinos em Madrid. Bastaria observar os parques, jardins, centros desportivos, enfim, um sem número de lugares em que se pode observar os migrantes praticando esportes. Os parques, segundo o autor, costumam ser definidos previamente como um lugar de encontro de antemão, desde o país de origem, ou seja, muitos viajam acreditando que num determinado parque encontrarão seus parentes e conterrâneos, e poderão encontrar respostas para suas perguntas e a satisfação das necessidades de sua estada em Madrid. São retratados dois momentos através de relatos distintos. O primeiro é de um informante boliviano identificado como Omar:

Y también hay otra cuestión que quería decirte y es que en esta época, hace 4 años atrás, fue cuando nos dimos cuenta de lo que está llegando porque se volvía “punto de encuentro”. Llegaban al aeropuerto y decían: “Doce de Octubre, Doce de Octubre...”. Era punto de encuentro y de contacto nada más llegar al aeropuerto. [...] En esa época no había restaurantes bolivianos⁴⁶. (EGUREN, 2012, p. 192)

O estudo apresenta, em seguida, o depoimento de outro informante boliviano identificado como Carlos:

antes no había dónde reunirse, si querías comer algo boliviano tenías que ir al Doce de Octubre. Si te apetecía algo especial ibas allí. Alguna gente tenía en su domicilio pero eso no era restaurante, tenías que conocerlo y tal, desde el momento que tienes los restaurantes te vas allí, ya no vas al 12 de Octubre⁴⁷. (EGUREN, 2012, p. 193)

O autor considera que os migrantes bolivianos, entre outros migrantes andinos focalizados no estudo realizado, se apropriam de determinados espaços em locais públicos de Madrid como

Dia Nacional da Bolívia é patrocinado pelo Departamento de Parques e Recreação de Arlington e atrai aproximadamente 10.000 visitantes”.

⁴⁴ Um dos muitos registros encontra-se disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=i5IngysQ_vc. Último acesso em 19/11/2014.

⁴⁵ Uma lista (http://www.yelp.com/search?find_desc=Bolivian+Food&find_loc=Arlington%2C+VA) com indicações e uma reportagem (<http://www.arlingtonmagazine.com/March-April-2014/Dama%20Pastry%20&%20Cafe-Acme-Pie-Co-La-Cochabambina-Chasin-Tails/>) indicam opções em Arlington.

⁴⁶ Tradução livre: “E também há outra questão que eu queria te dizer e é que nessa época, a 4 anos atrás, foi quando nos demos conta de quem estava chegando porque se tornava 'ponto de encontro'. Chegavam ao aeroporto e diziam: 'Doce de Outubro, Doce de Outubro...'. Era ponto de encontro e de contato assim que se chegava ao aeroporto. [...] Nessa época não havia restaurantes bolivianos.”

⁴⁷ Tradução livre: “Antes não havia onde ir para se reunir, se queria comer algo boliviano, tinha que ir ao 'Doce de Outubro'. Se te apetecia algo especial, ia ali. Algumas pessoas tinham em seu domicílio, mas isso não era restaurante, você precisava conhecer e tal, desde o momento em que tens o restaurante e vai até ele, você já não vai ao Doce de Outubro”.

parques, praças e jardins. Não se apropriam de todo o espaço físico, mas de espaços determinados e em dias específicos. Ele relata:

En el año 2005 detectamos que había vendedoras que llevaban más de ocho⁴⁸ vendiendo comida en los parques madrileños. Esto significa que han asentado ya su negocio ambulante y que han capeado muchos temporales por la presión policial. Por otra parte significa también que han fidelizado su clientela, quizás en parte a que muchos de ellas ya eran conocidos en su tierra. Por lo cual ya venían con una clientela creada en su propia tierra. Esta es una característica del transnacionalismo étnico. De manera que al principio de la “apertura” de su negocio ya tenía clientes. La táctica publicitaria del boca a boca o de boca a oreja resulta ser la más exitosa en este caso. Es una táctica que ya comienza a hacerse desde su barrio, pueblo o ciudad en su país de origen: “Vete a un parque que se llama Casa de Campo, en Madrid, donde está fulanita con su puesto de venta de nuestras comidas”⁴⁹.

Se encontramos relatos da ocupação boliviana de espaços públicos nos Estados Unidos e na Espanha, estes figuram sem qualquer informação que indique uma reprodução de feiras como a *Jach'a qhathu*, de El Alto, apesar da coincidência de atividade comercial envolvendo produtos alimentícios. É preciso considerar, ainda, que o perfil do migrante boliviano naqueles países, conforme vimos no primeiro capítulo, é um pouco diferente daquele encontrado nas migrações para os países do sul em geral, especialmente os limítrofes.

O caso da migração boliviana para a Argentina, por exemplo, já nos oferece um panorama algo distinto do que vimos nos países do norte. O que observamos a partir dos estudos aos quais tivemos acesso é uma ocupação muito mais ampla e sobre a qual já foram feitos diversos estudos. Parece-nos proveitoso que nos limitemos, neste trabalho, a apontamentos de uma pesquisa realizada por Cynthia Pizarro, além de mencionarmos um caso bastante específico: a feira La Salada.

Pizarro (2009, p. 39) afirma que é possível observar algumas regularidades na maneira em que os migrantes bolivianos que residem na Região Metropolitana de Buenos Aires (RMBA) se vinculam ao mercado de trabalho: eles se incorporam como mão de obra não qualificada na economia informal, no contexto de um mercado segmentado etnicamente. A inserção laboral desses migrantes se deu no setor hortícola em regiões periurbanas, enquanto nas áreas urbanas essa inserção se deu principalmente na construção, venda ambulante, comércio (predominantemente informal) e, em meados dos anos 1990, em oficinas de costura.

Redes sociais são ativadas entre os migrantes e seus familiares, vizinhos e amigos no país de origem, o que possibilitaria a migração em cadeia. Redes sociais também são geradas e ativadas no

⁴⁸ O texto não traz a especificação, mas acreditamos que o autor se refira a um período de oito anos.

⁴⁹ Tradução livre: “No ano de 2005 detectamos que havia vendedoras que havia mais de oito que estavam vendendo comida nos parques madrilenhos. Isso significa que já estabeleceram seu negócio ambulante e que já enfrentaram muitas tempestades devido à pressão policial. Por outro lado significa também que fidelizaram sua clientela, talvez em parte porque muitos delas já eram conhecidos em sua terra. Por isso já vinham com uma clientela criada em sua própria terra. Esta é uma das características do transnacionalismo étnico. De maneira que no início da 'abertura' de seu negócio tinha já seus clientes. A tática publicitária do boca a boca ou do boca a orelha resulta ser a mais exitosa neste caso. É uma tática que se começa a fazer desde seu bairro, povoado ou cidade em seu país de origem. 'Vá a um parque que se chama Casa de Campo, em Madri, onde está fulaninha com seu posto de venda de nossas comidas'.

destino e são interpretadas, segundo Pizarro, como estratégias que permitem que os migrantes enfrentem a hostilidade da sociedade nativa e, também, como estratégias de sobrevivência daqueles setores que se encontram em precárias condições econômicas e sociais (Pizarro 2009, p. 40).

Essas redes costumam ser relacionadas a certos lugares que são identificados com a coletividade boliviana. Assim, haveria “lugares bolivianos”, delimitados por critérios como localização geográfica (bairros, parques, praças), atividade econômica (feiras, mercados) e traços culturais (festas, rituais, bailes). Essas delimitações marcariam espaços sociais nos quais a “bolivianidade” – sentimento de pertença a um coletivo de identificação étnico-nacional que reside num país estrangeiro – poderia se expressar de maneira um pouco mais aberta.

Pizarro alerta que, em função de tantas pesquisas realizadas nos espaços em que se corporifica o sentimento de pertencimento à Bolívia, se poderia supor que esses “lugares bolivianos” conformam guetos nos quais os migrantes bolivianos estariam confinados. Ela afirma não querer minimizar o fato de esse coletivo ser estereotipado de modo negativo e profundamente discriminado, mas procura enfatizar a complexidade da “agentividade” desses migrantes. Tal complexidade foi introduzida pelos estudos transnacionais, que ampliaram as teorias migratórias.

Assim, a autora argumenta que os migrantes bolivianos implementam diversas práticas que conectam enclaves econômico-culturais localizados em diferentes pontos da RMBA que, tradicionalmente, se imaginava serem isolados. Isso pode estar relacionado à pergunta que deixamos em aberto na seção anterior sobre possíveis marcas do rural no urbano – e que retomaremos em outros pontos deste estudo. Pizarro afirma que não é possível reduzir a totalidade da vida social a subsistemas econômicos, políticos ou simbólicos, uma vez que o que circula nas interações são entramados simbólicos complexos que condensam múltiplos sentidos.

Así, el recorrido que hace un joven desde Escobar a Villa Lugano o Liniers para ir a bailar un viernes o sábado por la noche, es un ejemplo del holismo de la vida social. Este recorrido trans-urbano implica simultáneamente la circulación de una persona en el marco de relaciones familiares y laborales (ya que quizá irá con sus primos quienes fabrican las prendas que él vende en la Feria de Escobar), portando consigo ciertos objetos (puesto que quizá les lleve a sus primos fotos del último desfile que hizo el grupo de Caporales en el que ellos bailan en la fiesta del Señor de Lagunas que se hizo en Escobar), así como información y contactos políticos (sobre la visita que hizo recientemente el Cónsul de Bolivia en Buenos Aires a la Asociación Civil Boliviana de Escobar)⁵⁰. (PIZARRO, 2009, p. 42)

A pesquisadora nos oferece, dessa forma, um exemplo de como se pode dar a circulação de

⁵⁰ Tradução livre: “Assim, o percurso que faz um jovem de Escobar até Villa Lugano ou Liniers para ir dançar numa sexta ou num sábado à noite é um exemplo do holismo da vida social. Esse percurso trans-urbano implica ao mesmo tempo na circulação de uma pessoa no marco das relações familiares e laborais (já que talvez vá com seus primos que fabricam as roupas que ele vende na Feira de Escobar), portando consigo certos objetos (posto que talvez leve a seus primos as fotos do último desfile feito pelo grupo de Caporales em que eles dançam na festa do Senhor de Lagunas realizada em Escobar) assim como informação e contatos políticos (sobre a visita que fez recentemente o Cónsul da Bolívia em Buenos Aires à Associação Civil Boliviana de Escobar)”.

um jovem boliviano e de que espaços são ocupados⁵¹. Pensando especificamente no caso das feiras, Pizarro relata que na década de 1990 surgiram mercados fruti-hortícolas em pontos diversos da RMBA, muitos deles administrados por associações ou cooperativas de imigrantes bolivianos. O primeiro foi o da Asociación Civil Colectividad Boliviana de Escobar (CBE), e poucos anos depois vieram os mercados de Pilar, Luján, Morón e Moreno, e os fundadores desses últimos teriam vínculo direto ou indireto com o crescimento do primeiro. Esses empreendimentos surgidos após o de Escobar tiveram sua criação facilitada pelo conhecimento que seus fundadores dispunham sobre o trabalho, uma vez que participaram na CBE, ou porque estavam informados sobre o tema através de suas redes sociais (PIZARRO, 2009, p. 44).

Pizarro afirma, ainda, que a CBE desenvolveu, paralelamente às atividades comerciais vinculadas à horticultura, outro imponente empreendimento comercial: a *Feria de Ropa*. Essa feira teria começado na rua com um alcance local e gradualmente foi se convertendo num empreendimento comercial informal de alcance regional, que aos domingos reúne feirantes bolivianos e não bolivianos procedentes de diferentes pontos da RMBA que levam suas mercadorias para oferecê-las aos consumidores, bolivianos ou não, igualmente procedentes de lugares diversos. Antes da crise de 2001, a procedência das mercadorias poderia ser a tríplice fronteira, Pocitos ou mesmo Villazón. Assim, ela teria uma dinâmica semelhante à da feira de El Alto, com mercadorias e consumidores de procedências diversas.

Outro local de procedência de mercadorias da *Feria de Ropa* da CBE é a feira La Salada. Esta última mereceria outro estudo, pois não nos seria possível – tampouco pretendemos – abordá-la em profundidade neste trabalho. Apresentamos, no entanto, uma descrição dessa feira que nos parece sintetizar parte do que expusemos até aqui:

La Salada es un territorio migrante por su composición: sus fundadores, a inicios de la década de 1990, fueron un puñado de bolivianas y bolivianos. Actualmente, la mayoría de los feriantes provienen de diversas partes de Bolivia, pero también hay argentinos, paraguayos, peruanos y, últimamente, senegaleses encargados de la venta de *bijoux*. La Salada es migrante, además, por el circuito que siguen sus mercancías: los compradores llegados de países limítrofes abren rutas de distribución y comercialización hacia sus países, al mismo tiempo que muchas mercancías arriban desde distintos lugares del planeta. La Salada, en su carácter aparentemente marginal, es un punto de una red transnacional en expansión⁵². (GAGO, 2012, p. 64)

Gago propõe a hipótese de que La Salada é um lugar privilegiado para mostrar a

⁵¹ A presença boliviana em Buenos Aires é muito mais ampla do que poderíamos abarcar nos limites deste estudo. Para um aprofundamento sobre o tema, recomenda-se a obra da qual faz parte o estudo de Pizarro aqui utilizado.

⁵² Tradução livre: “La Salada é um território migrante por sua composição: seus fundadores, no início da década de 1990, foram um punhado de bolivianas e bolivianos. Atualmente, a maioria dos feirantes procede de diversas partes da Bolívia, mas também há argentinos, paraguaios, peruanos e, ultimamente, senegaleses encarregados da venda de *bijoux*. La Salada é migrante, ademais, pelo circuito que seguem suas mercadorias: os compradores chegados de países limítrofes abrem rotas de distribuição e comercialização para seus países, ao mesmo tempo que muitas mercadorias chegam de diferentes lugares do planeta. La Salada, em seu caráter aparentemente marginal, é um ponto de uma rede transnacional em expansão”.

multiplicidade de economias e processos de trabalho heterogêneos nos quais se materializa o sistema econômico global. E afirma que a feira está confinada num território de fronteira geográfica e simbólica⁵³. A região é uma zona limítrofe, como uma tríplice fronteira entre a cidade de Buenos Aires e os municípios La Matanza e Lomas de Zamora, que fazem parte da Grande Buenos Aires. A feira, ainda de acordo com Gago, tem uma dinâmica proliferante, que replica em outros bairros e cidades, nacionais e estrangeiras, a mercadoria e a forma-feira que a caracteriza.

La Salada, segundo a autora, representa um modelo de centro comercial a céu aberto que põe em tensão todas as categorias clássicas da economia: informal/formal, legal/ilegal etc. A feira, para a autora, funciona em sintonia com espaços similares em outras partes do mundo. De fato, encontramos neste mesmo trabalho casos que se assemelham ao da feira La Salada, como a feira 16 de julho ou *Jach'a qhathu*, em El Alto, e a feira de Escobar – ainda que esta última não tenha as mesmas proporções. Há em Buenos Aires outros espaços bolivianos também em forma de feira, mas dos quais não nos ocuparemos. Passaremos diretamente ao caso da Feira Kantuta, em São Paulo⁵⁴, para verificar em que medida o que vimos relatando se reproduz e de que maneira isso acontece.

⁵³ A localização da feira é indicada pelo marcador vermelho no mapa. Fonte: GoogleMaps.

⁵⁴ Há outros “espaços bolivianos” em São Paulo, como a Rua Coimbra, e as feiras Patujú e Kantutitas, que não foram o foco de nossa investigação.

3. Feira Kantuta em funcionamento

Desenvolvemos este trabalho após a celebração dos 10 anos de realização da chamada Feira Kantuta na atual localização, a confluência das ruas Pedro Vicente, Carnot e das Olarias. Ela está oficialmente registrada na Prefeitura como “Feira de Arte, Cultura de Lazer Boliviana Padre Bento” (ALVES, 2011, p.92). Apesar disso, não vimos até o momento da redação deste trabalho qualquer menção à feira nesses exatos termos.

A chamada Feira Kantuta ocorre aos domingos das 11:00 às 19:00 e é organizada pela Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento (AGCFBPB), que passou por uma mudança no seu quadro gestor em março de 2012. Percebemos após essa mudança a incorporação de um grupo de expositores que negociavam seus produtos fora da área da feira, delimitada por cavaletes, e que pareciam ser sua continuação informal. Os produtos os mais variados, à exceção de alimentos, eram colocados sobre plásticos estendidos no chão – de modo semelhante ao descrito sobre a Feira 16 de julho, em El Alto. Com essa incorporação, no entanto, os novos expositores passaram a utilizar barracas padronizadas como as dos demais.

Todo o movimento da feira ocorre ao redor da Praça Kantuta. O público que frequenta a feira é composto majoritariamente por bolivianos e seus descendentes, mas há pessoas de outras nacionalidades que a visitam ou que nela trabalham. Muitos visitantes não bolivianos vão à Feira Kantuta do mesmo modo que vão à Feira da Liberdade, pois ela tem um funcionamento que se propõe a atrair um público variado. Quantitativamente, há nítida variação em alguns períodos. Diálogos informais com expositores na feira indicaram que, de fato, o movimento diminui, especialmente com a proximidade das festividades de fim de ano, em função do volume de trabalho nas oficinas de costura.

Pudemos verificar também que o número de visitantes na feira aumenta bastante em dias de festas e comemorações especiais, como o dia da mãe boliviana, que não coincide com a data dessa celebração em sua versão brasileira. Entre outras datas importantes que acarretam considerável incremento no movimento da feira, vale destacar, ainda, o dia das crianças, o Carnaval e a Festa de Alasitas. Esta última, celebrada no dia 24 de janeiro, é uma das mais importantes tradições bolivianas recriadas em São Paulo⁵⁵. Durante a festa, realizada em homenagem a *Ekeko*, deidade associada à abundância, fertilidade e prosperidade, são compradas miniaturas que representam o que se deseja alcançar (casas, automóveis, dinheiro etc.).

Há alguns fatos sobre a feira boliviana que passaremos a destacar para que possamos

⁵⁵ A festa passou a ocorrer na Praça Padre Bento em 1999, segundo SILVA (2002, p.83). Há um artigo de Circosta (2009, pp. 275-290) sobre a realização dessa celebração no Parque Avellaneda, na cidade de Buenos Aires.

construir posteriormente uma interpretação dos enunciados sobre ela. O primeiro deles está relacionado diretamente ao nome oficial da feira e ao da associação que a administra, pois ambos evocam o seu primeiro local de realização. Recorremos ao relato de Silva (1995, p. 6), quem descreveu da seguinte forma o início da feira no local em que ocorria originalmente:

Ao cair da tarde do domingo, eles começam a chegar silenciosamente, com um olhar um tanto longínquo quanto desconfiado, a uma praça de um bairro da capital paulista. O nome da praça é Padre Bento, mas todos a conhecem como a praça do Pari. Neste pequeno espaço geográfico, em que parte do mesmo está ocupado por um canteiro de obras em andamento há alguns anos, os bolivianos parecem disputar cada espaço do mesmo, em busca de lazer, de uma possível relação amorosa, de um amigo, de informações sobre o país de origem, de uma oportunidade de trabalho nas inúmeras confecções e outros setores do mercado de trabalho da cidade, ou ainda degustar algo típico do país de origem, como a salteña, o pão e, algumas vezes, as “papas rellenas” (batata recheada com carne).

Silva afirmava ainda que, situada nesta praça, a Igreja Santo Antônio do Pari, conduzida por franciscanos, “não era um espaço muito frequentado pelos bolivianos”, enquanto os coreanos contavam com uma celebração da missa em seu próprio idioma. Silva relata, ainda, uma mudança nesse quadro:

No entanto, a partir do dia 02 de abril de 1995, a Pastoral do Migrante Latino-americano celebrou a primeira missa em castelhano na praça, para que os frequentadores da mesma pudessem conhecer a proposta deste novo serviço religioso oferecido aos latino-americanos daquele bairro, a qual se constitui em uma missa semanal, celebrada naquela igreja, como também a realização de outras atividades, como curso de português e orientação jurídica (SILVA, 1995, 142-143)

Sete anos mais tarde, em sua tese de doutorado, o autor analisava o processo de recriação cultural dos bolivianos através das festas devotas por eles realizadas. Ele não se furtou, no entanto, a falar da presença boliviana em diversos locais – entre eles, a Praça Padre Bento:

É, sobretudo, essa nova presença cultural boliviana que já não pode passar despercebida, pois existem “pedaços bolivianos” em algumas partes da cidade, como é o caso da Praça Padre Bento, mais conhecida como praça do Pari, ou *la Embajada del Pari*. Todos os domingos passam por ela cerca três mil imigrantes, inclusive de outras nacionalidades, os quais procuram contratar trabalhadores ou buscam emprego no setor da costura (SILVA 2002, 21-22)

Merece destaque a referência a José Guilherme Magnani⁵⁶ (1992 apud SILVA, 1995) presente na formulação “pedaços bolivianos”. Silva já utilizava essa referência ao abordar a feira como espaço de lazer em sua dissertação. Além disso, mencionava o fato de se poder comprar na feira uma ampla variedade de produtos típicos da Bolívia, particularmente de La Paz, afirmando que aquela praça estava se tornando cada vez mais, ainda que temporariamente, um “território paceño”. Cada espaço da praça era disputado e seu cenário parecia ter sido transplantado do Altiplano boliviano para São Paulo, ainda que com pequenas variações. O movimento intenso seguia até 10 da noite, aproximadamente, momento em que as pessoas começavam a se retirar.

Esse movimento passou a incomodar os moradores da região. Carlos, boliviano que vive no

⁵⁶ MAGNANI, J. G. C. (1992) *Da periferia ao centro: pedaços e trajetos*. In: *Revista de Antropologia*, v.35. São Paulo, USP.

Brasil há mais de quarenta anos, concedeu entrevista a Silveira Junior (2008, p.62 et seq.), expondo sua versão dos fatos:

Aí estava eu um mês, mais ou menos, nessa feira, e veio a notícia que os amigos do bairro estavam fazendo um abaixo-assinado para tirar a feira do lugar. Era onde tem a Igreja Santo Antonio do Pari. Uma pracinha chamada Padre Bento. Era ali a feira. Então tinha um abaixo-assinado, porque os bolivianos estavam provocando muito transtorno no bairro. Bebiam e sujavam as ruas, as portas das casas, sabe como é bêbado, né. Mas, os bêbados não eram produtos da feira. Porque a feira estava rodeada de barzinhos. Então os bolivianos vinham lá beber com confiança. Sabiam que ali estava cheio de bolivianos. Bebiam, mas não eram produto da feira. Não vendíamos bebida. Mas, incomodava. Então nos mudaram. Então, a Regional, a Administração Regional da Sé, que na época não era subprefeitura, numa reunião lá no salão da igreja a todos e nos disse que a situação era essa, que tinha um abaixo-assinado pra sair de lá feira, que foi aprovada a mudança, tínhamos que sair de lá.

A “expulsão” dos bolivianos da Praça Padre Bento fez com que eles se organizassem e, incentivados e apoiados pelo governo municipal à época, buscaram um novo local para a realização da feira. Sobre sua nova localização, retomamos o relato de Carlos:

Uma coisa curiosa. Quando fomos na praça. Quando localizamos a praça. Fomos lá na administração regional da Sé e falamos nesse local aqui, nessa praça. Aí eu abri um mapa, não tinha praça ali no mapa, não tinha. Não aparecia nem como área verde. Não constava a praça. Aí levamos o administrador lá, na própria Kombi da prefeitura. Ele queria ver. E como não constava no mapa, fizemos uma reunião para dar um nome à Praça. Alguns queriam Nossa Senhora de Copacabana, que é a padroeira da Bolívia, outros queriam praça Bolívia, outros queriam praça La Paz. Eu falei espera um pouco. Se colocarmos Nossa Senhora de Copacabana, aqui o brasileiro é muito devoto de Nossa Senhora Aparecida, vai criar conflito, e nós não viemos aqui para buscar conflito com o povo daqui. Praça Bolívia também vai criar conflito, La Paz também. Vamos colocar um nome que todo boliviano sabe e que ninguém vai achar ruim... Kantuta. Kantuta é uma flor símbolo da Bolívia, tem as cores da bandeira. E batizamos de Kantuta. Quando fomos na Praça, no primeiro domingo, dia dois de junho, já mandamos fazer duas plaquinhas e colocamos ali na parede: Praça Kantuta.

Assim foi criada a praça mais frequentada pelos bolivianos em São Paulo, seu espaço de convivência que mais atrai visitantes “estrangeiros”. Com a presença desde curiosos em geral, passando por figuras públicas como João Gordo⁵⁷ e Elke Maravilha⁵⁸, até professores e alunos de espanhol da capital e de outras cidades, como Guaratinguetá⁵⁹, a praça deixa a condição de abandono em que se encontra normalmente durante a semana e passa à de atração turística para alguns, área de lazer para outros.

Acerca dessa intermitência territorial, Xavier (2010, p.120) ressalta o contraste que há entre o domingo e os demais dias da semana, quando a praça se converte em “um lugar vazio e bastante degradado, sem que possamos imaginar que ali opere um 'lugar boliviano' da cidade, a não ser pela plaquinha da rua com o nome da flor do altiplano”. Conforme vimos no início do capítulo, é a

⁵⁷ <http://noticias.r7.com/blogs/joao-gordo/2010/05/13/kantuta-um-cacho-de-bolivia-en-brasil/>. Acessado em 30/07/2013.

⁵⁸ <http://www.boliviacultural.com.br/elke.html>. Acessado em 30/07/2013.

⁵⁹ <http://eeconselheiro.blogspot.com.br/2012/06/centro-de-estudos-de-linguas-cel-no.html>. Acessado em 30/07/2013.

apropriação do espaço que transforma, a cada domingo, a Praça Kantuta, um espaço público, em um “pedaço da Bolívia”. Este termo, para o qual propomos duas leituras no último capítulo deste estudo, é utilizado por pesquisadores e por pessoas da própria comunidade boliviana.

Há dois aspectos, sobre o que expusemos até agora, que merecem nossa atenção: a questão do poder e o par centro-periferia, que nos parecem complementares. Tratando primeiramente da questão do poder, sabemos que no ambiente da feira os bolivianos encontram mais que um espaço de lazer. Muitos passam por ali para buscar trabalho, alguns deles passam para oferecer trabalho. O governo boliviano também se faz presente através de sua representação consular em diversos momentos, como no evento recente de passagem da presidência da associação que organiza a feira⁶⁰ – e que incluiu um ato cívico pelo “dia do mar”, rememorando a perda do acesso ao mar pela Bolívia⁶¹, entre outros. Assim, a Feira Kantuta comporta e reproduz contradições que se relacionam ao poder. Entram em jogo diversas formas de poder, não apenas o poder público.

Podemos verificar, ainda, na história da Praça Kantuta, o funcionamento do que Bourdieu (1989, p. 15) chamou de “poder simbólico”. Este poder foi exercido pelos moradores do entorno da Praça Padre Bento, detentores de um capital utilizado como um dos argumentos contra a presença boliviana naquele espaço: o tempo de residência. Magalhães relata que uma placa colocada na Praça Padre Bento na época do abaixo-assinado pela expulsão dos bolivianos continha os seguintes dizeres: “A praça é nossa! Exigimos respeito. Estamos aqui há mais de 100 anos” (MAGALHAES, 2010, p. 71). Consideramos, para o que acabamos de formular, o que afirma Bourdieu (1997 [1993], pp. 163-164) a respeito das lutas pela apropriação do espaço:

A capacidade de dominar o espaço, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuídos, depende do capital que se possui. O capital permite manter à distância as pessoas e as coisas indesejáveis ao mesmo tempo que aproximar-se de pessoas e coisas desejáveis (por causa, entre outras coisas, de sua riqueza em capital), minimizando, assim, o gasto necessário (principalmente em tempo) para apropriar-se deles [...].

Nosso objetivo, neste caso, é apenas considerar posições ocupadas pelos agentes da disputa. Se é verdade que, como afirma Bourdieu, a ocupação prolongada de um lugar é uma das propriedades de sua ocupação legítima, podemos afirmar que ela já estava ocorrendo na Praça Padre Bento – ainda que a feira boliviana fosse informal. É verdade também que o Pari não é um bairro nobre, mas isso não significa que não possam ocorrer disputas por território ali ou em qualquer bairro periférico.

Tais considerações nos levam da questão do poder ao par centro-periferia, e buscamos apoio em Telles (2006, p. 49) para abordar este tema. Ela afirma:

⁶⁰ Vídeo da cerimônia disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uDgHFF5SIJQ>. Acessado em 30/07/2013.

⁶¹ Vídeo no qual são entrevistados o novo presidente da associação que organiza a feira e o Cônsul da Bolívia em São Paulo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dUj9sGeU6tM>. Acessado em 30/07/2013.

As referências gerais sobre emprego e desemprego, transformações sociodemográficas e formas de segregação urbana esclarecem pouco sobre configurações societárias que embaralham as antigas clivagens sociais e espaciais próprias da “cidade fordista”, com suas polaridades bem referenciadas entre centro e periferia, entre trabalho e moradia, entre mercado formal e mercado informal.

O embaralhamento referido pela autora parece-nos aplicável ao caso da colônia boliviana e da Feira Kantuta. Xavier (2010, p. 206) identificou em sua pesquisa um deslocamento da forma habitual de entender a relação entre centro e periferia. Segundo a pesquisadora,

A dupla localização centro-periférica dos bolivianos, o uso e o pertencimento a esses dois lugares simultaneamente, mostra por si só que os mesmos não estão submetidos a uma lógica urbana dual de segregação, que separaria esses dois espaços. Queremos dizer com isso que a narrativa “clássica” de ocupação das periferias por meio da expulsão das áreas centrais, mais consolidadas e caras, pela população mais pobre da cidade não pode ser tomada como única referência. [...] No caso dos bolivianos, justamente porque nas periferias estão associadas duas funções sociais – a moradia e o trabalho –, rompe-se com a imagem negativa desses espaços, calcada sobretudo na disjunção entre estes dois elementos da vida cotidiana. Não cabe, neste caso, a visão que atribui à periferia a função exclusiva de moradia e que a qualifica como lugar degradado, sem oferta de trabalho.

A conquista do espaço para realização da feira é um fato relevante, como procuramos deixar claro neste trabalho, mas guarda uma contradição que chamaremos de dupla localização, uma localização centro-periférica – usando de outro modo as palavras de Xavier. Utilizamos-nos destes termos porque a pesquisadora relativiza a noção que se tem normalmente da periferia ao afirmar que os bolivianos “não estão submetidos a uma lógica urbana dual de segregação”. Nesta afirmação de Xavier ecoa o que Pizarro adverte, conforme vimos, a respeito da agentividade dos migrantes. Apesar de a condição de enclave étnico ser questionada em estudos realizados no Brasil no que se refere à inserção espacial dos bolivianos em São Paulo⁶², a feira não nos parece escapar à condição de enclave econômico e sócio-cultural identificada por Pizarro em Buenos Aires.

Podemos evocar o mesmo argumento e aplicá-lo ao falar da Praça Kantuta. Muitos dos relatos que encontramos sobre a feira indicam uma grande satisfação em relação à conquista do espaço físico para sua realização – inclusive nos diálogos informais estabelecidos durante os anos em que vimos frequentando aquele espaço – e, principalmente, em relação àquilo que ele representa.

Aquele espaço físico, no entanto, só adquire este valor nos dias de feira, ou seja, aos domingos. Durante a semana, relata Ubiratan Alves (2011, p. 92), “a praça é frequentada por moradores de rua que fazem uso de álcool e drogas” pois ela fica vazia e não há atividade formal no local. Xavier (op. cit., pp. 118-119), por sua vez, a descreve como “um lugar bastante isolado da cidade, na beira da marginal Tietê” e que, à exceção dos dias de feira, “o local parece abandonado, aglomerando moradores de rua numa situação bastante precária”.

O modo como é descrita a situação da praça nos dias em que não há feira cria a imagem de

⁶² Cf. Vidal (2012)

um lugar degradado, segregado, periférico. Este lugar, no entanto, encontra-se na região central da cidade. Por isso, acreditamos que o isolamento da feira, tanto quanto o confinamento dos bolivianos em guetos – que vimos ter sido questionado por Pizarro – é passível de relativização, ainda que o local seja, de fato, destituído de prestígio e a circulação de pessoas por ali seja bem menor em comparação com outros pontos da cidade, e com a própria Praça Padre Bento.

Acreditamos que algumas distâncias devem ser consideradas para que possamos ilustrar essa relativização que propomos. Para tanto, elaboramos uma pequena tabela na qual figuram as distâncias aproximadas a serem percorridas a pé nos deslocamentos de um ponto a outro⁶³. Vejamos:

De	Para	Distância aproximada
Metrô Tiradentes	Praça Padre Bento	1,5 km
Praça Padre Bento	Praça Kantuta	1,1 km
Praça Kantuta	Metrô Armênia	800 m
Praça Kantuta	Shopping D	800 m
Praça Kantuta	“Feirinha da Madrugada”	1,5 km
Praça Kantuta	Terminal Rodoviário Tietê	1,5 km
Praça Kantuta	Mercado Municipal	2,2 km
Praça Kantuta	Largo da Concórdia	2,2 km
Praça Kantuta	Rua Coimbra	2,5 km
Praça Kantuta	Praça da Sé	3,5 km

Dadas as distâncias indicadas acima, observamos que a Praça Kantuta é um local de fácil acesso. Encontra-se praticamente a 1km da Praça Padre Bento e, em comparação com ela, a distância até a estação de metrô mais próxima é ainda menor. Os outros pontos são referências na cidade de São Paulo conhecidas pela maior parte de seus habitantes, à exceção da Rua Coimbra – outro lugar de convívio para os bolivianos na região central.

⁶³ Distâncias aproximadas calculadas pelo GoogleMaps.

Este pedaço “periférico” da região central, representado no mapa⁶⁴ acima por um ponto vermelho, muitas vezes olhado com desdém pela população – como os locais ditos periféricos por sua distância em relação centro – e isolado do burburinho da cidade, foi efetivamente transformado pela presença boliviana? Ou é apenas a parte que lhes coube nesta cidade, seu “lugar” boliviano?

O que podemos formular como resposta, por ora, é que a Feira Kantuta é um espaço social extremamente complexo. A Praça Kantuta, por sua vez, é transformada a cada domingo pela presença boliviana, e dos demais visitantes da feira. Essa presença modificou aquele espaço físico outrora sem denominação: uma praça foi criada e o nome de um símbolo pátrio boliviano lhe foi conferido.

A praça foi criada a partir da negociação entre representantes da comunidade boliviana e do aparelho estatal brasileiro, e em função do tipo de movimento migratório que temos analisado, para que abrigasse a feira e tudo aquilo que ela carrega consigo. É verdade que a Praça Kantuta se situa numa região na qual há pouco movimento e para a qual poucos olhares se dirigem. O isolamento da praça pode e deve, contudo, ser questionado. Vimos que o acesso à praça é relativamente fácil – especialmente porque a estação do Metrô mais próxima está a apenas 800 metros.

Diversas atividades ocorrem durante o período de realização da feira. As relações sociais são

⁶⁴ Mapa modificado pelo autor. Fonte: GoogleMaps.

a tônica da ocupação desse espaço, da transformação da praça. Há gente que trabalha, que se diverte, gente que busca trabalho, gente que oferece trabalho. Assim, de diversas maneiras os bolivianos usufruem daquele espaço durante o tempo livre de que dispõem. Muitas festas são celebradas na Praça Kantuta durante a realização da feira, e com elas é celebrado o encontro e recriada a memória. E é a partir deste ponto que observaremos como os aspectos que mencionamos entram em jogo na discursividade que constitui nosso objeto de estudo.

4. A modo de conclusão

Apresentamos neste capítulo um olhar sobre a ocupação dos espaços públicos pelos bolivianos que protagonizam deslocamentos populacionais massivos em função da subsistência, tanto na Bolívia quanto nos países nos quais há uma forte presença de migrantes bolivianos, buscando entender de que forma esses espaços são ocupados – dando, dentro do possível, especial atenção às feiras.

Vimos, ainda, um pequeno histórico da Feira Kantuta. Esse histórico sobre a feira boliviana expõe alguns dos fatores que despertaram nosso interesse pelo estudo dos processos de denominação e retomada referencial que intervêm na construção do objeto de discurso Praça/Feira Kantuta. E é a partir dessa construção, no corpus de enunciados selecionado, que buscaremos, no capítulo 4, indagar filiações a memórias discursivas relacionadas a nacionalidade e à migração na América do Sul. Antes, no entanto, aprofundaremos a seguir, no capítulo 3, as observações sobre as línguas na feira.

CAPÍTULO 3

As línguas na Feira Kantuta

Apresentaremos neste capítulo uma amostra do que se pode observar no ambiente da Feira Kantuta em relação à distribuição e ao funcionamento das línguas. Para tanto, realizaremos um percurso que contempla um panorama das línguas na Bolívia, a recuperação do perfil migratório boliviano em São Paulo e, finalmente, exemplos do funcionamento das línguas na feira.

Partiremos de alguns pontos de dispositivos legais como a Nueva Constitución Política del Estado e a lei de educação boliviana em vigor para explicitar o tratamento que o governo boliviano pretende dar às línguas e expor, a partir de pesquisas já realizadas, algumas das diferenças entre a letra da lei e a realidade linguística boliviana.

Apresentaremos, em seguida, um panorama do funcionamento das línguas na Bolívia, explorando um pouco mais sua situação no altiplano em função da origem dos migrantes que se destinam a São Paulo. Passaremos, antes de chegar à Feira Kantuta, pelas observações a respeito do funcionamento das línguas dos migrantes bolivianos em Córdoba e Buenos Aires, na Argentina.

Trataremos, finalmente, do funcionamento das línguas na Feira Kantuta. Veremos que, diante da diversidade linguística boliviana e considerando as experiências relatadas nas pesquisas levadas a cabo na Argentina e no Brasil, é pertinente questionar a função do castelhano boliviano como língua de pertencimento e a sua relação com a identidade “boliviana” e do “boliviano migrante”.

1. Primeiros movimentos

Para que tenhamos uma ideia da complexa realidade linguística da Bolívia, parece-nos importante destacar o modo como a Constituição do país – aprovada por um referendo popular em 25 de janeiro de 2009 com 61,4% de votos⁶⁵ e promulgada por Evo Morales no dia 07 de fevereiro de 2009⁶⁶ – tentou abarcá-la ao definir, nos seis primeiros artigos do documento, o modelo de Estado:

Artículo 1. Bolivia se constituye en un Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, libre, independiente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado y con autonomías. Bolivia se funda en la pluralidad y el pluralismo político, económico, jurídico,

⁶⁵ Conforme divulgado em http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/latin_america/newsid_7877000/7877041.stm. Último acesso em 06/12/2014.

⁶⁶ Conforme divulgado em <http://bolivia.diariocritico.com/2009/Febrero/noticias/127514/evo-promulga-constitucion.html>. Último acesso em 06/12/2014.

cultural y lingüístico, dentro del proceso integrador del país.

Artículo 2. Dada la existencia precolonial de las naciones y pueblos indígena originario campesinos y su dominio ancestral sobre sus territorios, se garantiza su libre determinación en el marco de la unidad del Estado, que consiste en su derecho a la autonomía, al autogobierno, a su cultura, al reconocimiento de sus instituciones y a la consolidación de sus entidades territoriales, conforme a esta Constitución y la ley.

Artículo 3. La nación boliviana está conformada por la totalidad de las bolivianas y los bolivianos, las naciones y pueblos indígena originario campesinos, y las comunidades interculturales y afrobolivianas que en conjunto constituyen el pueblo boliviano.

Artículo 4. El Estado respeta y garantiza la libertad de religión y de creencias espirituales, de acuerdo con sus cosmovisiones. El Estado es independiente de la religión.

Artículo 5.

I. Son idiomas oficiales del Estado el castellano y todos los idiomas de las naciones y pueblos indígena originario campesinos, que son el aymara, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasu'we, guarayu, itonama, leco, machajuyaikallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uru-chipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré y zamuco.

II. El Gobierno plurinacional y los gobiernos departamentales deben utilizar al menos dos idiomas oficiales. Uno de ellos debe ser el castellano, y el otro se decidirá tomando en cuenta el uso, la conveniencia, las circunstancias, las necesidades y preferencias de la población en su totalidad o del territorio en cuestión. Los demás gobiernos autónomos deben utilizar los idiomas propios de su territorio, y uno de ellos debe ser el castellano.

Artículo 6.

I. Sucre es la Capital de Bolivia.

II. Los símbolos del Estado son la bandera tricolor rojo, amarillo y verde; el himno boliviano; el escudo de armas; la wiphala; la escarapela; la flor de la kantuta y la flor del patujú.⁶⁷

Diante da pluralidade que constitui o Estado e, principalmente, da forma como ele se denomina (Plurinacional), uma questão se apresenta: a tentativa de romper com o que Urquidí (2007, p. 40) chamou de “estado aparente”, que constituiria uma forma de poder centralizada, mas desagregada da sociedade. O salto, a saída dessa condição, parece viver em 2014 um processo de

⁶⁷ Tradução livre: “**Artigo 1.** A Bolívia se constitui em um Estado Unitário Social de Direito Plurinacional Comunitário, livre, independente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado e com autonomias. Bolívia se funda na pluralidade e no pluralismo político, econômico, jurídico, cultural e linguístico, dentro do processo integrador do país. **Artigo 2.** Dada a existência pré-colonial das nações e povos indígena originário campesinos e seu domínio ancestral sobre seus territórios, se garante sua livre determinação no marco da unidade do Estado, que consiste em seu direito à autonomia, ao autogoverno, à sua cultura, ao reconhecimento de suas instituições e à consolidação de suas entidades territoriais, conforme a esta Constituição e à lei. **Artigo 3.** A nação boliviana está conformada pela totalidade das bolivianas e dos bolivianos, as nações e povos indígena originário campesinos, e as comunidades interculturais e afrobolivianas que em conjunto constituem o povo boliviano. **Artigo 4.** O Estado respeita e garante a liberdade de religiões e de crenças espirituais, de acordo com suas cosmovisões. O Estado é independente da religião. **Artigo 5. I.** São idiomas oficiais do Estado o castelhano e todos os idiomas das nações e povos indígena originário campesinos, que são o aimará, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasu'we, guarayu, itonama, leco, machajuyaikallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uru-chipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré y zamuco. **II.** O Governo plurinacional e os governos departamentais devem utilizar ao menos dois idiomas oficiais. Um deles deve ser o castelhano, e o outro se decidirá considerando-se o uso, a conveniência, as circunstâncias, as necessidades e preferências da população em sua totalidade ou do território em questão. Os demais governos autônomos devem utilizar os idiomas próprios do seu território, e um deles deve ser o castelhano. **Artigo 6. I.** Sucre é a capital da Bolívia. **II.** Os símbolos do Estado são a bandeira tricolor vermelha, amarela e verde; o hino boliviano; o escudo de armas; a *wiphala*; a roseta; a flor da *kantuta* e a flor do *patujú*.”

consolidação com a reeleição de Evo Morales para o terceiro mandato com uma vantagem de 37 pontos sobre o segundo colocado⁶⁸. Morales, filho de pai quéchua e mãe aimará, que viveu as vicissitudes da migração como os demais bolivianos – para a Argentina quando criança e, mais tarde, para o Chapare⁶⁹ –, surgiu como alternativa à frente do Movimiento al Socialismo (MAS) quando havia uma crise de representatividade no cenário político boliviano.

Segundo Urquidi (ibid, p. 193),

Estabelece-se [...] a partir do *horizonte* cocaleiro, um tipo de relação multidirecionada, que não funciona de modo concêntrico – tendo o cocaleiro no centro da mobilização social, como outrora o fizera o operariado mineiro –, e sim em forma de uma rede de relacionamentos orientados em vários sentidos. A heterogeneidade é então o elemento articulador e de interseção das experiências ou competências particulares, e base das demandas pelo respeito da identidade do movimento, que aos poucos se vai estruturando no princípio da unidade na diversidade.

Ao movimento capitaneado por Morales não parece ter havido outra alternativa na busca pelo consenso, e talvez não fosse possível fazê-lo de forma diferente. Passando às políticas linguísticas, é interessante observar que a lei se refere tanto ao reconhecimento da diversidade linguística – ao definir como idiomas oficiais, além do castelhano, outras 36 línguas originárias – como ao uso das línguas, determinando o uso de uma das línguas originárias e do castelhano, conforme o caso.

O reconhecimento da diversidade linguística pela Nueva Constitución Política del Estado é apenas um dos pontos desse entramado que constitui a sociedade boliviana, que não está livre de conflitos internos. Nesse sentido, é importante recuperar a observação feita por Mota (2009, p. 147):

Embora vejamos nesse processo de reconhecimento constitucional da plurinacionalidade boliviana um passo imprescindível para que, enfim, o Estado possa se tornar uma estrutura menos exógena à pluralidade social, o grande desafio colocado para a Bolívia agora é saber como resolver a questão inter-nacional entre as diversas nações que compõem o mesmo Estado. A nosso ver, esse é o grande desafio para que a Constituição deixe de ser um programa, ou, na pior das hipóteses, torne-se 'letra morta', e consiga efetivamente concretizar as inovações expressas

⁶⁸ A reportagem informa que Evo obteve 61% dos votos em 2014, apenas 3% menos do número alcançado em 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/evo-morales-e-oficialmente-reeleito-para-3-mandato-com-61-dos-votos.html>. Último acesso em 21/11/2014.

⁶⁹ Ibid, p. 186.

em sua redação.

Quando se trata de políticas linguísticas, sempre há um risco de testemunharmos leis que se tornam “letra morta”⁷⁰. O reconhecimento das 36 línguas originárias como idiomas oficiais, por exemplo, já havia ocorrido na versão anterior da Constitución Política del Estado, de 2006, mas dois anos depois ainda era possível encontrar relatos como os de Cancino (2008, p. 12):

El bilingüismo será una de las principales herramientas para terminar con la sociedad de castas y poner fin a las fronteras étnicas. Será a través de los empleados públicos que se empezará a destacar la importancia de la lengua nativa. Los idiomas indígenas han sido estigmatizados durante muchos años por un prejuicio criollo como lenguas bárbaras y salvajes lo que se debía a la mentalidad colonial, y la única forma de descolonizar sería aplicando el bilingüismo o trilingüismo, según Félix Patri, Ministro de Educación. En la escuela la educación bilingüe puede funcionar, pero lamentablemente no hay cooperación y ayuda en las instituciones públicas. Por ejemplo, en las prefecturas o los municipios, los letreros y los avisos sólo están en español, no están en los idiomas originarios, según un profesor que enseña desde hace 23 años”⁷¹.

Cálculo estimado a partir de dados do Censo 2001 estabelece a porcentagem da população indígena (composta majoritariamente por quéchuas e aimarás) em 66,4% – segundo o Atlas Sociolinguístico de Povos Indígenas na América Latina (2009)⁷². Ainda assim, o castelhano é adotado pelo governo como idioma oficial, que permeia a sociedade boliviana, que atravessa as nações bolivianas, aparecendo na letra da lei à frente dos demais quando se trata do Governo plurinacional e dos governos departamentais, e em segundo plano, mas de forma obrigatória, quando se trata de governos autônomos. Quando se trata, no entanto, da escola boliviana, a lei Nº 070 de 20 de dezembro de 2010, denominada Ley de Educación “Avelino Siñani – Elizardo Pérez”⁷³, prevê:

Artículo 7. (Uso de Idiomas oficiales y lengua extranjera). La educación debe iniciarse en la lengua materna, y su uso es una necesidad pedagógica en todos los aspectos de su formación. Por la diversidad lingüística existente en el Estado Plurinacional, se adoptan los siguientes principios obligatorios de uso de las lenguas por constituirse en instrumentos de comunicación, desarrollo y producción de saberes y conocimientos en el Sistema Educativo Plurinacional.

1. En poblaciones o comunidades monolingües y de predominio de la lengua originaria, la lengua originaria como primera lengua y el castellano como segunda lengua.
2. En poblaciones o comunidades monolingües y de predominio del castellano, el castellano como primera lengua y la originaria como segunda.

⁷⁰ Cf. Rodrigues, 2010.

⁷¹ Tradução livre: “O bilinguismo será uma das principais ferramentas para acabar com a sociedade de castas e colocar fim às fronteiras étnicas. Será através dos servidores públicos que se começará a destacar a importância da língua nativa. Os idiomas indígenas foram estigmatizados durante muitos anos por um preconceito *criollo* como línguas bárbaras e selvagens, o que se devia a uma mentalidade colonial, e a única forma de descolonizar seria aplicando o bilinguismo ou o trilinguismo, segundo Felix Patri, Ministro da Educação. Na escola a educação bilíngue pode funcionar, mas lamentavelmente não há cooperação e ajuda nas instituições públicas. Por exemplo, nas prefeituras ou nos municípios, os letrados e os avisos estão apenas em espanhol, não estão nos idiomas originários, segundo um professor que leciona há 23 anos”.

⁷² Segundo o Atlas (2009, p. 559), o imaginário construído sobre a Bolívia é de um país andino por excelência e que, efetivamente, 65% da população boliviana estaria localizada nas chamadas Terras Altas.

⁷³ Disponível em <http://www.silep.gob.bo/silep/masterley/118280>. Último acesso em 22/11/2014.

3. En las comunidades o regiones trilingües o plurilingües, la elección de la lengua originaria, se sujeta a criterios de territorialidad y transterritorialidad definidos por los consejos comunitarios, que será considerada como primera lengua y el castellano como segunda lengua.
4. En el caso de las lenguas en peligro de extinción, se implementarán políticas lingüísticas de recuperación y desarrollo con participación directa de los hablantes de dichas lenguas.
5. Enseñanza de lengua extranjera. La enseñanza de la lengua extranjera se inicia en forma gradual y obligatoria desde los primeros años de escolaridad, con metodología pertinente y personal especializado, continuando en todos los niveles del Sistema Educativo Plurinacional.
6. La enseñanza del lenguaje en señas es un derecho de las y los estudiantes que lo requieran en el sistema educativo. La enseñanza del lenguaje de señas es parte de la formación plurilingüe de las maestras y maestros.⁷⁴

Sabemos, no entanto, que essa lei, tendo entrado em vigor em 2010, ainda levará algum tempo para, talvez, chegar a produzir resultados práticos que alcancem visibilidade. O pesquisador boliviano Laime Ajacopa, que realiza um estudo publicado em 2011 sobre trilinguismo transversal (língua nativa-castelhano-inglês) nas áreas urbanas de La Paz (distribuídas entre as cidades de La Paz, El Alto e Viacha) e de Cochabamba (abrangendo as cidades de Cochabamba, Quillacollo e Sacaba), critica a proposta do Ministério da Educação da Bolívia de uma Educação Trilingue por não existirem, naquele momento, estudos dessa natureza, nem um modelo sociolinguístico de educação trilingue proposto, mas apenas um enunciado político (2011, p. 21).

2. Desde *El Alto*, um panorama sociolinguístico

Dados do censo realizado na Bolívia em 2001 – publicados no Atlas Sociolinguístico de Povos Indígenas na América Latina (2009, p. 560), doravante Atlas – indicam que o país, cuja superfície é de 1.098.581 km², contava com uma população de 8.274.325 pessoas; desse total, 3.142.637 de pessoas maiores de 15 anos se autoidentificavam com algum povo originário ou indígena, entre quéchua, aimará, guarani, chiquitano, mojeño ou outro nativo.

Já em relação às línguas indígenas, quéchua e aimará são as majoritárias. Laime Ajacopa

⁷⁴ Tradução livre: “**Artigo 7. (Uso de idiomas oficiais e língua estrangeira).** A educação deve iniciar-se na língua materna, e seu uso é uma necessidade pedagógica em todos os aspectos de sua formação. Pela diversidade linguística existente no Estado Plurinacional, se adotam os seguintes princípios obrigatórios de uso das línguas por se constituírem em instrumentos de comunicação, desenvolvimento e produção de saberes e conhecimentos no Sistema Educativo Plurinacional. **1.** Em populações ou comunidades monolíngues e de predomínio da língua originária, a língua originária como primeira língua e o castelhano como segunda língua. **2.** Em populações ou comunidades monolíngues e de predomínio do castelhano, o castelhano como língua primeira e a originária como segunda. **3.** Nas comunidades ou regiões trilingües ou plurilingües, a escolha da língua originária se sujeita a critérios de territorialidade e transterritorialidade definidos pelos conselhos comunitários, que será considerada como primeira língua e o castelhano como segunda língua. **4.** No caso das línguas em perigo de extinção, se implementarão políticas linguísticas de recuperação e desenvolvimento com participação direta dos falantes dessas línguas. **5.** Ensino de língua estrangeira. O ensino da língua estrangeira se inicia de forma gradual e obrigatória desde os primeiros anos de escolaridade, com metodologia pertinente e pessoal especializado, continuando em todos os níveis do Sistema Educativo Plurinacional. **6.** O ensino em língua de sinais é um direito das e dos estudantes que o requeiram no sistema educativo. O ensino da língua de sinais é parte da formação plurilingue de professoras e professores.

afirma que quantidade de falantes de quéchua supera a de falantes de aimará, e que “esto se debe a que el denominado imperio de Los Incas, cuya lengua oficial fue el quechua, se extendió en todo el territorio de la meseta altiplánica, valles e incluso en sus regiones amazónicas adyacentes”⁷⁵. Cancino, por sua vez, afirma que “El Imperio Incaico garantizó de algún modo el mantenimiento de la diversidad lingüística y en los primeros años de la colonización, la monarquía española promovió el uso de las lenguas indígenas mayores (quechua y aymará) con fines de evangelización”⁷⁶ (2008, p. 05). De qualquer forma, a língua quéchua tem uma distribuição maior entre os departamentos, conforme indicavam os dados do censo de 2001:

Falantes por departamento	Quéchua		Aimará	
	Número de falantes	%	Número de falantes	%
La Paz	152.649	7,19	1.128.668	77,18
Cochabamba	808.053	38,04	82.716	5,66
Oruro	130.427	6,14	122.018	8,34
Potosí	466.888	21,98	55.518	3,80
Chuquisaca	268.959	12,66	4.261	0,29
Santa Cruz	250.380	11,79	52.293	3,58
Beni	8.393	0,40	7.813	0,53
Pando	1.689	0,08	1.832	0,13
Tarija	36.602	1,72	7.167	0,49
Total	2.124.040	100,00	1.462.286	100,00

Fonte: Censo 2001, adaptado de Laime Ajacopa (2011, p. 39)

Considerando que a procedência da maior parte dos bolivianos que se destinam a São Paulo, segundo as pesquisas consultadas, é o departamento de La Paz, poder-se-ia supor que os falantes de aimará seriam maioria. É importante observar, no entanto, o que consta no Atlas (2009, p. 567):

Por la migración interna y la mencionada concentración poblacional general e indígena en zonas urbanas, también las capitales de los departamentos son escenarios multilingües. La ciudad de Potosí tiene más de dos tercios de sus habitantes bilingües en lenguas andinas y castellano, seguida por Sucre. Algo más de la mitad de los habitantes de Cochabamba, La Paz y Oruro son bilingües; casi un quinto de los habitantes de Santa Cruz en Tierras Bajas y Tarija, ciudad ubicada en un valle interandino de castellanización temprana y vinculada culturalmente a Argentina, es bilingüe. De esta forma, todas las ciudades bolivianas se constituyen en espacios de reproducción

⁷⁵ Tradução livre: “isto se deve a que o denominado Império Inca, cuja língua oficial era o quéchua, se estendeu por todo o território da meseta altiplânica, dos vales e inclusive em suas regiões amazônicas adjacentes”.

⁷⁶ Tradução livre: “O império incaico garantiu de algum modo a manutenção da diversidade lingüística e nos primeiros anos da colonização, a monarquia espanhola promoveu o uso das línguas indígenas majoritárias (quéchua e aimará) com fins de evangelização”.

de culturas y lenguas andinas.⁷⁷

Da mesma forma, Laime Ajacopa (2011, p. 30 et seq.) observa que há aqueles falantes que aprenderam quéchua ou aimará, mais um segundo idioma como o castelhano, e ao mesmo tempo há uma pequena parte que aprendeu quéchua, aimará e castelhano. Estes últimos, segundo o autor, seriam trilingues diatópicos em função da fronteira linguística entre ambos os idiomas nativos. Ele afirma, ainda, que haveria uma região no norte do departamento de La Paz caracterizada por um trilinguismo quéchua-aimará-castelhano; e outra região trilingue no norte do departamento de Potosí, onde também se fala aimará, quéchua e castelhano, nessa ordem.

La dinámica migratoria de los habitantes trilingües de esta zona es importante, siendo que la gran parte de los pobladores quechuas del Norte del departamento de La Paz se fueron a la ciudad de La Paz o El Alto, por lo que hay la presencia de hablantes trilingües en estas ciudades aunque minorizados por la población aymara dominante. Los pobladores del Norte de Potosí migraron a muchas ciudades, entre ellas [está] Cochabamba donde la población quéchua es dominante. A su vez, las ciudades de La Paz, El Alto y Cochabamba, son las principales con población condensada respecto a las otras ciudades andinas de Bolivia, y hay además en ellas la presencia de los idiomas extranjeros.⁷⁸ (LAIME AJACOPA, 2011, p. 39)

Diante disso, não há como supor que a maioria dos bolivianos que vivem em São Paulo são falantes de aimará, ainda que – segundo as pesquisas disponíveis – a maioria seja procedente do departamento de La Paz. Para o nosso estudo talvez também resulte interessante considerar o seguinte:

Nas regiões do altiplano de La Paz, os aimarás, incrédulos e mais fechados, deram maior peso à memória longa de resistência desde o tempo do império incaico contra a ocupação do seu território. Naquela época, as comunidades, mesmo ocupadas, resistiram à dominação dos incas, mantendo sua língua originária, o aimará. Já os quíchuas, povos transplantados de outras regiões durante o Império Inca, acataram e incorporaram o quíchua, e se adaptaram – ou se submeteram – às transformações. Assim, por exemplo, foi do contingente quíchua de Cochabamba que se deslocaram as primeiras populações para as minas e foi dele que surgiu o acervo futuro dos proletários mineiros.

De modo um pouco maniqueísta, poderíamos afirmar que a dimensão aimará é a da resistência na forma comunitária, e a dos quíchuas, a da negociação, da coerção e imposição cultural, da migração. Assim, enquanto o horizonte aimará é o da autodeterminação, da desconfiança e da reticência, o dos quíchuas é o da negociação das alianças. (URQUIDI, 2007, pp. 184-185)

⁷⁷ Pela migração interna e pela mencionada concentração populacional geral e indígena em zonas urbanas, também as capitais dos departamentos são cenários multilíngues. Assim, todas as capitais de departamentos andinos têm uma maioria de falantes bilíngues. A cidade de Potosí tem mais de dois terços de seus habitantes bilíngues em línguas andinas e castelhano, seguida por Sucre. Pouco mais da metade dos habitantes de Cochabamba, La Paz e Oruro são bilíngues; quase um quinto dos habitantes de Santa Cruz em Terras Baixas e Tarija, cidade localizada em um vale interandino de castelhanização precoce e vinculada culturalmente à Argentina, é bilíngue. Dessa forma, todas as cidades bolivianas se constituem em espaços de reprodução de culturas e línguas andinas.

⁷⁸ Tradução livre: “A dinâmica migratória dos habitantes trilingues dessa zona é importante, sendo que grande parte dos quéchuas do norte do departamento de La Paz foram para a cidade de La Paz ou El Alto, por isso a presença de falantes trilingues nessas cidades ainda que minorizados pela população aimará dominante. Os povoadores do norte de Potosí migraram para muitas cidades, entre elas [está] Cochabamba onde a população quéchua é dominante. Por sua vez, as cidades de La Paz, El Alto e Cochabamba são as principais com população condensada em relação a outras cidades andinas da Bolívia, e há nelas, ademais, a presença de idiomas estrangeiros”.

Tais características culturais poderiam influenciar o perfil do migrante boliviano em São Paulo? Ecoariam no discurso do coletivo boliviano na Praça Kantuta? Buscaremos respostas para estas e outras questões ao longo deste e do próximo capítulo. Antes, no entanto, nesse percurso em que procuramos considerar mudanças e permanências, veremos se as línguas quéchua e aimará se fazem presentes nos destinos de alguns migrantes bolivianos – e de que modo isso acontece.

3. Deslocamentos

Inicialmente, abordaremos a permanência das línguas quéchua e aimará no âmbito da migração boliviana através de dois estudos realizados na Argentina: um no interior cordobês e outro na Região Metropolitana de Buenos Aires. Começaremos pelo trabalho de Dreidemie (2009, p. 66):

En la definición de aquello que porta como común la población quechua-boliviana que reside o circula por diferentes barrios de Buenos Aires se presenta de forma recurrente la figura de la(s) frontera(s) y su traspaso más o menos legitimado. La situación involucra tanto idas como vueltas y diseña múltiples y superpuestas fragmentaciones: entre otras, pasar de Bolivia a Argentina (y viceversa), de regiones altas a bajas, de zonas rurales a urbanas, mudar de categorías sociales: e.g., de “indígenas” o “campesinos” a “paisanos” o “migrantes”, desplazarse de lo considerado “tradicional” a “lo moderno”, en la dimensión lingüística, pasar del vernáculo al español. En sus múltiples interpretaciones, los pasajes (re)producen *un lugar*, una zona de sentido donde los migrantes se encuentran conflictivamente con procesos que, frente a la sociedad receptora, operan en la delimitación distintiva del colectivo social.⁷⁹

Segundo a autora, os que reconhecem o quéchua como língua herdada constituem a maioria dos que conformam o coletivo boliviano em Buenos Aires. Essa população viria majoritariamente do departamento de Potosí e, em menor quantidade, de Cochabamba – ambos com predominância quéchua, conforme vimos. Eles se integrariam, na Argentina, a uma coletividade numerosa, multilíngue e muito diversificada (geográfica, linguística, socioeconômica e culturalmente). Apesar disso, e de experimentarem uma alta mobilidade (entre diferentes regiões da Bolívia até distintas regiões de Buenos Aires, às vezes passando por outras províncias argentinas), eles conservam ou promovem laços de solidariedade endogrupal através de diversas práticas.

⁷⁹ Tradução livre: “Na definição daquilo que carrega em comum a população quéchua-boliviana que reside ou circula por diferentes bairros de Buenos Aires se apresenta de forma recorrente a figura da(s) fronteira(s) e sua travessia mais ou menos legitimada. A situação envolve tanto idas como voltas e desenha múltiplas e superpostas fragmentações: entre outras, passar da Bolívia à Argentina (e viceversa), de regiões altas a baixas, de zonas rurais a urbanas, mudar de categorias sociais: e.g., de “indígenas” ou “campesinos” para “conterrâneos” ou “migrantes”, deslocar-se do considerado “tradicional” ao “moderno”, na dimensão linguística, passar do vernáculo ao espanhol. Em suas múltiplas interpenetrações, as travessias (re)produzem *um lugar*, uma zona de sentido onde os migrantes se encontram conflictivamente com processos que, frente à sociedade receptora, operam na delimitação distintiva do coletivo social”.

Dreidemie chama a atenção para o fato de que, em meio às numerosas práticas culturais bolivianas, o uso diferencial das línguas e seus modos de dizer participa, em diferentes contextos, formas e graus, em processos de conformação de *sentidos de pertenencia*, ou seja, sentidos de pertencimento: como patrimônio compartilhado, mecanismo de reconhecimento, suporte e estratégia reprodutora e produtora de vínculos e fronteiras frente à população hispanofalante.

A autora, que propõe expor em seu trabalho, como ela mesma afirma, uma espécie de cartografia da fala da população migrante quéchua-boliviana, verifica que os mais velhos valorizam o quéchua e demonstram interesse em que seus filhos aprendam a falar a língua. Apesar disso, eles próprios percebem uma retração no uso da língua, além de uma negação da língua por parte de alguns, conforme o depoimento de uma líder comunitária de Escobar, que diz (2009, p. 68): “algunos de nuestros paisanos no quieren ser bolivianos/ quieren ser 'de Jujuy/ de Salta' / dicen 'no entienden el quechua!' / están negando lo que somos”⁸⁰.

É notório, ao mesmo tempo, o uso revalorizado da língua condicionado a contextos específicos. Quando, por exemplo, conforme outro depoimento, duas pessoas falam em quéchua durante uma conversa em local público e percebem o espanto das demais ao redor. Ou, ainda, com algum parente que chegue, e com idosos que vivem em casa, como indica o depoimento de outra mulher: “el otro día mi sobrina llegó / sí / con ella hablamos quechua / sí/ pero con los chicos no / no hablamos en quechua // ellos hablan con mi mamá / porque mi mamá no habla en castellano / habla en quechua / es muy mayor”⁸¹.

Dreidemie afirma, ainda, que o quéchua desempenha um rol simbólico chave, fazendo-se presente em festividades, manifestações, escritos, canções, reuniões associativas, mas que no uso local dessa língua se observam fenômenos complexos de convergência entre o quéchua e o castelhano.

Desde el punto de vista lingüístico, en el habla de las personas suceden diferentes procesos de innovación o contacto que se vinculan con la lengua dominante: por ejemplo, son frecuentes los préstamos, la convergencia estructural o funcional, la reinterpretación de formas, la refonologización, la relexificación, la renovación léxica según pautas productivas vernáculas, la resemantización de términos.⁸² (2009, p. 68)

Segundo a autora, a presença das línguas em conjunto e os modos de dizer resultantes da interação intra e intercultural contribuem para a formação de uma profusão de recursos

⁸⁰ Tradução livre: “algunos de nossos conterrâneos não querem ser bolivianos/ querem ser de 'Jujuy/ de Salta' / dizem 'não entendem o quéchua!' / estão negando o que somos”.

⁸¹ Tradução livre: “outro dia minha sobrinha chegou / sim / com ela falamos quéchua / sim / mas com as crianças não / não falamos em quéchua // eles falam com minha mãe / porque minha mãe não fala em castelhano / fala em quéchua / é muito velha”.

⁸² Tradução livre: “Do ponto de vista lingüístico, na fala das pessoas ocorrem diferentes processos de inovação ou contato que se vinculam com a língua dominante: por exemplo, são frequentes os empréstimos, a convergência estrutural ou funcional, a reinterpretação de formas, a refonologização, a relexificação, a renovação léxica segundo pautas vernáculas produtivas, a resemantização de termos”.

sociolinguísticos mais ou menos mistos que distinguem um “*código*” que os falantes chamam de “*mezclado*”. Além da categoria “quechua mezclado” e “quechua puro puro”, os migrantes entrevistados por Dreimede propõem outras que, segundo ela, também seriam mistas do ponto de vista linguístico, como “quechua cerrado” e “quechua legítimo”.

Já no interior de Córdoba, Oliva e Pescio (2009) afirmam que é comum que os bolivianos procedentes de Potosí se comuniquem em quéchua, mas os migrantes de mais idade são os que mais conhecem e praticam a língua. Filhos e netos desses migrantes entendem, mas falam muito pouco; e, apesar da intenção de mantê-la e ensiná-la, não haveria a intenção de fazê-lo fora do grupo de origem. Uma das pessoas entrevistadas, de origem potosina, afirma:

(...) mis hijos no saben hablar el quechua, pero yo les voy enseñando, mi hija ahora sí ya quiere aprender, así que hablamos algo, los demás hablamos en quechua, por ahí el que no habla, pero entienden todo, los chicos también, cuando fuimos a Bolivia cuando era chiquita no entendía, su abuelo habla todo quechua y ella no sabía que decía, allá no saben hablar el castellano, en el campo hablan todo quechua, por eso le quiero enseñar, él ahora viene para acá y le gusta que sus nietos entiendan y hablen, por eso les enseño.⁸³ (2009, pp. 178-179)

Um estudo sociolinguístico sobre o português falado por bolivianos em São Paulo realizado por Stephanie Niehoff pela Freien Universitat Berlin e publicado em 2014⁸⁴ também revela alguns poucos dados a respeito da permanência das línguas originárias. A autora afirma que, por causa das dificuldades que envolvem a migração, parece muito pouco provável que os bolivianos estejam migrando para São Paulo sem que tenham proficiência em castelhano. Ainda assim, segundo a autora, a maioria de seus informantes diz possuir alguma competência em línguas indígenas, e que ao menos um dos pais fala quéchua ou aimará. Entre os procedentes de áreas rurais, afirma-se que as línguas indígenas são usadas regularmente, o que se ilustra com o seguinte depoimento:

“Eu falava Aymara com minha mãe, com mis irmãos com minha pai eu falo Aymara. Eles falam Aymara constante, então eu tem que responder em Aymara; não pode responder em el castelhano, es falsa, no” (NIEHOFF, 2014, p. 119)

Esse depoimento se aproxima daquele imediatamente anterior, dado por informante procedente de Potosí. A língua, naquele caso, era quéchua; neste, aimará. Podemos, também, recuperar a palavra da informante que vive em Escobar com o marido, os filhos e a mãe – que não fala castelhano; a informante potosina no interior de Córdoba afirma que o pai está a caminho e não sabe castelhano, como acontece com os demais no campo. Essas informações fazem crer que a

⁸³ Tradução livre: “Meus filhos não sabem falar quéchua, mas eu vou ensinando, minha filha agora quer aprender, então falamos um pouco, os demais falamos em quéchua, [há] por aí o que não fala, mas entendem tudo, as crianças também, fomos à Bolívia quando era pequena não entendia, seu avô fala tudo em quéchua e ela não sabia o que dizer, lá não sabem falar em castelhano, no campo falam tudo em quéchua, por isso quero ensiná-la, ele agora vem pra cá e gosta que seus netos entendam e falem, por isso lhes ensino”.

⁸⁴ Conforme dados disponíveis em http://edocs.fu-berlin.de/diss/receive/FUDISS_thesis_000000097080. Última consulta em 23/11/2014.

migração de pessoas sem proficiência em castelhano não pareça tão pouco provável – ainda que o número de ocorrências possa ser muito baixo.

4. As línguas na Feira Kantuta

Tratando especificamente da situação das línguas na Feira Kantuta, realizamos alguns anos atrás (ROCHA, 2010) um estudo aproximativo sobre o funcionamento do castelhano em contato com o português brasileiro naquele ambiente e já identificávamos fenômenos mencionados por Dreidemie e Niehoff, como as denominadas “interferências”, através do registro fotográfico de cartazes exibidos em diversas barracas da feira, como o que segue:

Procurávamos naquele momento, para além da análise dos fenômenos registrados, identificar nos enunciados veiculados na feira indícios da relação dos sujeitos com as línguas em questão, ou seja, o português brasileiro (PB) e o castelhano boliviano (CB)⁸⁵. Para tanto, foram analisados 6 cartazes.

⁸⁵ Adotamos a denominação “castelhano boliviano” em função de pesquisas realizadas que indicam que os empréstimos do quéchua e do aimará não são exclusivos da região andina, mas vêm em toda a Bolívia (cf. MENDOZA, 2008, p. 218).

Partindo do cartaz acima, no qual descartamos a presença de elementos do PB, passamos a questionar, baseados nas condições de produção segundo Pêcheux (1990), as relações de interlocução geradas por uma situação permanente de contato: “ser boliviano em São Paulo”. Nessas relações se estabilizariam “imagens das línguas, dos brasileiros, dos bolivianos para si mesmos e as antecipações que fazem do que eles sejam para o outro” (2010, p. 548)

Apresentamos, então, três conjuntos de registros fotográficos. O primeiro formado por dois cartazes com enunciados monolíngues:

Os cartazes acima foram considerados monolíngues porque neles são encontradas apenas formas de dizer bolivianas, uma vez que as palavras neles empregadas são próprias da culinária boliviana e algumas delas não figuravam em dicionários de língua espanhola consultados. Os sujeitos que produziram tais enunciados não quiseram fazê-lo em português, não tiveram condições de fazê-lo ou não se sentem suficientemente seguros para tal. Chegamos a essa conclusão ao realizar uma comparação entre os cartazes acima e os que apresentamos na sequência.

Identificamos no segundo conjunto, formado apenas pelo registro acima, um esforço por parte do sujeito em demonstrar conhecimento do português – o que lhe permitiria comunicar-se não apenas com os bolivianos frequentadores da feira: permitiria que ele se dirigisse também aos brasileiros que a frequentam. Há, no entanto, uma aparente “ilusão de competência espontânea”⁸⁶, evidenciada na equivalência estabelecida entre suco e chicha, pois o que chamamos de suco não equivale à chicha boliviana – mesmo que o cartaz se refira à chicha camba, consumida no oriente boliviano e que tem pouco ou nenhum teor alcoólico. Ainda assim, admitimos que o cartaz constrói um sujeito de enunciação que, apesar de valer-se de um jogo de equivalências, se coloca em posição de controle e articulação de ambas as línguas, marcando, em comparação com os demais, um deslocamento da posição monolíngue ou de deriva entre línguas.

O terceiro conjunto de registros que propusemos dá uma dimensão diferente do envolvimento do sujeito com a língua e apresenta um contraste em relação aos anteriores. Trata-se de três cartazes expostos na barraca de um boliviano que vive há mais de quarenta anos no Brasil:

⁸⁶ A formulação é um empréstimo do que elaborou Celada (2002, p. 39 et.seq.) ao analisar a relação dos brasileiros com o castelhano.

Podemos observar que, à exceção da palavra oriunda do inglês (delivery) e da maneira como é chamado do dono da barraca (“Don Carlos”), os cartazes estão em português. Identificamos, no entanto, um enunciado que destoa de todos os demais que encontramos em português na barraca do Sr. Carlos:

Neste último registro, um dos cartazes que decoram a barraca do Sr. Carlos apresenta no canto superior direito a seguinte inscrição: “Santuário de Copacabana. BOLÍVIA”. Seguindo o padrão dos cartazes que decoram a barraca, é utilizado o português. Pode-se observar, contudo, que no canto inferior esquerdo há um texto em castelhano. Assim está escrito:

“Y si lejos de ti
Yo me encuentro otra vez
No dejes que yo me muera
Sin volverte a ver.”

Fizemos, então, uma leitura que não é a mesma que fazemos hoje. Interpretamos naquele momento que esses dizeres seriam uma espécie de oração que, tendo um valor íntimo para o sujeito que produziu o enunciado, seria marca indelével da língua que o constitui. Apesar de já ter vivido algumas décadas no Brasil, de ter construído sua vida neste país e de aparentemente dominar a língua nacional, a língua materna estaria se impondo em função do grau de intimidade que tal oração pressupõe. O cartaz indicaria, ainda, uma posição de controle, mas também expressaria uma separação. As línguas deixariam o jogo de equivalências observado no segundo conjunto para serem colocadas em funções diferentes.

A língua portuguesa, neste caso, cumpriria uma função comercial, pois o enunciador estabelecería uma comunicação direta com os brasileiros que visitassem a feira, se aproximaria de potenciais clientes e assumiria a posição de “boliviano em São Paulo” consciente da necessidade de deslocar-se da posição de sujeito monolíngue, utilizando-se da língua portuguesa para atingir um público maior. Já a língua que naquele momento identificamos como “materna”, ao deixar sua marca, cumpriria uma função afetiva, delimitando o espaço da língua nacional e evidenciando uma vez mais a posição do enunciador “boliviano em São Paulo”. Este, mesmo disposto a se deslocar de uma posição de sujeito monolíngue, não abriria mão de expressar-se em sua língua materna ao tratar de aspectos de sua intimidade, ou simplesmente não conseguiria, ainda que quisesse, apagar (d)a memória (d)a língua que o constitui.

Apesar da validade da leitura no momento em que foi realizada – com o foco nas relações entre o espanhol e o português e tendo observado que o castelhano parecia reservado à interação entre os próprios bolivianos –, o desenvolvimento de nossa pesquisa nos foi revelando que essa interpretação perdeu sustentação diante de observações posteriores. Acompanhando o movimento na feira, procurando interagir com algumas pessoas e estabelecendo interações mesmo sem a iniciativa de fazê-lo, percebemos que o funcionamento das línguas no ambiente da feira era um pouco mais complexo – talvez tanto quanto ou mais complexo do que o panorama linguístico na própria Bolívia.

Uma das indagações que sempre retornavam era o lugar ocupado pelo castelhano naquele ambiente, nas relações entre as pessoas, pois nas nossas interações nas barracas da feira éramos atendidos em português – ou no português possível – ainda que estivéssemos falando castelhano do início ao fim. E isso se repetia com outras pessoas de nosso convívio, inclusive hispanofalantes não bolivianas, que relataram suas experiências informalmente, ou cujas experiências testemunhamos. Já a interação entre os feirantes e os bolivianos, até onde pudemos observar em um período de aproximadamente 5 anos de visitação (e ao menos 3 deles dedicados à pesquisa), era realizada em castelhano. Foi possível observar também alguns bolivianos conversando entre si em língua diferente do castelhano. O mestre de cerimônias na feira, por sua vez, costumava falar (quase) todo o tempo em castelhano; numa de nossas visitas mais recentes à feira, ouvimos uma mensagem que durou poucos segundos e ao final da qual os presentes fomos informados em castelhano de que ela havia sido transmitida em quéchua para saudar os quéchua-bolivianos, os peruanos e os amigos do norte da Argentina frequentadores da feira.

Diante desses fatos, seria muito limitado considerar o castelhano tão somente como a língua dos afetos. Mesmo se considerarmos apenas a faixa que decora a barraca do Sr. Carlos, podemos ampliar o horizonte interpretativo a partir do que se observa na própria faixa: um símbolo religioso que foi introduzido na Bolívia pelos colonizadores, bem como a língua que os acompanhava. Essa língua que hoje não é a única mencionada na Constituição boliviana como sendo idioma oficial, mas que continua a ocupar lugar de destaque: “Son idiomas oficiales del Estado el castellano y todos los idiomas de las naciones y pueblos indígena originario campesinos”⁸⁷.

O castelhano pode, de fato, ser a língua dos afetos para alguns dos bolivianos que frequentem a Feira Kantuta. Naquele ambiente, no entanto, ela é a língua oficial do Estado boliviano e ocupa este lugar a despeito do valor afetivo que possa ter para alguns de seus frequentadores. O castelhano se faz presente como elemento homogeneizador, apesar da diversidade linguística boliviana, e aparece associado ao aparelho religioso (no caso do cartaz) e ao aparelho político (pela presença do Estado através de sua representação consular)⁸⁸.

Os deslocamentos, portanto, seguem e seguem presentes, ocorrendo em múltiplas direções. Recuperando o que vimos sobre a presença boliviana em outros países, entendemos que não são apenas as mercadorias, no caso das feiras ou mercados, que circulam entre bairros, dentro e fora das cidades ou mesmo entre países. Tampouco são as línguas que estão em contato ou que entram em contato por si sós, espontaneamente. Os sujeitos é que se deslocam, carregando não apenas

⁸⁷ Tradução livre: “São idiomas oficiais do Estado o castelhano e todos os idiomas das nações e povos indígena originário campesinos”.

⁸⁸ Para esta formulação, tomamos por base a definição de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) proposta por Althusser (1970).

mercadorias. Eles carregam sua história, que está composta pelas trajetórias seguidas, pelas fronteiras atravessadas e pelas línguas que os constituem – independentemente de que língua seja.

Os deslocamentos, conforme observamos em Dreidemie, podem ocorrer também entre categorias sociais: de “indígenas” ou “campesinos” a “conterrâneos” ou “migrantes”; entre o “tradicional” e o “moderno”. Consideramos importante destacar que são os sujeitos que se deslocam, ainda que se trate da dimensão linguística. Nesse sentido, interessa-nos recuperar uma afirmação de Louis-Jean Calvet: “[p]remier effet, donc, de la ville sur les situations linguistiques : elle unifie”⁸⁹ (1994, p. 16).

Concordamos com isso, em certo sentido, ao acreditarmos que a cidade tem a capacidade de atrair os sujeitos, de colocá-los todos juntos, ainda que nem sempre se compartilhe os mesmos espaços. Esse compartilhamento, como vimos no capítulo anterior em relação à feira boliviana na Praça Padre Bento, nem sempre é desejado; assim, quando acontece, pode ser tolerado ou rechaçado – como aconteceu com a feira. Movimentos como esses podem ser vistos como parte de um ciclo de desorganização-reorganização, que passaria pelas seguintes fases: “compétition puis conflit entre les populations différents mises en relation par l’immigration, adaptation aux conditions nouvelles et enfin assimilation”⁹⁰ (Calvet, 1994, p. 25).

Assim, os deslocamentos vão ocorrendo entre bairros, no periurbano, de províncias a departamentos, do campo à cidade, de uma praça a outra. Como afirma Calvet (ibid., p. 46), a cidade é algo mais que a simples soma de grupos de origens diversas. Ela é também uma estrutura, uma organização, com bairros comerciais e residenciais, com favelas e bairros nobres, e bairros negros, chineses, italianos, e tudo isso interessa ao linguista. Os migrantes, ainda de acordo com o autor, devem adquirir de forma mais ou menos aprofundada a língua do país de acolhida, e seus filhos também, mas conservarão ou não a língua de origem.

Para ilustrar a situação dos migrantes referida por Calvet, trazemos novamente o próprio caso de Evo Morales, que passou por dois grandes movimentos de migração. Um deles foi para a Argentina, aos seis anos de idade e sem saber castelhano – o que indica não ser improvável que alguns migrantes bolivianos cheguem ao país de acolhida sem proficiência nesta língua. Não dispomos de dados oficiais, mas pelas observações realizadas e diálogos estabelecidos com funcionários de uma escola no bairro do Brás, praticamente metade das crianças daquela unidade escolar seriam bolivianas. Quantas delas já teriam aprendido português? O caso de Morales é descrito por ele mesmo em reportagem publicada no periódico argentino *Página12*: “Yo no entendía castellano, era aymara cerrado, y me quedaba sentadito atrás de todos los compañeros de curso. No

⁸⁹ Tradução livre: “[p]rimeiro efeito, então, da cidade sobre as situações linguísticas: ela unifica”.

⁹⁰ Tradução livre: “competição e conflito entre diferentes populações colocadas em relação pela imigração, adaptação às novas condições e, enfim, assimilação”.

me acuerdo de qué hablarían, porque no entendía”⁹¹.

Os bolivianos que já sabem castelhano manteriam essa língua? E os que têm como língua materna o quéchua, o aimará, o guarani ou uma das outras línguas indígenas reconhecidas recentemente pela Constituição boliviana? Serão necessárias outras pesquisas, além de tempo, para que as respostas venham à tona. O que pudemos perceber ao longo da pesquisa que desenvolvemos foi que no ambiente da Feira Kantuta estão em circulação o castelhano boliviano, o quéchua e o português brasileiro. Outras línguas originárias, como o aimará e o guarani, podem estar em circulação naquele espaço, mas não chegamos a presenciar ou registrar tais ocorrências.

Voltando ao bairro do Brás, encontramos durante uma de nossas passagens pelo bairro um papel afixado numa das colunas da Oficina Cultural Amácio Mazzaropi, localizada na Avenida Rangel Pestana:

⁹¹ Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-260313-2014-11-21.html>. Tradução livre: “Eu não entendia castelhano, era aimará fechado, e ficava sentado atrás de todos os companheiros de curso. Não me lembro do que diziam porque não entendia”.

Procuramos, primeiramente, identificar a língua em que estava escrito o texto e tratamos de verificar em dicionários de quéchua e de aimará que nos foram trazidos da Bolívia se havia alguma correspondência. Identificamos tratar-se de quéchua e, com grande esforço, percebemos que as primeiras palavras poderiam ser traduzidas como “todas as pessoas nascem livres”. Buscamos, então, a Declaração Universal dos Direitos Humanos em quéchua, e encontramos o que segue:

*Tukuy kay pachaman paqarimujkuna libres nasekuntu tukuy punitaj kikin obligaciones niycjllataj, jinakamalla honorniyotaj atinyoytaj, chantaq razonwantaj concienawantaj dotasqa kasqankurayku, kawsaq masipura jina, tukuy uj munakuyllapi kawsakunanku tian*⁹²

O texto corresponde ao artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e

⁹² Texto localizado no verbete “quíchua” da Wikipedia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Qu%C3%ADchua>. Último acesso em 06/12/2014.

consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”⁹³.

Se considerarmos tudo o que vimos até aqui, desde as diferenças entre quéchuas e aimarás apontada por Urquidi, passando pelos depoimentos de bolivianas e bolivianos em pesquisas realizadas na Argentina e no Brasil em relação à língua de origem, até chegarmos à intervenção na Oficina Cultural no bairro do Brás e à mensagem transmitida pelo mestre de cerimônias na Feira Kantuta, já não é possível pensar no castelhano como a língua de pertencimento da maioria dos migrantes bolivianos que chegaram na Argentina e no Brasil ao longo das últimas décadas. Conforme vimos através de diversos estudos, os migrantes bolivianos recentes são pessoas oriundas do campo, da camada social mais pobre e que se vêem obrigadas a deixar o meio rural em busca de meios de subsistência.

Laime Ajacopa apresenta um depoimento em sua pesquisa que parece reforçar a relação das línguas com posições de classe desde antes da migração internacional, ainda na Bolívia. Um de seus informantes conta que a preferência pelo castelhano se dá quando há ausência de intimidade, e descreve a situação vivida no Mercado la Kancha, em Cochabamba, durante uma transação na qual se dirigiu em quéchua a uma senhora falante dessa língua, mas recebeu a resposta em castelhano:

“y yo voy y le pregunto a la señora en quechua, tiyapusunkichu papa, lo que sea, pago, y me contesta en español, yo insisto con el quechua porque sé que habla, me miran y me contestan en español, creo que ven nuestro aspecto, si estuviese vestido de campesino, seguramente me hablarían en quechua, pero me ven así como estoy, inmediatamente me contestan en español.”⁹⁴
(LAIME AJACOPA, 2011, p. 486)

Essas informações são bastante reveladoras. Não se trata apenas de uma questão de intimidade, mas também de identidade, como já havia surgido em outros casos neste mesmo capítulo. “Car ne pas parler comme l'autre c'est ne pas être comme lui, et parler comme son pair c'est affirmer sa solidarité avec lui, son identité”⁹⁵ (CALVET, 1994, p. 72).

Assim, podemos depreender desse cenário que o castelhano pode ser percebido no ambiente da Feira Kantuta como língua de identificação grupal, mas não pode ser considerado como a única língua a ocupar essa posição. O castelhano cumpre, ademais, a função de idioma oficial do Estado, conforme definido na Constituição boliviana. Temos então, por um lado, o castelhano cumprindo uma função veicular na Bolívia⁹⁶ e também na Feira Kantuta; por outro, essa língua parece ter uma função de identificação grupal nas relações estabelecidas com os visitantes da feira que não são

⁹³ Conforme aparece em <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>. Última consulta em 06/12/2014.

⁹⁴ Tradução livre: “e eu vou e pergunto à senhora em quéchua, *tiyapusunkichu papa*, pago quanto for, e me responde em espanhol, eu insisto com o quéchua porque sei que ela fala, me olham e me respondem em espanhol, acredito que vêem nosso aspecto, se estivesse vestido de campesino, seguramente falaria comigo em quéchua, mas me vêem assim como estou, imediatamente respondem em espanhol.

⁹⁵ Tradução livre: “Porque não falar como o outro é não ser como ele, e falar como seus pares é afirmar sua solidariedade para com eles, sua identidade”.

⁹⁶ Cf. Laime Ajacopa (2011).

bolivianos, pois à maioria destes o atendimento é dispensado em português.

5. Outros deslocamentos

Apresentamos neste capítulo uma amostra do funcionamento das línguas na Feira Kantuta, realizando um percurso no qual procuramos contemplar um panorama das línguas na Bolívia, recuperar o perfil migratório boliviano em São Paulo e, finalmente, exemplos do funcionamento das línguas na Feira Kantuta.

Para tanto, partimos de alguns pontos de dispositivos legais como a Nueva Constitución Política del Estado e a lei de educação boliviana em vigor; depois, expusemos um panorama do funcionamento das línguas na Bolívia, explorando um pouco mais sua situação no altiplano em função da origem dos migrantes bolivianos recentes que se destinaram especialmente a São Paulo, mas observando também os casos de Córdoba e Buenos Aires, na Argentina.

Finalmente, abordamos o funcionamento das línguas na Feira Kantuta. Vimos que, diante da diversidade linguística boliviana e considerando as experiências relatadas nas pesquisas levadas a cabo na Argentina e no Brasil, a função do castelhano boliviano como língua de pertencimento é passível de relativização, pois esta língua está muito mais ligada à sua função de idioma oficial do Estado, prestando-se à homogeneização de uma identidade “boliviana”. Além disso, outras línguas – o quéchua, por exemplo – parecem também ocupar um lugar de identificação grupal, em especial para o perfil do “boliviano migrante” construído pelas pesquisas consultadas: aquele que, como vimos nos capítulos 1 e 2, resulta de deslocamentos dentro do próprio território boliviano, e que leva consigo as marcas do rural no urbano.

Consideramos que, realizados os percursos propostos nos três primeiros capítulos, já é possível lançar um olhar sobre o corpus de enunciados selecionado, a partir do qual buscaremos, no processo de construção do objeto de discurso Praça/Feira Kantuta que apresentaremos no próximo capítulo, indagar filiações a memórias discursivas relacionadas à nacionalidade e à migração na América do Sul – objetivo geral que determinamos para nossa pesquisa no momento da formulação do projeto. Veremos que a contraposição que temos observado entre o “boliviano” e o “boliviano migrante”, bem como entre o rural e o urbano, ganha uma realização específica na construção desse objeto de discurso.

CAPÍTULO 4

Enunciados e memória na Feira Kantuta

Tendo realizado nos capítulos anteriores um percurso com o qual procuramos reproduzir de algum modo os deslocamentos dos migrantes bolivianos desde a região andina da Bolívia até a região central da cidade de São Paulo, mais precisamente até a Praça Kantuta, trataremos neste capítulo de identificar nos discursos de pessoas da coletividade boliviana registrados em atos públicos ocorridos durante a Feira Kantuta os enunciados que indiquem filiações a memórias discursivas relacionadas à nacionalidade e à migração na América do Sul.

Seguiremos um percurso semelhante ao realizado nos demais capítulos, mas em sentido distinto. Enquanto nos três primeiros capítulos procuramos iniciar o percurso na Bolívia até chegar ao uso das línguas na Praça Kantuta como um traço de identidade “boliviana” ou do “boliviano migrante”, neste capítulo organizamos o material sob análise em três grupos: o primeiro diz respeito à representação do “ser boliviano” em São Paulo, considerando as identidades mencionadas; o segundo envolve as formas de referir a “Praça Kantuta”, que também nos remete a aspectos identitários; o terceiro concerne ao processo de conquista/apropriação do espaço no qual se realiza a feira. Partimos, assim, do sujeito representado em enunciados veiculados na feira, passamos pela construção da praça como objeto de discurso e chegamos, por fim, às lutas pela apropriação do espaço.

Iniciaremos o capítulo com uma apresentação das condições de produção dos enunciados que serão analisados. Logo depois apresentaremos a análise das sequências discursivas distribuídas conforme a divisão mencionada no parágrafo anterior e, em seguida, faremos nossas considerações sobre este capítulo.

1. Das condições de produção

Iniciamos este capítulo recuperando o recorte que realizamos nesta pesquisa para que possamos identificar as condições de produção envolvendo o material que analisamos. Como não nos seria possível recolher todo e qualquer enunciado de interesse para a análise da qual nos ocupamos, decidimos buscar registros em vídeo sobre a feira realizados a partir de 2010 que contivessem depoimentos de pessoas ligadas, de preferência, diretamente à comunidade boliviana.

Como esse recorte ainda compreenderia um número amplo de registros, optamos por trabalhar prioritariamente com enunciados registrados em atos públicos realizados durante a feira, e

nos limitamos a abordar as falas de pessoas ligadas à comunidade que foram registradas durante os seguintes eventos que ocorreram em 2012: troca da presidência da Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento (doravante AGCFBPB), que coincidiu com a celebração do Dia do Mar boliviano; celebração dos 187 anos de independência da Bolívia; celebração do aniversário de 10 anos de realização da feira na sua atual localização, a Praça Kantuta.

Optamos, a partir da seleção dos enunciados, pela organização de três grupos de fragmentos de discurso, que serão abordados como sequências discursivas. Tais fragmentos apresentaram relevância dentro dos textos observados em função, principalmente, das repetições, da recorrência de formulações relacionadas à representação do “ser boliviano” em São Paulo, ao modo de referir a “Praça Kantuta” e ao processo de conquista/apropriação do espaço. Adotamos essa metodologia porque nos pareceu a mais adequada aos nossos objetivos; além disso, verificamos que há antecedentes, nos estudos discursivos, de trabalhos de análise nos quais o ordenamento desta se realiza a partir de unidades em repetição – por exemplo, os de Serrani (1994) e Courtine (2009).

Podemos afirmar que a delimitação que operamos na seleção das sequências discursivas é um processo semelhante ao que Courtine apresenta como uma série sucessiva de restrições que, imposta aos materiais, deve homogeneizá-los. O autor afirma:

a definição das CP⁹⁷ do discurso age, portanto, no que se refere às sequências discursivas que compõem o *corpus* discursivo à maneira de um funil, ou melhor, de um *filtro* que opera por extrações sucessivas: extração de um campo discursivo determinado de um 'universal de discurso', extração ou isolamento de sequências discursivas determinadas, uma vez delimitado o campo discursivo de referência. (2009, pp. 54-55)

Segundo Orlandi (2012), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. Se as considerarmos em sentido estrito, temos o contexto imediato; em sentido amplo, o contexto sócio-histórico, ideológico. Consideramos, diante disso, que o recorte do corpus conforme realizamos neste trabalho é relevante para nossa análise; e que, em função das condições de produção dos enunciados que analisamos, também é necessário levar em consideração a definição do político proposta por Guimarães (2005, p.17):

O político [...] se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos. O político é a afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividi-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos.

Essa definição do político nos parece atravessar de modo singular algumas das relações estabelecidas no ambiente da feira – e que ficam evidentes nos enunciados que analisamos. Podemos mencionar, para ficar apenas com um exemplo, a relação entre a comunidade e a

⁹⁷ CP: condições de produção

representação consular boliviana em São Paulo. Durante a celebração do aniversário de 10 anos de realização da feira na Praça Kantuta, notamos a ausência de representantes do consulado entre os que fizeram uso da palavra. Nenhum dos que falam nesse evento faz qualquer referência a essa instituição ou a seus representantes, mesmo quando são enumeradas instituições que apoiaram a comunidade na busca por um espaço para realização da feira. Aparentemente, a conquista desse espaço não teve influência direta da representação consular boliviana em São Paulo. Ao menos o discurso dos que foram convidados a se manifestar durante o evento não indica senão a ausência dessa instituição durante o processo – o que se mostrará relevante ao longo das análises.

2. De enunciados e memória

Iniciamos nosso próximo gesto de análise através da abordagem do primeiro grupo de sequências discursivas, que foram selecionadas em função de sua relação com modos de representação do “ser boliviano” em São Paulo – mais especificamente no espaço da Feira Kantuta.

2.1. “*Ser boliviano*” em São Paulo

Considerando que a Feira Kantuta já é conhecida por uma parte da população de São Paulo e que foi objeto de diversas reportagens veiculadas em jornais impressos e televisivos, destacamos a primeira sequência:

SD1 – “esta plaza maravillosa donde tanta gente viene a [...] con nosotros, a saborear la gastronomía boliviana, y también los amigos latinos, esposos, maridos, brasileños.”⁹⁸

Notamos na SD1, extraída de uma fala do *mestre de cerimônias I*⁹⁹, traços que encontramos em quase todas as sequências que analisamos neste trabalho. Começaremos por “esta plaza maravillosa”, que poderíamos interpretar como o modo utilizado pelo locutor para se referir à Praça Kantuta. A praça em si, de fato, reúne algumas características que permitem tal predicação. Algumas delas são mencionadas na SD13 (à qual chegaremos) pela senhora Maggie: “a praça aqui tem tudo, tem espaço, tem árvore, tem vida, pode ter criança, pode ter.. é uma maravilha isso aqui”.

⁹⁸ Eventualmente o leitor encontrará esta representação [...] em alguma SD, o que significará que naquele momento da gravação não é possível distinguir o que foi dito. Tradução livre: “esta praça maravilhosa onde tanta gente vem [...] conosco, para saborear a gastronomia boliviana, e também os amigos latinos, esposos, maridos, brasileiros”.

⁹⁹ Adotamos essa denominação por duas razões: para que não se confundam os papéis quando nos referirmos como “locutor” àqueles que façam uso da palavra; e também porque identificamos mais de um mestre de cerimônias no *corpus* com que trabalhamos, por isso a numeração.

É preciso recuperar, no entanto, o que vimos no segundo capítulo. A praça, conforme relatado por outros pesquisadores, se transforma no domingo. Durante os demais dias da semana o lugar fica abandonado. Assim, “esta plaza maravillosa” é um recorte que se faz do espaço em função das condições de produção imediatas do discurso. Como se registra na fala do Sr. Jorge Meruvia em um trecho da SD17 que antecipamos aqui: “si no serían ustedes también, no sería plaza”¹⁰⁰. Os frequentadores da feira também são agentes da transformação daquele espaço físico. Assim, “esta plaza maravillosa” entra em relação de sentido com a feira, tantas vezes referida como “plaza”.

A convivência nesse espaço da cidade faz parte de um conjunto de práticas relacionadas a “ser boliviano” em São Paulo – para não mencionar outros espaços já indicados ao longo deste trabalho. Um espaço “donde tanta gente viene” no intuito de, entre outras coisas, “saborear la gastronomía boliviana”. O que sugere que os bolivianos, representados na sequência por um “nosotros” que inclui o locutor, reproduzem na feira suas práticas alimentares – que muitas vezes não se mantêm durante a semana, conforme apontam estudos que abordam a rotina desses migrantes na cidade de São Paulo.

Esse “tanta gente” que aparece na SD1 poderia contemplar todos os visitantes, mas há uma coordenada aditiva que nos permite interpretar toda a sequência como sendo construída, no que diz respeito aos que frequentam a feira, da seguinte forma: aqui vimos nós e também os outros. Ou seja, vão à feira saborear a gastronomia boliviana os próprios bolivianos “y también los amigos latinos, esposos, maridos, brasileños”. Essa forma de representar a relação com o(s) outro(s) se repete, conforme veremos adiante em outras sequências discursivas. Nesta que ora analisamos, se evidenciam relações de amizade e relações conjugais estabelecidas no seio da comunidade.

Percebemos, ainda, que a relação com o espaço de enunciação já se evidencia na SD1. Consideramos nesta afirmação a formulação de Guimarães (2005, p.18), que define os espaços de enunciação como

espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer.

Como vimos no terceiro capítulo, esses modos de dizer bolivianos são marcados por deslocamentos que derivam do *contato de sujeitos entre línguas*, que abordaremos detalhadamente neste capítulo. Como na sequência sob análise, em que observamos a reprodução de uma representação muito comum do Brasil como país não latino-americano, evidenciada na diferenciação “latinos” / “brasileños”. Nesse espaço onde tantas línguas estão em funcionamento, os

¹⁰⁰ Tradução livre: “Se não fossem vocês também, não seria praça”.

falantes são determinados pelas línguas que falam¹⁰¹.

Isso vai ficando mais evidente ao longo das sequências que seguiremos analisando neste trabalho, como a que apresentamos a seguir:

SD2 – “*Muy buenas tardes*, é::, me chamo Paulo, não é? Como bem ouviram, novo presidente da Praça Kantuta. Bom, aqui me completo com vocês aqui o meus desejo, né?, de que a Bolívia um dia possa recuperar o seu mar, é um sonho não somente boliviano, como muito importante para toda essa coletividade estrangeira, né?”

É possível observar na SD2, extraída de uma fala do Sr. Paulo, que acabara de assumir a presidência da AGCFBPB, um deslocamento entre a saudação e o restante da fala desse locutor. O castelhano é utilizado para abrir o discurso, nesta sequência, para cumprimentar o público, e também na SD3, que veremos adiante, para fazer um agradecimento. Há também uma hesitação por parte do locutor em relação ao lugar a partir do qual produz seu discurso, o que torna esse discurso confuso referencialmente. Neste momento, o que nos interessa destacar é a perda do centro referencial na atribuição de nacionalidade quando é produzida, mediante o conectivo “não somente... como”, uma construção aditiva com dois membros: “sonho boliviano”, “muito importante para toda essa coletividade estrangeira”.

Essa construção suscita algumas indagações. Se já foi dito que o sonho é “boliviano”, o que seria “toda essa coletividade estrangeira”? Diferente do locutor presente na SD1, este da SD2 não se inclui entre os bolivianos – e, talvez, não pudesse mesmo, por ser brasileiro. Esse locutor se dirige às pessoas que se encontram na praça? Dado que a maioria dos frequentadores da feira é composta por bolivianos, não seria dispensável designar a coletividade como “estrangeira”? O fato de serem migrantes, bolivianos em São Paulo, os configura como um pouco menos bolivianos ou como não bolivianos? Ou deve-se ler “estrangeira” como a respeito da Bolívia? Em qualquer dos casos, é uma contraposição que aponta para um lugar que já não é o mesmo.

Identificamos esses deslocamentos como inerentes ao *contato de sujeitos entre línguas*. O locutor produz um discurso que leva ao extremo a perda do centro referencial, mas encaramos essa instabilidade como constitutiva nesse contato. Para afirmá-lo, partimos das ideias desenvolvidas por Mondada e Dubois (2003, p.22) que, ao tratarem da categorização e da construção de objetos de discurso, consideram as categorizações como geralmente instáveis e analisam tais instabilidades

como sendo inerentes aos objetos de discurso e às práticas, como estando ligadas às propriedades intersubjetivamente negociadas das denominações e categorizações no processo de referenciação: estas últimas não são mais consideradas como algo que estabiliza uma ligação direta com o

¹⁰¹ Cf. Guimarães (2009, p. 18)

mundo, mas como processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas.

Passemos à próxima sequência, recolhida durante a celebração dos 187 anos de independência da Bolívia, para observar de que modo essas instabilidades nela se manifestam:

SD3 – *Muchas gracias*. É::, primeiro de tudo, é::, agradecer a presença de todos aqui, e::, mais uma vez, mais um aniversário, né?, felicitar todo o povo boliviano pelos 187 anos da independência da Bolívia, né? Pra mim é uma honra fazer parte de uma comunidade tão linda, um país que cada dia cresce mais. Sabemos que o futuro de um país se faz trabalhando, com muita luta e com muito trabalho, assim que o povo boliviano pra mim, mais que tudo terá um brilhante futuro porque realmente é um povo trabalhador, um povo que realmente luta pra chegar ao seu objetivo.

Conforme havíamos antecipado quando analisávamos a sequência anterior, as primeiras palavras do locutor na SD3 (novamente o Sr. Paulo) são pronunciadas em castelhano. Isso se limita ao agradecimento, ao menos no recorte apresentado, pois é a língua portuguesa que predomina no restante da sequência. Cabe recuperar, pois, a importância central que Guimarães atribui à linguagem no tratamento do político como fundamento das relações sociais. O pesquisador procura caracterizar o político fora de suas concepções negativas, definindo-o como “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (2005, p.16).

É importante que tenhamos em conta a afirmação de pertencimento pelo que observamos ainda na SD3. O locutor felicita “todo o povo boliviano pelos 187 anos da independência da Bolívia” e, logo depois, afirma: “Pra mim é uma honra fazer parte de uma comunidade tão linda”. Diferente do locutor da SD1, não é possível afirmar que este da SD3 se coloca como boliviano – e, de fato, não o é –, mas ele faz questão de destacar como se sente por fazer parte da comunidade. Essa postura nos remete ao trabalho de Akira Igaki (2011, p. 259), que realizou uma pesquisa em Córdoba (Argentina) e analisou a permeabilidade das fronteiras simbólicas dos sujeitos da comunidade boliviana ante os argentinos que participam das atividades culturais bolivianas. O autor assinala em seu trabalho que a complexa heterogeneidade de relações identificatórias dos integrantes das “associações” (grupos de dança folclórica) com a comunidade é uma mostra da natureza oscilante das fronteiras simbólicas da comunidade.

Se considerarmos, pois, que as categorizações e as denominações são processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, conforme afirmam Mondada e Dubois, poderemos chegar a melhor compreender os fatos sob análise neste

trabalho. O locutor, brasileiro, presidente da AGCFBPB, aparece como totalmente integrado à comunidade. Isso não apenas dá margem ao discurso de pertencimento em SD3; isso nos oferece subsídios para tentar compreender a perda referencial que havíamos observado na SD2. O locutor, neste caso, talvez já não seja representável como brasileiro.

Ainda na SD3, temos um trecho no qual se projeta a imagem do “povo boliviano”. O locutor afirma: “o futuro de um país se faz trabalhando, com muita luta e com muito trabalho, assim que o povo boliviano pra mim, mais que tudo terá um brilhante futuro porque realmente é um povo trabalhador, um povo que realmente luta pra chegar ao seu objetivo”. Cabe destacar a relação entre “país” e “povo”, que abre espaço para uma série de comparações, que nos remete à memória discursiva¹⁰² para que possamos compreender o funcionamento do texto.

Vemos esse deslocamento, pois, não apenas como manifestação das instabilidades há pouco mencionadas, mas também como mobilizador de um trabalho da memória, que igualmente contribui para compreendermos os fatos sob análise. Conforme Payer (2006, p.39), “o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a 'sua' língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história”.

A relação país/povo presente na SD3 sugere uma comparação implícita e aparentemente inespecífica com outros povos/países. Ao afirmar que “sabemos que o futuro de um país se faz trabalhando”, o locutor fala como parte da comunidade ou como alguém que talvez já não seja representável como brasileiro? Acreditamos que a resposta deve continuar considerando as instabilidades a que vimos nos referindo, pois o locutor nos parece dar lugar a um enunciador proverbial. Ou, nos termos de Guimarães (2005, p. 25), o lugar de dizer seria o do “enunciador genérico”. Neste caso, “[o] que se diz é dito como aquilo que todos dizem. Um todos que se apresenta como diluído numa indefinição de fronteiras para o conjunto desse todos” (ibid.).

O Sr. Paulo continua: “assim que o povo boliviano para mim, mais que tudo, terá um brilhante futuro porque realmente é um povo trabalhador, um povo que realmente luta para chegar ao seu objetivo”. Podemos afirmar que o “boliviano” é (re)construído com base no imaginário tradicional e conservador sobre o povo brasileiro e o Brasil como país do futuro. A referência ao boliviano como povo “batalhador” e que “realmente luta” abre caminhos de leitura através das ressonâncias que produz. Um deles é o da comparação entre o povo brasileiro, sobre o qual, no mesmo imaginário conservador, há uma tradição discursiva que o representa como “sabedor” de que o futuro se faz trabalhando, e o “povo boliviano”, que parece representado como tão

¹⁰² Adotamos neste estudo o conceito de memória discursiva conforme definido por Pechêux (2010, p.52): “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

trabalhador e com objetivos tão claros quanto o brasileiro.

A representação do boliviano em São Paulo e no Brasil continua em questão na próxima sequência discursiva, extraída de uma fala do Sr. Jaime Valdivia, cônsul da Bolívia em São Paulo:

SD4 – En este sentido, en estos 187 años, en el nombre de nuestro presidente Evo Morales, en el nombre de nuestro país, en el nombre practicamente de todos ustedes, compañeros, de todos nosotros los bolivianos, que venimos avanzando poco a poco. Sé que tenemos que hacer muchas cosas más, sé que tenemos que avanzar muchas cosas más, pero si recordamos ha seis años atrás, no teníamos ni el derecho de votar en el exterior. Hoy tenemos el derecho de votar en el exterior, 2014 tendremos el derecho de votar en el exterior, tenemos derecho a RNE, tenemos derecho a la ciudadanía, tenemos derecho a los préstamos, porque tenemos que tener el orgullo de ser boliviano, y recordando esta actividad de los 187 años de nuestro país, siempre he escuchado decir que el boliviano no ha venido a hacer problemas y sí ha venido a complementar el trabajo de fuerza, el trabajo de fuerza jóvenes de todos ustedes, jóvenes dieciocho a veinticinco, a treinta años, estamos contribuyendo con nuestra fuerza a este país de Brasil, que nos acoge, que nos da las oportunidades, mas también, nosotros como cada boliviano, contribuye con su fuerza, con su dignidad y con su paciencia, y [...] que no ha venido a crear problemas. Por eso, un aplauso para todos ustedes, compañeros. Un aplauso para cada boliviano, joven, que está dando su fuerza de trabajo. En ese sentido, quiero darles [...] en nombre de nuestro presidente Evo Morales, en nombre prácticamente de cada uno de nosotros, ayúdenme a decir: ¡Viva Bolivia!¹⁰³

Podemos destacar desta sequência, em primeiro lugar, a negação de um discurso que não está evidente: “siempre he escuchado decir que el boliviano no ha venido a hacer problemas y sí ha venido a complementar el trabajo de fuerza”. Vale a pena recuperar que luta e trabalho são mencionados na SD3, sequência anterior, num discurso de quem se apresenta (ou se representa) como parte da comunidade, exaltando a “honra” de fazer parte dela e destacando o que nela

¹⁰³ Nesse sentido, nestes 187 años, em nome de nosso presidente Evo Morales, em nome de nosso país, em nome praticamente de todos vocês, companheiros, de todos nós bolivianos, que vimos avançando pouco a pouco. Sei que temos que fazer muitas coisas mais, sei que temos que avançar em muitas coisas mais, mas se recordamos seis anos atrás, não tínhamos nem o direito de votar no exterior. Hoje temos o direito de votar no exterior, 2014 temos o direito de votar no exterior, temos direito a RNE, temos direito à cidadania, temos direito aos empréstimos, porque temos que ter o orgulho de ser boliviano, e recordando esta atividade dos 187 anos do nosso país, sempre ouvi dizer que o boliviano não veio criar problemas e sim veio para complementar o trabalho de força, o trabalho de força jovem de todos vocês, jovens dezoito a vinte e cinco, a trinta anos, estamos contribuindo com nossa força para este país do Brasil, que nos acolhe, que nos dá as oportunidades, mas também, nós como cada boliviano, contribui com sua força, com sua dignidade e com sua paciência, e [...] que não veio para criar problemas. Por isso, um aplauso para todos vocês, companheiros. Um aplauso para cada boliviano, jovem, que está dando sua força de trabalho. Nesse sentido, quero lhes dar [...] em nome do nosso presidente Evo Morales, em nome praticamente de cada um de nós, ajudem-me a dizer: viva a Bolívia!

identifica de modo positivo. Ocorre algo distinto em SD4. É assumida uma posição de defesa do boliviano, que não veio causar problemas; veio, sim, complementar o trabalho de força, o trabalho braçal. O preconceito sofrido pelos bolivianos e a imagem negativa que persiste em meio à sociedade a respeito desses migrantes é rebatida sem que houvesse qualquer menção anterior a ela. Entra em funcionamento a memória envolvendo a presença boliviana em São Paulo. Podemos, numa abordagem preliminar, recuperar a história da feira, que foi transferida da Praça Padre Bento, como vimos, porque os moradores do entorno se sentiram incomodados com a presença dos bolivianos.

Há outras ressonâncias em jogo na defesa da presença boliviana. Destacamos, em primeiro lugar, as posturas geralmente contrárias à presença de migrantes em diversos países do mundo, as quais se procura comumente justificar com argumentos como a subtração de postos de trabalho aos locais. Tais postos, no entanto, muitas vezes são desdenhados pelos trabalhadores locais, seja pela baixa remuneração oferecida, seja pelas condições degradantes a que o trabalhador é submetido, ou, ainda, por uma conjunção desses e de outros fatores.

Podemos recuperar também a migração nordestina para São Paulo, que foi uma das alavancas do progresso da capital paulista. Vista como “terra de oportunidades”, a cidade de São Paulo recebeu milhares de pessoas que saíram da região nordeste para “tentar a vida” e se enquadraram no ideal do trabalhador: o que contribui com sua força, resiste com dignidade e resignação às humilhações, tem paciência para colher os frutos do trabalho.

Diretamente relacionado a isso, destacamos outro trecho da SD4: “jóvenes dieciocho a veinticinco, a treinta años, estamos contribuyendo con nuestra fuerza a este país de Brasil, que nos acoge, que nos da las oportunidades, mas también, nosotros como cada boliviano, contribuye con su fuerza, con su dignidad y con su paciencia, y [...] que no ha venido a crear problemas”. A predicação indica que o Brasil acolhe e dá oportunidades, e a argumentação segue com uma adversativa que destaca uma contrapartida: a contribuição dada ao país através da força de trabalho, da dignidade e da paciência. Estas remetem às duras jornadas de trabalho dos bolivianos em oficinas de costura, bem como às condições muitas vezes insalubres, análogas à de escravo, que eles costumam enfrentar.

Essa adversativa, no entanto, remete a algo mais do que a contrapartida ao acolhimento. Já vimos que “ser boliviano” em São Paulo é uma construção forjada, ao menos na SD1, a partir de uma nomeação do outro em sua relação com os que formam parte dessa coletividade. Se na SD3 ocorre apenas uma definição daquilo que caracterizaria o boliviano através de uma construção que se utiliza do verbo ser para produzir uma afirmação, na SD4 observamos duas negações: “el boliviano no ha venido a hacer problemas”; “no ha venido a crear problemas”.

As negações reforçam outra forma de abordar a relação entre *nós* e o *outro*. Mais do que simplesmente nomear o que não é o mesmo, o que não forma parte, o outro, a negação traz consigo, neste caso, uma comparação – conforme ensaiamos em parágrafos anteriores. Poderíamos estabelecê-la em níveis distintos, começando pelas ocorrências envolvendo bolivianos, peruanos e paraguaios na região central da cidade de São Paulo. Conforme informação da delegada Fabiana Sarmiento (DHPP) veiculada na reportagem de um portal de notícias em agosto de 2011, haveria uma rixa entre bolivianos e paraguaios:

Até o presente momento, percebo que há, sim, uma rixa entre as duas etnias. Isso está comprovado. Vários depoimentos, principalmente de bolivianos, dão conta de que os paraguaios se julgam uma raça superior, branca, e brincam muito, tiram muito sarro, procuram agredir gratuitamente os bolivianos.¹⁰⁴

A reportagem mencionando os problemas entre os coletivos migrantes era recente em relação à data em que se produziram as negações, foi publicada apenas um ano antes. A comunidade boliviana vinha ganhando cada vez mais espaço e visibilidade dentro da cidade. Muitas reportagens, no entanto, destacavam a presença dos bolivianos em São Paulo muito mais pelas páginas policiais, normalmente como vítimas de crimes.

Denúncias de exploração do trabalho dos bolivianos, que eram encontrados por representantes do Ministério Público do Trabalho em condições análogas à escravidão, eram ainda mais comuns. Essas questões envolvendo trabalho comumente se apresentam quando se trata de coletivos migrantes. Alguns argumentam contra a presença de migrantes alegando uma suposta ocupação de vagas de trabalho que poderiam ser preenchidas por trabalhadores locais.

Aprofundando um pouco mais nossa análise, poderíamos chegar à representação negativa do trabalhador brasileiro não qualificado. Conforme menciona Silva (1995, p.135), tal representação seria consequência da ideologia da indolência, que no século XIX serviu para estimular a vinda de imigrantes europeus para o Brasil – o que objetivava, na verdade, o caldeamento da raça. Isso nos leva a uma situação inusitada: bolivianos que vieram “fazer a América”¹⁰⁵ apresentam, em sua maioria, traços físicos considerados como indígenas e são submetidos a rotinas de trabalho em condições que se assemelham à escravidão. É verdade que não acontece o mesmo com todos os bolivianos que chegam a São Paulo, mas a imagem do trabalho em condições análogas à escravidão é normalmente associada a “ser boliviano” na capital paulista. Outra relação passível de ser estabelecida a partir da afirmação de que o boliviano não veio para causar problemas é uma identificação do “migrante boliviano” (oriundo da camada mais pobre da população) com o

¹⁰⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/promotoria-apura-rixa-entre-peruanos-bolivianos-e-paraguaios-em-sp.html>. Último acesso em 03/09/2014.

¹⁰⁵ Matéria do Jornal da Band. Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?id=100000396457>. Último acesso: 06/11/2014.

brasileiro “bom” (também pobre): aquele que aceita sua condição, não se revolta nem cai na “vadiagem”, e trabalha incansavelmente para “melhorar”, para “vencer na vida”.

Todo esse discurso de defesa, no entanto, carrega em si um aspecto que pode atuar contra os próprios bolivianos. Trata-se da imagem que se forma de que o boliviano “trabalha muito”, de que ele “realmente é um povo trabalhador”. Isso afeta os bolivianos em qualquer lugar do mundo, pois a disposição física e o desejo de ganhar mais dinheiro são argumentos utilizados pelos donos dos meios de produção para que se deixe de contratar mão de obra local e, o que é pior, precarizar ainda mais as condições de trabalho. Encontramos exemplos disso não apenas no Brasil, no ramo da costura, mas também na Argentina, onde os bolivianos trabalham também na horticultura e nas olarias. As características étnico-nacionais invocadas no momento de contratar bolivianos para o trabalho nas olarias, segundo Pizarro, Fabbro & Ferreira (2011, p.114),

sirven de base a la justificación y naturalización de una inserción laboral sumamente precaria, donde con frecuencia la apelación a supuestas aptitudes naturales para el 'trabajo duro' oscurece el hecho de que las mismas dependen más de las pautas de juego del mercado laboral y de la adecuación del trabajador a ciertos estereotipos que de un supuesto conjunto de cualidades inherentes a los trabajadores.¹⁰⁶

Observaremos nas próximas três sequências, ainda no que diz respeito a “ser boliviano” em São Paulo, um pouco das relações que eles estabelecem na praça e na cidade. Traços das relações entre eles e os demais frequentadores da feira são mais evidentes, mas também ressoam os traços das relações de trabalho. Extraímos a próxima sequência de uma fala do Sr. Jorge Meruvia:

SD5 – Aquí hablamos [...] chilenos, brasileiros, latinos, en un pedazo de Bolivia. Se ha contornado una plaza latinoamericana¹⁰⁷.

A presença de outros latinos numa praça considerada um pedaço da Bolívia fez com que ela, segundo o locutor, se tenha transformado em uma praça latino-americana. A seguir, se fala da associação, e podemos identificar que nela se reproduz a presença de agentes ligados às relações de trabalho:

SD6 – Antes se dice: Asociación Folclórica Boliviana Padre Bento. Es boliviana porque concentra más bolivianos, mas aquí están peruanos, chilenos, argentinos, paraguayos, brasileiros, coreanos.

¹⁰⁶ Tradução livre: “servem de base para a justificação e naturalização de uma inserção laboral sumamente precária, onde com frequência a apelação a supostas aptitudes naturais para o 'trabalho duro' obscurece o fato de que as mesmas dependem mais das pautas do jogo do mercado laboral e da adequação do trabalhador a certos estereótipos que de um suposto conjunto de qualidades inerentes aos trabalhadores”.

¹⁰⁷ Tradução livre: “Aqui falamos [...] chilenos, brasileiros, latinos, em um pedaço de Bolívia. Se converteu em uma praça latino-americana”.

Todos. Ironicamente estamos aquí con nuestro presidente brasileiro, presidente de asociación boliviana¹⁰⁸.

O fato de concentrar mais bolivianos é evocado também pelo Sr. Jorge Meruvia como justificava para que a associação seja chamada “Boliviana”. O espaço físico, então, parece confundir-se com a associação, pois no “aqui” onde se dá a enunciação estão peruanos, chilenos, argentinos, paraguaios, brasileiros e coreanos. Assim, se não fosse pela maioria boliviana, poderíamos ter algo como Associação Folclórica Latinoamericana Padre Bento. Isso, no entanto, não contemplaria os “coreanos” mencionados pelo locutor¹⁰⁹. A presença desses coreanos, no entanto, não nos parece a única razão para que a associação não tenha seu nome transformado de “Boliviana” para “Latinoamericana”. Entendemos que a identidade da instituição é, de alguma forma, preservada – apesar de não limitar a presença do outro.

A próxima sequência discursiva nos dá uma pequena mostra de uma suposta integração, e de como o fato de ser observada, através de determinada manifestação cultural, a presença do outro, de outro país latino-americano, pode alterar a percepção das relações dentro da comunidade:

SD7 – Ustedes que vienen, visitantes... es una comunidad latina porque ya he visto hasta la danza de Perú¹¹⁰.

O espaço é boliviano, mas atrai visitantes de outras nacionalidades, como acontece com qualquer outro espaço dessa natureza, como a feira realizada no bairro da Liberdade, por exemplo, ainda que em menor proporção. A comunidade funcionaria da mesma forma, o que nos faz recuperar a natureza oscilante de suas fronteiras simbólicas – conforme mencionadas por Igaki (2011). A denominação da associação, no entanto, permanece estável no que se refere à nacionalidade. Essa estabilidade da noção de nacionalidade ou da identidade “boliviana”, que passa pelo papel homogeneizador do castelhano (conforme visto no terceiro capítulo), se relaciona com todo o aparato institucional de que se cerca o Estado ao marcar presença em celebrações que ocorrem na Praça Kantuta durante a realização da feira – conforme vemos a seguir:

¹⁰⁸ Tradução livre: “Antes se diz: Associação Folclórica Boliviana Padre Bento. É boliviana porque concentra mais bolivianos, mas aqui estão peruanos, chilenos, argentinos, paraguaios, brasileiros, coreanos. Todos. Ironicamente estamos aqui com nosso presidente brasileiro, presidente de associação boliviana”.

¹⁰⁹ Essa referência aos “coreanos” nos remete ao trabalho de Alves (2011, pg. 45), quem nos revela que no ramo da costura em São Paulo os judeus empregaram coreanos, que se tornaram donos de oficinas e passaram a empregar bolivianos. Hoje, entre estes últimos há os que também são patrões. Segundo o autor, as relações entre patrões e empregados não se limitam ao trabalho nas oficinas de costura, mas extrapolam suas paredes e incidem em outros espaços – como o da organização de times para campeonatos de futebol.

¹¹⁰ Tradução livre: “Vocês que vêm, visitantes... é uma comunidade latina porque já vi até a dança do Perú”.

SD8 – Para dar inicio al acto de pose quiero que hagan la señal de la cruz, o en la religión que ustedes crean. Y quiero que, en nombre, e::, que esta nueva directoría, está dirigido por Paulo, que en nombre de Dios, por las leyes y las, a::, sacramentos de la fe y entre todas las leyes de la República Federativa de Brasil y también incluyendo las leyes de Bolivia, porque esto es un territorio acogedor de Bolivia, entonces en ese sentido quiero que hagan en la señal de la cruz o en la religión que ustedes puedan creer. Doy la posición a todos ustedes y a cada uno de ustedes de que, te pasando la, la, la, la responsabilidad de Wilson a Paulo, te recomiendo que sigas con la ley, con la fe, adelante, preservando siempre las tradiciones, las condu, costumbres y las morales de Bolivia y de Brasil. Doy la pose en este sentido. Felicidades.¹¹¹

Essa sequência corresponde a outra fala do Sr. Jaime Valdivia, dessa vez durante a troca da presidência da AGCFBPB. Fica evidente a presença do Estado com uma ação disciplinadora, recomendando que o novo presidente da associação boliviana siga com a lei e com a fé, preservando tradições, costumes e morais de ambos os países. Ele também fala da Praça Kantuta como um território acolhedor da Bolívia, denominação alinhada a um discurso institucional e que contrasta com outras denominações que analisaremos mais adiante.

Antes, porém, veremos ainda duas sequências relacionadas a “ser boliviano” em São Paulo. Uma delas indica que o migrante boliviano também tem que lidar com as dificuldades que qualquer grupo de migrantes está sujeito a enfrentar em qualquer lugar:

SD9 – Primeramente como ha comentado ya la señora Francisca como la señora Berta, ellos fueron los primeros vendedores en la plaza Pari. Después yo entré con cereales, como una de las primeras cerealistas, y ahí fuimos expulsos de la plaza Pari, pero la prefectura no tomaba en cuenta, sino era SEMAB, y nos dice las autoridades, son expulsos de esta plaza Pari, y nos encontramos como un hijo expulsado de su casa, de su padre, de su madre, y sin saber qué rumbo tomar. Ya se pueden imaginar cómo es eso.¹¹²

¹¹¹ Tradução livre: “Para dar início ao ato de posse quero que façam o sinal da cruz, ou na religião que vocês creiam. E quero que, em nome, e::, que esta nova diretoria, está dirigida por Paulo, que em nome de Deus, pelas leis e pelas, a::, sacramentos da fé e entre todas as leis da República Federativa do Brasil e também incluindo as leis da Bolívia, porque este é um território acolhedor da Bolívia, então nesse sentido quero que façam o sinal da cruz ou na religião que vocês possam crer. Dou a posição a todos vocês e a cada um de vocês de que, te passando a, a, a, a responsabilidade de Wilson a Paulo, te recomendo que sigas com a lei, com a fé, adiante, preservando sempre as tradições, as condu, costumes e as morais da Bolívia e do Brasil. Dou a posse neste sentido. Felicidades”.

¹¹² Tradução livre: “Primeiramente como já comentou a senhora Francisca como a senhora Berta, eles foram os primeiros vendedores na praça Pari. Depois eu entrei com cereais, como uma das primeiras cerealistas, e aí fomos expulsos da praça Pari, mas a prefeitura não se envolvia, senão a SEMAB, e nos dizem as autoridades, estão expulsos desta praça Pari, e nos encontramos como um filho expulsado de sua casa, de seu pai, de sua mãe, e sem saber que rumo tomar. Já podem imaginar como é isso”.

Pode-se observar nesta sequência que a reconstrução dos fatos altera a forma como o verbo “expulsar” se apresenta. Sua repetição deixa marcada, conforme assinala Payer (2006, p.39), “o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente”. Nesse relato do processo de expulsão, os bolivianos estão representados como personagens que sofrem a ação. É importante assinalar que, uma vez mais, há uma instabilidade inerente ao *contato de sujeitos entre línguas*. Inicialmente, a passiva aparece em 1ª pessoa (“fuimos expulsos”) e, em seguida, em meio ao cruzamento de vozes, em 3ª pessoa (“son expulsos”). É importante ressaltar que o particípio aparece em português, o que também se altera quando se dá lugar à memória através da comparação “como un hijo expulsado de su casa de su padre, de su madre, y sin saber qué rumbo tomar”.

A comparação estabelecida traz à tona as imagens de banimento, da expulsão do paraíso, do exílio. Quando se conclui a sequência com “ya se pueden imaginar cómo es eso”, temos efeitos de sentido influenciados fortemente pelo lugar em que se dá a enunciação, geograficamente falando. O fato de serem bolivianos ouvindo essa construção estando em um lugar que não o seu próprio país, onde todos estão por terem se deslocado de seu lugar de origem, imprime certa autoridade aos migrantes bolivianos, que ouvem esse discurso com conhecimento de causa. As imagens se multiplicam, remetendo a diversos processos assemelhados a esse. Podemos retomar a expulsão do paraíso, que seria o seio da família, seu chão, seu “pago”, sua “llajtita”, sua “madre tierra”. E os bolivianos em São Paulo, em seu desterro, vivem experiência que lhes permite imaginar como se sente “un hijo expulsado de su casa, de su padre, de su madre, y sin saber qué rumbo tomar”.

Observamos, dessa forma, como a migração exerce influência sobre o discurso. Vimos no primeiro capítulo que a Bolívia sempre foi expulsora, ou seja, sempre foi um lugar que não conseguia reter população em seu território. Os bolivianos deixam seu país, geralmente, em busca de melhores condições para viver, como acontece com muitos migrantes pelo mundo. É preciso recuperar, no entanto, outros fatos que afetam não só a Bolívia e os bolivianos, mas populações de toda a região e de todo o mundo. Em primeiro lugar, os governos ditatoriais na América do Sul, cujos regimes resultaram na desaparecimento de milhares de pessoas. Alguns dos bolivianos que vieram para o Brasil o fizeram por terem sofrido perseguição política em seu país durante a ditadura. Podemos citar também o neoliberalismo que teve efeito nocivo a diversas economias na região. Muitos dos deslocamentos geográficos que os migrantes realizam ao redor do mundo, especialmente na América do Sul, são motivados por questões econômicas. Muitos conflitos pelo mundo ocorrem pelos mesmos motivos, nem sempre abertamente reconhecidos.

Expulsão, exílio, desterro. Mãe pátria, mãe terra, “madres”. Parece-nos oportuno recuperar o que nos diz Payer (2006, p.38):

O mecanismo de repetição, na língua, vincula-se à mais elementar possibilidade de reconhecimento do *mesmo*, isto é, de que a forma de um objeto físico do mundo ou de uma emissão sonora, repetidos, se transformem/inscrevam enquanto matéria reconhecida, imagem significada, na língua. Criando pistas, lastros, sinais, a repetição domestica a memória, ao se dar como língua. O reconhecimento do mesmo (o repetido) cria memória na e para a língua, e daí para as imagens significadas, os sentidos, os percursos de sentidos, os discursos, enfim.

Não à toa, encontramos uma sequência como esta:

SD10 – E agradecemos a cada *uno* aqui, e vou passar a palavra pra Dona Francisca também que é uma das *madres* que nós temos aqui, né? Na Argentina nós temos as *madres de plaza de mayo*, aqui na Kantuta nós temos as *madres* bolivianas da praça Kantuta.

A imagem das “*madres de plaza de mayo*” é recuperada, entre outros motivos, pela representatividade que possui na sociedade a nível internacional. É importante ressaltar a dimensão que a figura materna tem na Bolívia, não apenas se pensarmos na mãe terra (Pachamama), como se diz, mas o papel das mães na história do país. Por força de lei em vigor desde 8 de maio de 1927, quando governava Hernando Siles, o dia das mães é celebrado no dia 27 de maio. Em 1812, a Bolívia, que estava em plena luta pela independência, vivia diversos conflitos que acarretavam na ausência dos homens na cidade de Cochabamba, que foi tomada pelos espanhóis. A conquista, no entanto, não foi sem resistência. As mulheres se reuniram e, juntamente com seus filhos e com os anciãos, subiram à colina de San Sebastián, em localidade conhecida como La Coronilla, para lutar contra os invasores. Centenas de mulheres morreram lutando, o que leva algumas páginas na internet a tratarem dos fatos históricos envolvendo essa resistência das “Heroínas de la Coronilla” utilizando o subtítulo “una historia construida con sangre”¹¹³.

2.2 *Feria, plaza, kantuta, Bolivia.*

Vimos no segundo capítulo uma descrição dos fatos relativos ao espaço de realização da feira, bem como de que forma ela se estabeleceu na atual localização. Neste momento da análise, observaremos como tais fatos se projetam sobre a língua, ou nela se refletem. Veremos, mais precisamente, através das sequências selecionadas, de que maneira tais fatos são representados no discurso. Passemos, pois, à próxima sequência:

SD11 – La feria fue regularizada el día veintiocho de febrero de dos mil y dos después de un árduo

¹¹³ Consultamos, a esse respeito, duas páginas que indicam a mesma fonte: Legislación Social Boliviana de Abraham Maldonado y Lecciones de Historia de Bolivia de Florian Giebel. As páginas são: http://www.bolivianisima.com/musica_mama/dia_deLa_madre.htm; <http://www.bolivia.com/especiales/dia-de-la-madre/historia/>. Última consulta em 09/09/14.

trabajo intentando legalizar toda la documentación de los *feirantes e foi inaugurada* con un gran desfile de carnaval, el primer desfile de carnaval también fue hecho para abrir oficialmente nuestra feria. [...] me dediqué a la oficialización del nombre de la feria Kantuta, que fue el año dos mil y cuatro. Entonces, toda la parte legal, yo me encargué de hacerlas personalmente, y fue muy costoso, muchos días de trabajo, meses... [...] fue un trabajo árduo donde yo me quedo grato a todos los que comprendieron el sacrificio, agradezco a las autoridades que nos colaboraron en la época la administración regional da Sé que nos llamó junto a la SEMAB a una reunión a igreja da:: Santo Antônio do Pari, donde nos comunicaron que había un pedido de la ARPA para expulsar la feria de la Praça Padre Bento. Entonces nos pidieron para formar una asociación. Formamos la asociación y conseguimos esta plaza, donde fue dado el nombre de Kantuta.¹¹⁴

Voltamos a encontrar os efeitos do *contato de sujeitos entre línguas* na SD11, extraída de uma fala do Sr. Carlos. Já havíamos abordado esse aspecto quando analisávamos a SD2; agora, observamos na sequência acima ocorrências como a utilização da conjunção “y” na menção ao ano em que a feira foi regularizada e ao ano em que ocorreu a “oficialización del nombre de la feria Kantuta”. O emprego de “*feirantes*” e “*foi inaugurada*” também indica efeitos desse contato.

Outro aspecto que nos parece interessante apontar nessa sequência é o vocabulário empregado. O locutor esteve envolvido com todo o aspecto jurídico relativo à feira, o que lhe permite afirmar que “toda la parte legal, yo me encargué de hacerlas personalmente”. Isso acaba se refletindo no vocabulário empregado: “la feria fue regularizada”; “intentando legalizar toda la documentación”; “me dediqué a la oficialización del nombre”. Esse vocabulário entra em relação com, entre outras coisas, a condição de bolivianos e demais migrantes de outros países que chegam ao Brasil para trabalhar e se encontram em situação irregular por não contarem com o visto requerido para tal, ou por não buscarem renová-lo dentro do prazo estabelecido.

Como já havíamos visto, a feira acontecia na Praça Padre Bento em caráter informal. A expulsão da feira foi pedida pela ARPA, o que levou a Administração Regional da Sé a reunir os organizadores da feira e a SEMAB na Igreja Santo Antônio do Pari. Ao final da sequência, o locutor menciona a formação da associação e o fato de terem conseguido “esta plaza, donde fue dado el

¹¹⁴ Tradução livre: “A feira foi regularizada no dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e dois depois de um árduo trabalho tentando legalizar toda a documentação dos feirantes e foi inaugurada com um grande desfile de carnaval, o primeiro desfile de carnaval também foi feito para abrir oficialmente nossa feria. [...] me dediquei à oficialização do nome da feira Kantuta, que foi no ano dois mil e quatro. Então, toda a parte legal, eu me encarreguei de fazê-la pessoalmente, e foi muito custoso, muitos dias de trabalho, meses... [...] foi um trabalho árduo onde eu fico grato a todos os que compreenderam o sacrificio, agradeço às autoridades que colaboraram na época a administração regional da Sé que nos chamou junto à SEMAB a uma reunião na igreja da:: Santo Antônio do Pari, onde nos comunicaram que havia um pedido da ARPA para expulsar a feria da Praça Padre Bento. Então nos pediram para formar uma associação. Formamos a associação e conseguimos esta praça, onde foi dado o nome de Kantuta.”

nombre de Kantuta”.

É importante, neste momento, destacar a utilização da voz passiva, conforme fizemos na SD11 ao sublinhar: “fue regularizada”, “foi inaugurada”, “fue hecho” e “fue dado el nombre”. Conforme aponta Araujo (2008), podemos afirmar que a detematização do agente é função básica das passivas, tanto no português como no espanhol, dada a ausência do agente ou seu deslocamento para o final do enunciado. Dados utilizados pelo pesquisador indicam uma frequência maior das passivas em português, e sua presença na SD11 se aproxima consideravelmente da impessoalidade que se pode observar no discurso administrativo no Brasil.

Verificamos, ainda, que o locutor limita-se a valorizar o aspecto no qual esteve, aparentemente, mais envolvido, seja na busca por um lugar para a feira, seja na designação dada à praça. A próxima sequência apresenta uma perspectiva diferente desse processo, mas contempla algumas recorrências que abordaremos posteriormente:

SD12 – Entre el Sr. Jorge Meruvia y el señor Demetrio Orellana luchamos y yo para conseguir este espacio porque la SEMAB nos dijo busquen, les vamos a dar un espacio, yo quería una plaza, pero no conseguíamos, íbamos por todo lado. Una amiga que tengo cerca que vive aquí me dice: yo tengo una placita que conozco. Venimos aquí, veo la plaza y yo dije “esta es nuestra plaza”. Inmediatamente llamo a mis colegas de trabajo, a don Jorge Meruvia, don Demetrio viene, hacemos la carta, presentamos a la SEMAB. Fue logrado el espacio. Y de repente nos dice el señor de la SEMAB que es el señor [...] no tiene nombre esta plaza. Pensamos inmediatamente todos a buscar un nombre porque éramos los tres y las personas que estaban vendiendo [...] presentamos los tres cada uno un nombre. A mí me vino a la memoria inmediatamente que se llame Kantuta en representación a aquella flor tan linda que [...] la bandera boliviana. Yo dije que se llame Kantuta. Y ahí pusimos en conocimiento en la reunión. Todos aceptaron Kantuta. Y hoy en el día se llama Kantuta porque la SEMAB aceptó. Geográficamente entró en todo el mundo conocido como Kantuta y este es un espacio, un rincón boliviano para todos ustedes ahora [...] presidente, Don Paulo, está cuidando, ha venido cuidando nuestro señor don Carlos, ha venido el señor Wilson cuidando esta plaza, y sigue siendo cuidado por ustedes también.¹¹⁵

¹¹⁵ Tradução livre: “Entre o Sr. Jorge Meruvia e o senhor Demetrio Orellana lutamos e eu para conseguir este espaço porque a SEMAB nos diz busquem, lhes daremos um espaço, eu queria uma praça, mas não conseguíamos, íamos por todo lado. Uma amiga que tenho próxima que vive aqui me diz: eu tenho uma pracinha que conheço. Vimos aqui, vejo a praça e eu disse “esta é nossa praça”. Immediatamente chamo meus colegas de trabalho, Sr. Jorge Meruvia, Sr. Demetrio vem, fazemos a carta, apresentamos à SEMAB. Foi conseguido o espaço. E de repente nos diz o senhor da SEMAB que é o senhor [...] esta praça não tem nome. Pensamos imediatamente todos a buscar um nome porque éramos os três e as pessoas que estavam vendendo [...] cada um dos três apresentamos um nome. Veio à minha memória imediatamente que se chame Kantuta em representação àquela flor tão linda que [...] a bandeira boliviana. Eu disse que se chame Kantuta. E aí pusemos em conhecimento na reunião. Todos aceitaram Kantuta. E hoje em dia se chama Kantuta porque a SEMAB aceitou. Geograficamente entrou em todo o mundo conhecido

Esta sequência, selecionada a partir da fala da Sra. Alicia, contém todos os aspectos que consideramos mais relevantes neste subcapítulo: a busca pelo espaço, o nome dado à praça e a projeção alcançada. Destacamos, primeiramente, que a perspectiva a respeito da conquista do espaço para realização da feira nesta SD12 já não corresponde ao que vimos na sequência anterior, mas a passiva “fue logrado el espacio” volta a aparecer quando se trata de um trâmite administrativo, ligado a uma instituição pública.

É possível observar detalhes que são mencionados para valorizar a participação de quem narra o processo e de outras duas pessoas. Assim, temos: “entre el Sr. Jorge Meruvia y el Sr. Demetrio Orellana luchamos y yo para conseguir este espacio”. Essa fórmula se repete na mesma sequência: “inmediatamente llamo a mis colegas de trabajo, a don Jorge Meruvia, don Demetrio viene, hacemos la carta, presentamos a la SEMAB”. É mencionado um documento que até então não tínhamos notícia de que houvesse sido confeccionado para que se permitisse a utilização do espaço para realização da feira. De qualquer forma, três pessoas estão envolvidas. Isso volta a aparecer no seguinte trecho: “pensamos inmediatamente a buscar un nombre porque éramos tres y las personas que estaban vendiendo”. Neste momento, em lugar de uma relação *nós x outros* que marque a diferença entre bolivianos e não bolivianos, temos a construção de um protagonismo.

As variações no modo de fazer referência ao lugar onde a feira funciona atualmente também se apresentam e atraem nossa atenção, por isso as destacamos a seguir:

- “para conseguir este espacio”
- “busquen, les vamos a dar un espacio”
- “yo quería una plaza, pero no conseguíamos”
- “una amiga (...) me dice: yo tengo una placita que conozco”
- “veo la plaza y yo dije: esta es nuestra plaza”
- “fue logrado el espacio”
- “no tiene nombre esta plaza”
- “yo dije que se llame Kantuta”
- “Todos aceptaron Kantuta. Y hoy en el día se llama Kantuta porque la SEMAB aceptó.”
- “este es un espacio, un rincón boliviano para todos ustedes ahora”

Observamos que ocorre uma espécie de gradação no uso da designação do espaço

como Kantuta y este é um espaço, um rincão boliviano para todos vocês agora [...] presidente, Sr. Paulo, está cuidando, veio cuidando nosso senhor Carlos, veio cuidando o senhor desta praça o senhor Wilson, e segue sendo cuidada por vocês também.”

encontrado para realização da feira boliviana. Entre “espacio”, “plaza” e “Kantuta”, entendemos que há, nesta ordem, um crescente envolvimento do locutor. Quando surge a necessidade de encontrar um novo local para a feira, a inespecificidade se traduz em “espacio”, que poderia ser um espaço qualquer. O uso de “espacio” aparece com um caráter mais administrativo. Quando o desejo de encontrar uma “plaza” é expressado, há um envolvimento maior do locutor, observa-se que há um comprometimento.

Saber que a praça não tinha nome foi fundamental e determinante para que o locutor vivenciasse e identificasse um efeito sobre a memória: “a mi me vino a la memoria inmediatamente que se llame Kantuta en representación a aquella flor tan linda”. Depois que o nome sugerido é aceito e, finalmente, dado à praça, ele se projeta para além do desejo e do controle do locutor: “geográficamente entró en todo el mundo conocido como Kantuta”. A partir de então, a praça ganha vida própria, deixa de ser desejo de uns, e passa a ser espaço de todos.

Contrapondo-se ao protagonismo almejado na SD12, veremos na próxima sequência uma valorização do trabalho coletivo e da igualdade entre todos os frequentadores:

SD13 – Então, já no início, eu já me apaixonei por todos vocês, e começamos a lutar, todos aqui lutaram, nenhum tem mais crédito que o outro, todos que tão aqui em cima merecem, merecem ser homenageados porque cada um lutou de uma parte diferente porque era muito difícil começar tudo, começar uma associação, ninguém sabia de nada, procurar um local, no Brasil que é difícil até brasileiro conseguir um pouquinho de terreno é difícil, imagine então um boliviano. Isso aqui foi muito trabalho de raça, de luta, de todos. Dias, semanas, arrumando calçadas, é... tentando crescer com seu próprio produto, e tentando fazer tudo bom, e finalmente com... com muitas... que a gente perguntou, a gente era leigo em tudo... com muita::, assim, vontade, conseguimos aprender tudo, como se formar uma associação, como ter um espaço bom, fomos todo dia na SEMAB, prensamos todo mundo, fizemos eles acharem um lugar, pegaram uma kombi só pra nós, pra gente procurar um lugar, achamos essa praça maravilhosa. A praça aqui tem tudo, tem espaço, tem árvore, tem vida, pode ter criança, pode ter... é uma maravilha isso aqui. Então, a gente conseguiu um sonho que muitos brasileiros que tão aqui na sua terra não conseguem nada. Nós conseguimos um nome das cores da bandeira boliviana. Cês tem que ter muito orgulho de poder ter uma área de lazer pros seus filhos, pra vocês, e nós somos muito felizes de ver todos vocês aqui, porque essa praça aqui é o encontro de todo mundo, de todo nível social, não tem ninguém mais rico, não tem ninguém mais pobre, somos todos iguais, e amigos, e eu amo todos vocês.

Já no início podemos identificar que o protagonismo da sequência anterior desaparece,

dando lugar à organização e ao trabalho conjunto da comunidade boliviana, evocados de forma muito evidente: “começamos a lutar, todos aqui lutaram, nenhum tem mais crédito que o outro, todos que tão aqui em cima merecem, merecem ser homenageados porque cada um lutou de uma parte diferente”. A primeira pessoa, aqui, é do plural. E quando se fala de uma só pessoa, fala-se de maneira genérica e de um modo que não se pode duvidar de um mínimo de organização na realização das tarefas.

Outros aspectos que já abordamos em sequências anteriores retornam nesta última. O primeiro é a multiplicidade de formas de fazer referência a um espaço para realização da feira, desde o momento em que estavam privados dele até o momento em que se comemorava uma década de realização da feira na Praça Kantuta:

- procurar um local
- conseguir um pouquinho de terreno é difícil
- fizemos eles acharem um lugar
- achamos essa praça maravilhosa
- uma área de lazer pros seus filhos

Observamos que o “espacio”, inespecífico, mais administrativo, “área livre sem denominação”, aparece nesta sequência como “local”, “terreno”, “lugar”. A partir do momento em que é encontrado, o “lugar” passa a ser “essa praça maravilhosa”, “uma área de lazer”. Há um deslocamento de sentidos, um deslizamento do uso de denominações com traços mais administrativos para aquelas que apresentam maior identificação por parte do locutor.

Outro aspecto que retorna nesta sequência é a comparação entre brasileiros e bolivianos, que se dá em dois momentos:

- “era muito difícil começar tudo, começar uma associação, ninguém sabia de nada, procurar um local, no Brasil que é difícil até brasileiro conseguir um pouquinho de terreno é difícil, imagine então um boliviano”
- “então, a gente conseguiu um sonho que muitos brasileiros que tão aqui na sua terra não conseguem nada”

O primeiro excerto destaca a dificuldade que existe no Brasil de se “conseguir um pouquinho de terreno” e nos remete a questões como direito à moradia e reforma agrária. Aparentemente esses aspectos se misturam no discurso, que diz respeito a um espaço onde se realiza a feira – e que as circunstâncias transformaram completamente. Ainda assim, é estabelecida

a primeira comparação para destacar o quão difícil seria para um boliviano “conseguir um pouquinho de terreno”, já que para o brasileiro mesmo já é difícil.

O excerto seguinte valoriza a conquista dos bolivianos: “a gente conseguiu um sonho que muitos brasileiros que tão aqui na sua terra não conseguem nada”. A primeira parte do excerto remete à conquista dos bolivianos, a um sonho que eles realizaram. A segunda contém uma generalização: os brasileiros não conseguem nada. Essa comparação nos remete ao que vimos na SD3: que o povo boliviano “realmente é um povo trabalhador, um povo que realmente luta pra chegar ao seu objetivo”.

O discurso mobiliza uma forte carga emotiva, que parece atingir seu ápice no momento em que é abordada a denominação da praça: “nós conseguimos um nome das cores da bandeira boliviana”. Assim é resumido, em poucas palavras, o simbolismo do nome escolhido para a praça. Kantuta, como vimos, é o nome de uma flor dos Andes que possui as mesmas cores da bandeira boliviana (vermelha, amarela e verde). Não à toa, é um símbolo pátrio.

Apesar da evocação de um dos símbolos nacionais bolivianos, todo o discurso está em português. Podemos observar, ainda, no final da sequência, que a igualdade dos frequentadores é mais valorizada que a comparação feita: “essa praça aqui é o encontro de todo mundo, de todo nível social, não tem ninguém mais rico, não tem ninguém mais pobre, somos todos iguais, e amigos”. Essa igualdade, no entanto, é construída no discurso pelo fato de circularem na praça pessoas de todo nível social. Há frequentadores ricos e pobres, sim, mas eles se igualariam apenas ao frequentar o mesmo espaço público, pois vivenciam a seu modo as contradições de “ser boliviano” em São Paulo.

Algumas dessas contradições surgem ainda na Bolívia e ficam pouco evidentes fora do país. Características presentes na sociedade boliviana, como as diferenças regionais, deixam de ser percebidas na sociedade de acolhida. Sim, há bolivianos ricos e pobres, mestiços, brancos, indígenas; sim, há diversas manifestações artístico-culturais, especialidades gastronômicas etc. Para o brasileiro frequentador da feira boliviana da Praça Kantuta, “ser boliviano” pode significar apenas falar espanhol (e/ou portunhol), ter traços indígenas, comer quínuia e outros cereais, comer saltenha, beber chicha e/ou mocochinchi, dançar caporales, tinkus e morenada.

Podem, portanto, ficar opacas algumas diferenças regionais, principalmente aquela expressada pela oposição entre *cambas* e *collas*. Quando se trata de discutir questões como autonomia, é possível recorrer a autores que apresentam argumentos como a própria migração interna boliviana para explicitar que

o afamado rancor entre *collas* e *cambas* deixa de existir quando ambas as culturas convivem em Santa Cruz. O ódio entre *cambas* e *collas* não passa[ria], em muitos casos, das esferas midiáticas

e das frases quentes de algum discurso que busca atizar as massas hormonais (NAVIA GABRIEL¹¹⁶, 2008, apud CHAVES e SÁ, 2009).

A partir da argumentação de Navia Gabriel, Chaves e Sá (2009, p. 125) afirmam:

reificar as categorias de *cambas* (orientais) e *collas* (esses migrantes andinos) não é apenas uma posição de discutível relevância, como também de frágil defesa. O mito de uma Bolívia rachada ao meio por uma bifurcação histórica não passa de mais um excesso desse jogo político frente a uma distinção geográfica.

De qualquer forma, essas diferenças existem e se fazem presentes na Feira Kantuta – mesmo que de modo quase imperceptível. Durante uma de nossas visitas à feira, por exemplo, interagimos com um dos expositores a respeito da culinária boliviana e nos foi dito que, até aquele momento, só havia uma barraca que oferecia comida *camba*. Em outra ocasião, assistíamos ao ensaio de um grupo folclórico quando uma pessoa que se identificou como sendo *camba* nos perguntou o que achávamos da dança e da feira. Diante da avaliação positiva que fizemos, ouvimos como resposta a afirmação de que a feira era boa, mas cheia de *collas*.

Acreditamos, pois, que a feira boliviana da Praça Kantuta, que é “o encontro de todo mundo”, pode chegar a apagar algumas diferenças, alguns conflitos, projetando uma imagem acabada, ou homogênea, do que significa “ser boliviano” em São Paulo. Conforme vimos no segundo capítulo, o nome da feira foi escolhido de modo a se evitar tanto conflitos internos à comunidade boliviana quanto entre bolivianos e brasileiros. Um nome que todo boliviano conhece e que permite evitar um eventual choque cultural negativo.

Isso nos faz recuperar um aspecto importante da denominação que abordaremos em seguida, pois aparece de modo mais evidente na próxima sequência:

SD14 – Muito bem, um aplauso a Don Sergio. Então, pessoal, aí vocês veem e podem sentir que o nome, a palavra, Kantuta foi um nome que foi criado aqui mesmo no caso por exemplo ele foi dado a essa praça porque ela não tinha nome, né?, um nome boliviano, uma flor da Bolívia, um nome muito forte que vocês vê que muita gente copiaram, outras *feria* tão surgindo por aí com o nome Kantuta, porém Kantuta aqui é original, é a nossa primeira feira de bolivianos aqui em São Paulo e:: nós devemos *mucho* a esse povo que lutou, esse povo aqui, passaram pelas diretorias, e tudo mais.

Nossos grifos pretendem destacar o que o locutor se refere como sendo a origem do nome da feira e o quanto esse nome representa a nível local, nacional e internacional, uma vez que ele reconhece que o nome vem sendo replicado e afirma: “Kantuta aqui é original, é a nossa primeira feira de bolivianos aqui em São Paulo”. Assim, o locutor leva em consideração não só as feiras que

¹¹⁶ NAVIA GABRIEL, R. (2008) *La migración rompe el mito del odio*. In: *El Deber*, 16 mar. 2008.

ocorrem em outras cidades e, possivelmente, em outros países com o nome Kantuta, mas parece considerar também as feiras *Kantutitas*¹¹⁷ e *Patujú*¹¹⁸ ao afirmar que a feira da Praça Kantuta é a primeira feira de bolivianos em São Paulo.

Se colocarmos em relação os trechos grifados na SD14, observaremos, inicialmente, uma aparente contradição. O locutor afirma que “o nome, a palavra, Kantuta foi um nome que foi criado aqui mesmo”. Essa afirmação pode produzir a ideia equivocada de que o locutor ignora que se está reproduzindo uma materialidade simbólica trazida pelos migrantes bolivianos. Afirmar, em seguida, que o nome Kantuta “foi dado a essa praça porque ela não tinha nome” ainda não é suficiente para desfazer o efeito anterior.

Recuperando o que afirma Guimarães sobre nomes de rua, e aplicando suas ideias ao caso da praça, veremos que “o nome não é um selo para um objeto, mas é, de algum modo, a construção de um objeto pelo que o nome designa” (2005, p.63). Isso nos parece um processo evidente quando aparecem na sequência em análise os outros dois grifos que fizemos: “um nome boliviano”, “uma flor da Bolívia”. O próprio locutor tenta recuperar os sentidos do nome que foi dado à praça.

Afirmar que Kantuta é um nome boliviano, que é uma flor da Bolívia, remete às ideias de pertencimento e identificação que já mencionamos ao longo deste trabalho. Quando se diz que é uma flor da Bolívia, entram em jogo a origem, a nacionalidade. Quando se diz que é um nome boliviano, entram em jogo a nacionalidade e a língua. Sabemos que se trata de uma flor típica dos Andes, considerada flor nacional na Bolívia pela Constituição. A nacionalidade, neste caso, pode ser questionada a partir do que é típico de uma região e extrapola as fronteiras estabelecidas. A língua também extrapola as fronteiras: à *kantuta* é atribuída origem quéchua no dicionário da RAE¹¹⁹, onde é grafada “cantuta”, e origem aimará e quéchua no dicionário de americanismos da ASALE¹²⁰.

É importante ressaltar que o locutor está tomado pela instabilidade da designação, mas afirma ao final: “vocês vê que muita gente copiaram, outras *feria* tão surgindo por aí com o nome Kantuta, porém Kantuta aqui é original, é a nossa primeira feira de bolivianos aqui em São Paulo”. Cabe, aqui, recuperar Guimarães (2005, p.92):

Estes nomes designam e referem ruas, na medida em que as identificam num certo processo social e histórico. E aqui o processo envolve uma relação de sentido entre a identificação dos espaços pelos nomes e sua localização, enquanto efeito institucional e administrativo. O nome de rua trabalha assim a identificação do espaço para pessoas e a localização destas pelo Estado.

É nesse lugar de encontro, de identificação, de reconhecimento do mesmo e do outro, que

¹¹⁷ Sobre a feira *Kantutitas*, ver <http://www.boliviacultural.com.br/classificados/products/KANTUTITA%252d-Bom-Retiro.html>. Último acesso em 10/12/2014.

¹¹⁸ Sobre a feira *Patujú*, ver http://www.boliviacultural.com.br/ver_noticias.php?id=1929. Último acesso em 10/12/2014.

¹¹⁹ Real Academia Española.

¹²⁰ Asociación de Academias de la Lengua Española.

são reforçadas algumas imagens, e que outras são construídas. Isso fica evidente a seguir:

SD17 – E pra vocês que são esse povo maravilhoso, eu, tá todo mundo de parabéns, né?, acredito que é um momento feliz, né?, a independência de um país, momento do hino nacional, momento que realmente a gente fica arrepiado e:: o patriotismo é isso, quando a gente vê e quer as coisas do nosso país, a gente ama mesmo estando numa terra estranha, né?, porque hoje em dia já não é tão estranho aqui, a praça Kantuta já é um pedaço da Bolívia, né?, por isso mesmo está aqui representado por sua máxima autoridade aqui em São Paulo, Brasil, o doutor Jaime, né?, *Consul General de Bolivia, entonces*, eu passarei o microfone pra ele pra dar umas palavras alusivas a essa *fecha*. Muito obrigado.

A celebração de datas comemorativas como o dia da independência reforça valores ligados à nacionalidade e o discurso reflete não apenas isso, mas também a importância da Praça Kantuta para os bolivianos. Patriotismo, segundo o locutor, é “quando a gente vê e quer as coisas do nosso país”. Logo depois, retorna uma certa instabilidade à qual já nos referimos, e que afeta diretamente a referência, quando o locutor realiza o deslocamento entre o estranho e o familiar: “a gente ama mesmo estando numa terra estranha, né?, porque hoje em dia já não é tão estranho aqui, a praça Kantuta já é um pedaço da Bolívia, né?”. Não deixa de contribuir com essa instabilidade o questionamento que o locutor faz, que denota alguma insegurança. Contrasta com essa atitude o que observamos na próxima sequência:

SD18 – Porque si no serían ustedes también, no sería plaza, como se dice, es un pedazo de Bolivia. Esto es Bolivia.

2.2.1. A propósito do “pedaço da Bolívia”

As aparições da denominação “pedaço da Bolívia” / “pedazo de Bolívia” nas SD 17 e 18 nos parecem interpretáveis a partir da contradição entre “boliviano” como sujeito delimitado pelo estado nacional da Bolívia e “migrante boliviano” como parte de um processo de exclusão que tem seu primeiro cenário na própria Bolívia.

Esses elementos estão relacionados a aspectos identitários que vêm se revelando nesta pesquisa e que são extremamente relevantes. Vimos observando esses aspectos desde o primeiro capítulo, quando recorremos a diversos estudos que traçam um perfil do migrante boliviano em

diversos períodos e indicam que a migração boliviana maciça pós 1980 está composta majoritariamente de homens e mulheres da camada mais pobre da população, oriunda do campo, do meio rural.

Pudemos observar no segundo capítulo, a partir dessa delimitação do perfil migratório, que esse coletivo boliviano tem um modo particular de ocupar o espaço público. O migrante boliviano recente parece reproduzir, como vimos em Macchiavello, lógica e práticas comunitárias ligadas ao *ayllu*; este, segundo Freitas (2012, p. 73), remete à categoria de comunidade e ainda é referência para muitos quéchuas e aimarás que vivem nas cidades, independentemente do tempo que tenham deixado o campo, teria relação com a práxis de autoconstrução e autofinanciamento, e também estaria ligada à criação e expansão de *qhathus* (feiras) – reproduzindo, em certa medida, lógicas rurais¹²¹. Essa expansão encontra eco em discursos como o do senhor Sergio:

SD19 – Buenas tardes señores visitantes. En este recinto nosotros habíamos logrado este, este:: trabajo, digamos, este:: lugar de venta. [...] quiero hacer comunicar de que esta feria está a nivel latinoamericano, casi mundialmente conocida. Ya está en internet en todas partes. Ya::, ya conocen nuestra feria. Nosotros hemos fundado aquí primero, después apareció en el interior, en Coritiba, en, en Porto Alegre, en Río, en todas partes ya Kantuta también se llama. Las ferias Kantuta. Entonces, [...] nuestra feira todos los bolivianos que estamos aquí. Gracias.

Não tivemos notícias dessas feiras fora de São Paulo, mas sua expansão é muito provável em função dos fatores culturais mencionados, dos casos apontados em Buenos Aires por Pizarro (vistos no segundo capítulo) e porque, como já vimos, na própria capital paulista já surgiram outras duas feiras bolivianas: *Kantutitas* e *Patujú*. Essa expansão parece ter sido o mote da fala do Sr. Wilson, ex-presidente da AGCFBPB, alguns minutos após a fala do Sr. Sergio:

SD20 – Boa tarde a todos. Nós criamos frutos, né? E nossos frutos também criam outros frutos. É isso que acontece com a Kantuta. Ela sempre tá criando frutos. E os frutos tão aqui presentes, e alguns já se foram e estão criando frutos lá fora. E isso vai crescendo. Essa é a nossa história. Criando frutos sempre. E obrigado a todos. E que isso não pare de crescer. Um abraço. Eu queria dar um abraço grande, mas não posso. Então, aqui eu dou esse abraço. Um abraço a todos, e à comunidade trabalhadora que é o povo boliviano, comunidade que trabalha muito, ele quer crescer, ele quer vencer na vida. E muito obrigado a presença de todos. É isso que eu... criando frutos, gera frutos.

¹²¹ Cf. Macchiavello (2012, p. 103).

Além dos frutos que se multiplicam, também observamos na SD20 mais uma referência ao “boliviano” feita por um brasileiro, ex-presidente da AGCFBPB, em que se destaca aquilo que o boliviano é, não aquilo que ele não é. Podemos identificar, no entanto, uma variação em relação ao pertencimento à comunidade, pois num dado momento se diz: “essa é a nossa história”. Depois, o locutor saúda a todos, mas destaca a “comunidade trabalhadora que é o povo boliviano” e parece não incluir-se nela, ou ao menos não destaca seu pertencimento. Ainda assim, permanece a imagem de um povo ou de uma “comunidade que trabalha muito”. Interpretamos esse movimento como um reconhecimento do esforço que a maioria dos bolivianos realiza para alcançar seus objetivos, e também como uma tentativa, deliberada ou não, de contrapor características consideradas como qualidades à visão estereotipada que se possa ter sobre os bolivianos.

Essa referência ao “boliviano”, no entanto, não coincide integralmente com o que temos visto neste estudo sobre o “migrante boliviano”. Tais identidades estão diretamente relacionadas à formulação “pedaço da Bolívia”, que nos permite duas leituras simultâneas. Uma delas se relaciona à memória da migração do pobre: “um pedaço da Bolívia [como o que nós, excluídos, tínhamos que conquistar na própria Bolívia]”. A outra se relaciona à memória do enquadramento patriótico no estado nacional: “um pedaço da Bolívia [porque nós, cidadãos bolivianos, conseguimos reproduzir nossa pátria no estrangeiro]”.

Assim como as SD 19 e 20 no que se refere à expansão das feiras, a SD 17 e 18 nos parecem estar ligadas, cada uma, a uma dessas duas memórias: a SD 17 tem nítida continuidade com a segunda, a SD 18 deixa ouvir um pouco mais a primeira (a identidade do lugar está dada a partir do coletivo –“ustedes”- e do espaço “plaza”). Mas a contradição produtiva entre as duas memórias está na própria denominação porque subjaz nas condições de produção: são migrantes (dentro e fora da Bolívia) e também são de um estado nacional (Bolívia) diferente daquele onde estão. A contradição os constitui, e essa denominação é um dos modos como ela emerge no discurso, independente do que pensem ou queiram dizer os que falam.

2.3 Una historia construida con sangre

Acompanhamos ao longo deste trabalho todo o processo de construção do espaço de convivência que a Praça Kantuta se transformou para os bolivianos. Todos eles, no aniversário de 10 anos de realização da feira nessa praça, mencionaram a luta para conseguir encontrar o espaço, melhorá-lo para que pudesse receber a feira, mantê-la em funcionamento durante todos esses anos.

As três sequências a seguir podem, de certa forma, resumir como essa luta surgiu, o que ela representou e como é avaliada hoje:

SD21 – Pero como mujer yo comencé a pensar, si otros países tienen ferias, ¿por qué los bolivianos no podemos tener otra feria en algún otro lugar? Comenzamos a luchar para poder conseguir este espacio bastante.¹²²

SD22 – Queridos amigos, realmente la emoción es muy grande. Después de tanto tiempo. Son diez años que han pasado de la fundación de esta plaza. Fue un trabajo árduo [...] muchos amigos [...] Todas las personas luchan por este pedazo de Bolivia. Este pedazo que un día hemos conseguido con sangre, vamos a decir así.¹²³

SD23 – Entonces fue árduo el trabajo, fue, fue bonito, fue bonito, bien luchado.¹²⁴

Trabalho árduo, luta, sangue. As falas da Sra. Alicia, do Sr. Jorge Meruvia e do Sr. Carlos Danilo Soto, mencionadas nesta ordem, representam todo o esforço dispendido. O povo boliviano, esse povo que “realmente luta pra chegar ao seu objetivo”, conquistou um espaço para realizar sua feira. Como questionado na SD21, outros coletivos realizavam feiras e, sendo assim, os bolivianos também poderiam ter a sua. Essa referência à luta se mistura com a própria história da Bolívia, que viveu diversos conflitos em tempos diversos, inclusive em sua história recente.

Os bolivianos aprendem desde cedo que o significado da cor vermelha na bandeira: representa o sangue derramado por seus heróis para o nascimento e preservação da República. A praça é pública, mas é vista como um pedaço da Bolívia. Como vimos na SD18, é considerada como a própria Bolívia. Um pedaço que eles teriam conseguido com sangue, que não deixa de remeter ao sangue das *Heroínas de la Coronilla*, já mencionadas neste capítulo, e que são referência para bolivianos migrantes no mundo todo – conforme se pode ver na imagem a seguir:

¹²² Tradução livre: “mas eu como mulher comecei a pensar, se outros países têm feira, por que os bolivianos não podemos ter outra feira em algum outro lugar? Começamos a lutar bastante para conseguir este espaço”.

¹²³ Tradução livre: “queridos amigos, realmente a emoção é muito grande. Depois de tanto tempo. São 10 que se passaram desde a fundação desta praça. Foi um trabalho árduo [...] muitos amigos [...] Todas as pessoas lutam por este pedaço da Bolívia. Este pedaço que um dia conseguimos com sangue, vamos dizer assim”.

¹²⁴ Tradução livre: “Então foi árduo o trabajo, foi, foi bonito, foi bonito, bem lutado”.

Todos esses valores evocados parecem ecos de acontecimentos localizados ora num passado um pouco mais distante (como no caso das *Heroínas de la coronilla*), ora num passado mais recente (na Revolução de 1952, também chamada de Revolução Nacionalista), e parecem, ao mesmo tempo, indicar a presença do Estado na festa de 10 anos de realização da feira na Praça Kantuta. A ação disciplinadora do Estado ressoa em algumas das falas de representantes da comunidade na ocasião, o que torna desnecessária a presença de um seu representante que diga ser preciso ter orgulho de “ser boliviano”.

Se repetirmos um trecho aparentemente deixado para trás na SD17 e no qual o Sr. Paulo Araújo, presidente da AGCFBPB, afirma que “a praça Kantuta já é um pedaço da Bolívia, né?, por isso mesmo está aqui representado por sua máxima autoridade aqui em São Paulo, Brasil, o doutor Jaime, né?, *Consul General de Bolivia*”, e o colocarmos ao lado de um trecho da SD18, do Sr. Jorge Meruvia, que afirma “si no serían ustedes también, no sería plaza, como se dice, es un pedazo de Bolivia. Esto es Bolivia”, perceberemos que o logradouro Praça Kantuta está associado ao Estado boliviano nos enunciados analisados.

A praça, segundo nossa interpretação, faria parte do universo do institucional, do que tem limites determinados, ainda que não sigam uma forma totalmente fixa (há praças quadradas, retangulares, circulares, em curva etc.); a feira, no entanto, ocuparia os espaços possíveis, ultrapassando os limites físicos de uma praça, de um edifício no qual se instalam os mercados,

adaptando-se a qualquer praça, em todos os sentidos (seja o espaço físico praça, seja o bairro, a cidade, o país...). A praça estaria mais próxima de uma delimitação territorial relacionada ao estado nacional, bem como à homogeneização que a este interessa tanto e que está em funcionamento através do castelhano, o principal idioma oficial do estado boliviano. A feira, ao contrário, conservaria aspectos ligados ao *ayllu*, que influenciariam na sua expansão e possivelmente na manutenção de línguas originárias como quéchua e aimará, além de estar relacionada à memória do migrante boliviano – mesmo daquele que se limite a migrações internas.

3. De flor dos Andes a flor do Lácio

Como vimos neste capítulo, realizamos um percurso no qual o material sob análise foi dividido em três grupos: o primeiro diz respeito à representação do “ser boliviano” em São Paulo, considerando as identidades mencionadas; o segundo envolve as formas de referir a “Praça Kantuta” e a aspectos identitários a ela relacionados; o terceiro concerne ao processo de conquista/apropriação do espaço no qual se realiza a feira. Assim, partimos do sujeito representado em enunciados veiculados na feira, passamos pela construção da praça como objeto de discurso e chegamos, por fim, às lutas pela apropriação do espaço.

Indicamos ao longo do capítulo os elementos teóricos que nos permitiram criar nossa interpretação das sequências discursivas, partindo das condições de produção dos enunciados analisados e abordando, conforme fomos avançando, os tópicos nos quais aquelas sequências foram agrupadas. Pudemos identificar diferenças entre as identidades “boliviana” e de “migrante boliviano”; esta muito mais próxima daquilo que indicam as pesquisas sobre o perfil desses migrantes recentes, aquela muito ligada ao estado nacional.

Verificamos ainda, através da construção do objeto de discurso Praça / Feira Kantuta, que nomear a praça é também, conforme Guimarães (2005, p.92), identificá-la num certo processo social e histórico que envolve uma relação de sentido entre a identificação dos espaços pelos nomes e sua localização, enquanto efeito institucional e administrativo. Ainda que no processo de construção do objeto nós tenhamos identificado um vocabulário em parte menos institucional, a denominação do espaço de realização da feira boliviana, assim como ocorre com os nomes de ruas, trabalha na identificação do espaço para pessoas e a localização destas pelo Estado. Esse “pedaço da Bolívia” é portador de outro sentido em relação a esse efeito institucional e administrativo: o estranhamento dos brasileiros em relação a esse espaço exótico que parece como de “outro país”. Uma terceira memória para o “pedaço da Bolívia”.

Considerações finais

Concebemos este trabalho cientes de que seria necessário abordar deslocamentos ligados, por exemplo, a movimentos migratórios ou a sujeitos entre línguas; e que também seria preciso que realizássemos outros deslocamentos, fossem eles entre referências teóricas, pontos de vista ou linhas de interpretação. Tudo isso a fim de atingir o objetivo geral desta pesquisa: identificar nos discursos de pessoas da coletividade boliviana registrados em atos públicos realizados na Praça Kantuta os enunciados que indicassem filiações a memórias discursivas relacionadas à nacionalidade e à migração na América do Sul e propor leituras possíveis para sua regularidade.

Como já antecipamos nas conclusões do último capítulo, a Praça Kantuta faria parte, segundo nossa interpretação, do universo do institucional, e estaria mais próxima de uma delimitação territorial relacionada ao estado nacional, bem como à homogeneização que a este tanto interessa e que está em funcionamento através do castelhano, o principal idioma oficial do estado boliviano. Já a Feira Kantuta ocuparia os espaços possíveis, ultrapassando os limites físicos da praça, conservando aspectos ligados ao *ayllu*, que influenciariam na sua expansão e possivelmente na manutenção de línguas originárias como quéchua e aimará, além de estar relacionada à memória do migrante boliviano.

As leituras que realizamos constituem uma contribuição para o conhecimento sobre a migração boliviana no Brasil e em São Paulo, pois revelam aspectos dessa migração que não haviam sido abordados antes da maneira como se faz neste trabalho. Destacamos, por exemplo, a relevância das migrações bolivianas internas e seus efeitos diretos na inserção desses migrantes no cotidiano da cidade de São Paulo para chegar à compreensão do funcionamento das línguas na Feira Kantuta. Vimos, inclusive, que o estabelecimento de feiras dentro da própria Bolívia está relacionado à manutenção, pelos migrantes internos, de práticas ligadas ao universo rural boliviano, mesmo após alguns anos de vida urbana. A Feira Kantuta, a partir da leitura que realizamos, se revela fruto da manutenção dessas práticas.

Damos a conhecer, ainda, um aspecto da sociedade brasileira, ao expor faces de uma política de Estado para a migração em um país que tem se convertido crescentemente em destino para diversos migrantes latino-americanos, especialmente bolivianos. Estes migrantes participaram de negociações por um espaço para realização da feira, se apropriaram de forma legítima do espaço público. Além disso, com o passar dos anos, foram implementadas políticas públicas que lhes permitiram “usufruir” de direitos aos quais não tinham acesso.

Os estudos sobre as relações entre o português e o espanhol na América do Sul em um espaço específico de contato se veem contemplados nesta pesquisa. Tais relações se manifestaram

como efeito do contato de sujeitos entre línguas em diversos momentos no *corpus discursivo* que estabelecemos, e através delas abordamos alguns dos papéis que cada uma dessas línguas ocupa no espaço de realização da feira. A observação das irrupções de uma das duas línguas na materialidade discursiva da outra foi explorada, também, para a interpretação desses papéis.

Também são contemplados os estudos discursivos na sua relação com a diversidade linguística. A construção de objetos discursivos e as instabilidades a ela inerentes são abordadas levando-se em conta tanto a complexidade do cenário no qual foram produzidos os fragmentos de discurso analisados quanto a complexidade linguística verificada no país de procedência dos sujeitos que produziram os discursos.

Pretendemos, pois, que as leituras que fizemos, as interpretações aqui construídas, contribuam não apenas para que aspectos da presença boliviana em São Paulo sejam conhecidos, mas também para que outros gestos de leitura venham a ser realizados, a fim de que tenhamos cada vez mais e melhores versões sobre as relações e o contato de sujeitos entre línguas, bem como sobre seus modos de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, U. S. (2011). *Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o futebol*. 192 p. 2011. Tese de doutorado em Atividade Física, Adaptação e Saúde – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- ARAUJO, B. (2008). *Análisis contrastivo de las construcciones pasivas en español (E) y en el portugués (PB)*. En: CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. M. (coord. Dossier) *Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño*. SIGNOS ELE, nº 1-2, diciembre 2008, URL <http://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1508>, URL del dossier: <http://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1375>, ISSN: 1851-4863.
- BOLIVIA (2009). *Nueva Constitucion Política del Estado*. Disponível em: <http://www.vicepresidencia.gob.bo/Portals/0/documentos/NUEVA_CONSTITUCION_POLITICA_DEL_ESTADO.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2013.
- _____. (2010). *Ley de Educación “Avelino Siñani – Elizardo Pérez”*. Disponível em <http://www.silep.gob.bo/silep/masterley/118280>. Último acesso em 22/11/2014.
- BOURDIEU, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (1997 [1993]). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- CALVET, L. J. (1994). *Les voix de la ville. Introduction à la sociolinguistique urbaine*. Éditions Payot & Rivages.
- CANCINO, R. (2008). *El mosaico de las lenguas de Bolivia. Las lenguas indígenas de Bolivia - ¿Obstáculo o herramienta en la creación de la nación de Bolivia?* Diálogos Latinoamericanos, junio, número 013. Universidad de Aarhus.
- CELADA, M. T. (2002). *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

CHAVES, D.; SÁ, M. (2009). *Poder político e expressões autonomistas na meia lua a partir de Santa Cruz de la Sierra*. In: DOMINGUES, J. M. et al. (Org.) *A Bolívia no espelho do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

COURTINE, J. J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar.

DREIDEMIE, P. (2009). *Cartografía etnolingüística de migrantes quechua-bolivianos en Buenos Aires: identidad, liminaridad y sincretismo en el habla*. In: C.A.B.A. *Buenos Aires boliviana. Migración, construcciones identitarias y memoria*. Buenos Aires.

EGUREN, J. (2012). *El uso de los espacios públicos por los inmigrantes latinoamericanos de origen andino en la ciudad de Madrid*. Revista Ciencias Sociales 29. Disponível em http://www.revistacienciasociales.cl/archivos/revista29/pdf/rcs29_art07.pdf. Última consulta em 26/11/2014.

FAVARETTO, J. S. (2012). *Descolonizando saberes: histórias de bolivianos em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

FERNÁNDEZ, J. A. M. S. (2008). *La mujer comerciante – Feria 16 de julio, El Alto – como sujeto de microcrédito*. Tesis de grado. Facultad de Ciencias Económicas y Financieras. Carrera de Economía. Universidad Mayor de San Andrés.

FERRUFINO COQUEUGNIOT, C. (2009). *El exilio voluntario*. 1ª ed., Santa Cruz de la Sierra: El País / Casa de las Américas.

FIGUEROA, J. M.; GISBERT, T.; GISBERT, C. D. M. (2008). *Historia de Bolivia*. La Paz, Editorial Gisbert y Cia S.A.

FREITAS, C. C. M. (2012). *Entre whiphalas, polleras y ponchos. Embates entre os discursos de CONAMAQ, do Estado Plurinacional da Bolívia e do Direito Internacional*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GAGO, V. (2012). *La salada: ¿Un caso de globalización “desde abajo”? Territorio de una nueva economía transnacional*. Revista Nueva Sociedad N°241. Disponible em http://www.nuso.org/upload/articulos/3894_1.pdf. Última consulta em 29/11/2014.

GARCÍA CANCLINI, N. (2010). *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. 1a ed. 3a reimp. - Buenos Aires: Paidós.

GUIMARAES, E. (2005). *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes.

HILLENKAMP, I. (2011). *Ciudadanía y economía en ciudades “en construcción” del Sur. El caso de la ciudad de El Alto (Bolivia)*. In: URQUIETA C., P. (Coord.) *Ciudades en transformación. Disputas por el espacio, apropiación de la ciudad y prácticas de ciudadanía*. La Paz, CIDES-UMSA.

HINOJOSA GORDONAVA, A. R. (2009). *Buscando la vida: familias bolivianas transnacionales en España*. La Paz: CLACSO; Fundación PIEB.

IGAKI, A. (2011). *Representación y socialización de la danza boliviana en Córdoba: argentinos y bolivianos detrás y fuera del escenario*. In: PIZARRO, C. “Ser boliviano” en la región metropolitana de la ciudad de Córdoba: localización socio-espacial, mercado de trabajo y relaciones interculturales. Córdoba: EDUCC – Editorial de la Universidad Católica de Córdoba.

LAIME AJACOPA, T. (2011). *Trilingüismo en regiones andinas de Bolivia*. Thèse de doctorat. Faculté de philosophie, arts et lettres. Université catholique de Louvain.

LARA, J. (2010). *Diccionario qeshwa-castellano castellano-qeshwa*. La Paz, Librería Editorial “G.U.M”.

MACCHIAVELLO, F. (2008). *O espaço transitório na cidade de El Alto, Bolívia*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

MAGALHÃES, G. M. (2010). *Fronteiras do direito humano à educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo*. 182 p. 2010. Dissertação de mestrado em Sociologia da Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

MONDADA, L., e DUBOIS, J. (2003). *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência*. In: Cavalcante, Mônica, Rodrigues, Bernardette e Ciulla, Alena (org.): *Referência*. São Paulo: Contexto, 17-52.

MOTA, A. (2009). *A nova constituição política do estado boliviano. Antecedentes históricos, conteúdo e proposta analítica*. In: DOMINGUES, J. M. et al. (Org.) *A Bolívia no espelho do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

NAVA, K. E. (2007). *Life with information and communication technologies in the DC metropolitan area's immigrant bolivian household*. Dissertation presented to the faculty of the Scripps College of Communication of Ohio University.

NIEHOFF, S. (2011). *Bolivian immigrants in São Paulo: a sociolinguistic study of language contact in the city*. Tese de Doutorado. Freie Universität Berlin.

NÓBREGA, R. (2009). *Migração e globalização popular: trabalhadores bolivianos na pequena indústria têxtil de São Paulo*. Anais do VI Encontro Nacional sobre migrações. Campinas: Unicamp. Disponível em:
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST2/RicardoNobrega.pdf>. Última consulta em 06/12/2014.

OLIVA, A.; PESCIO, A. M. (2009). *Bolivia: estudio de las migraciones en el interior cordobés*. Villa María: Eduvim.

ORLANDI, E. P. (2012). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

PAYER, M. O. (2006). *Memória da Língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta.

PÊCHEUX, M. (1990). *Análise automática do discurso (AAD-69)* (Trad. por Eni P. Orlandi). In: Gadet, F.; Hak, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

PIZARRO, C. (2011). *“Ser boliviano” en la región metropolitana de la ciudad de Córdoba: localización socio-espacial, mercado de trabajo y relaciones interculturales*. Córdoba: EDUCC – Editorial de la Universidad Católica de Córdoba.

PIZARRO, C.; FABBRO, P.; FERREIRO, M. (2011). *Los cortaderos de ladrillos como un lugar de trabajo para inmigrantes bolivianos: redes sociales y discriminación racializante en la construcción de un mercado laboral segmentado*. In: PIZARRO, C. *“Ser boliviano” en la región metropolitana de la ciudad de Córdoba: localización socio-espacial, mercado de trabajo y relaciones interculturales*. Córdoba: EDUCC – Editorial de la Universidad Católica de Córdoba.

PRETURLAN, R. B. (2012). *Mobilidade e classes sociais: o fluxo migratório boliviano para São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo

RECACOECHEA, J. (2003). *American Visa*. Cochabamba, Editorial “Los amigos del libro” Verner Guttentag.

ROCHA, J. M. C. (2010). *Encontro entre o espanhol e o português brasileiro na Praça Kantuta: uma leitura dos enunciados veiculados na tradicional feira boliviana*. CIPLOM - (1: 2010: Foz do Iguaçu - Pr – Brasil) Anais do Congreso Internacional de Profesores de Lenguas Oficiales del Mercosur. [CD-ROM] / Organização de Adrián Pablo Fanjul e Gisele Moreira: São Paulo, APEESP-2010.

_____. (2011). *Arriscando fronteiras: “El exilio voluntario” e os bolivianos em São Paulo*. Anais do I Congresso Internacional do PPG Letras – XII Seminário de Estudos Literários “Riscos das Fronteiras”. São José do Rio Preto: UNESP.

RODRIGUES, F. S. C. (2010). *Língua viva, letra morta: obrigatoriedade e ensino do espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SASSONE, S. M. (2009). *Breve geografía histórica de la migración boliviana en la Argentina*. In: C.A.B.A. *Buenos Aires boliviana. Migración, construcciones identitarias y memoria*. Buenos Aires.

SERRANI-INFANTE, S. (1994). *Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural*. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, v.24.

SICHRA, I. (Coord.) (2009). *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina*. AECID, FUNPROEIB Andes e UNICEF, Ecuador.

SILVA, S. A. (1995). *Costurando sonhos: etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. São Paulo.

_____. (2002). *Festejando a VIRGEM / MÃE / TERRA numa pátria estrangeira. Devoções marianas num contexto de permanências e mudanças culturais entre os imigrantes bolivianos em São Paulo*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

_____. (2008). *Faces da latinidade: hispano-americanos em São Paulo*. Textos Nepo n.55, fevereiro.

SILVEIRA JÚNIOR, M. R. (2008). *A travessia que mancha o corpo: imagens da imigração e a educação transitória*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

TELLES, V. S. (2006). *Debates: a cidade como questão*. In: TELLES, V. S. e CABANES, R. (org.): *Nas tramas da cidade*, pp.35-64. São Paulo: Humanitas.

TISSONI, O. B. (2012). *Apropiaciones sociodeportivas de espacios públicos urbanos. El caso de la comunidad cochabambina en Barcelona*. Tese de Doutorado em Antropologia Social e Cultural. Universitat de Barcelona.

URQUIDI, V. (2007). *Movimento cocaleiro na Bolívia*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild.

VIEIRA, M. E. (2010). *Ensino e aprendizagem de português língua estrangeira: os imigrantes bolivianos em São Paulo*. 179 p. 2010. Tese de Doutorado em Linguagem e Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

XAVIER, I. R. (2010). *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

YAMPARA HUARACHI, S. (2007). *La cosmovisión y lógica en la dinámica socioeconómica del qhathu/feria 16 de julio*. La Paz: Fundación PIEB; UPEA; CEBIAE; Centro de promoción de la mujer Gregoria Apaza; Red HABITAT; Wayna Tambo; CISTEM.

ANEXO A – Transcrição dos vídeos

1. Dia 25-03-2012 – troca de diretoria da AGCFBPB

<http://www.youtube.com/watch?v=uDgHFF5SIJQ>

Jaime Valdivia – Para dar inicio al acto de pose quiero que hagan la señal de la cruz, o en la religión que ustedes crean. Y quiero que, en nombre, e::, que esta nueva directoría, está dirigido por Paulo, que en nombre de Dios, por las leyes y las, a::, sacramentos de la fe y entre todas las leyes de la República Federativa de Brasil y también incluyendo las leyes de Bolivia, porque esto es un territorio acogedor de Bolivia, entonces en ese sentido quiero que hagan en la señal de la cruz o en la religión que ustedes puedan creer. Doy la posición a todos ustedes y a cada uno de ustedes de que, te pasando la, la, la, la responsabilidad de Wilson a Paulo, te recomiendo que sigas con la ley, con la fe, adelante, preservando siempre las tradiciones, las condu, costumbres y las morales de Bolivia y de Brasil. Doy la pose en este sentido. Felicidades.

Mestre de cerimônias 1 – Un aplauso por, por ese acto bonito, ese acto *maravilhoso* que, platicamente ha mucho tiempo que no se veía eso entre nosotros bolivianos. Realmente de Wilson que es un brasileño de gran corazón boliviano. Entonces cabe a nosotros que participamos semana a semana en la Plaza Kantuta dar nuestro apoyo moral efectivo a la nueva directoría. A la nueva directoría que [...] los destinos de esta plaza maravillosa donde tanta gente viene a [...] con nosotros, a saborear la gastronomía boliviana, y también los amigos latinos, esposos, maridos, brasileños. Entonces hará uso de la palabra el flamante presidente de la Asociación Gastronómica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento.

Sr. Paulo Araújo – *Muy buenas tardes*, é::, me chamo Paulo, não é? Como bem ouviram, novo presidente da Praça Kantuta. Bom, aqui me completo com vocês aqui o meus desejo, né?, de que a Bolívia um dia possa recuperar o seu mar, é um sonho não somente boliviano, como muito importante para toda essa coletividade estrangeira, né? Porque o mar, eu creio que cada país é necessário ter o mar, né?, pra seu desenvolvimento. Como o doutor aqui bem falou os processos estão elevado, então, é:::, elevo esse, esse pensamento, né?, e peço a Deus sempre pra que isso *se haga* realidade, né? E pra não falar muito e sem muitas promessas, pessoal, eu prometo realmente trabalhar pra o bem da comunidade, manter as tradições, né?, e com isso vocês sabem que um *liderazgo* não faz somente sozinho, uma pessoa não pode liderar sozinho, então, eu preciso contar

com o apoio aqui da, do meus, né?, diretores, e conto também com o apoio dos sócios da, da associação, e peço também o apoio de todos vocês, né?, que qualquer inquietude, qualquer *reclamo*, essas coisas seja chegado a gente para que a gente possa tomar alguma atitude, né?, porque às vezes as pessoas falam, mas elas falam para si mesmo, não reclamam seus direitos. Então, todos temos os nossos direito, então vamos reclamar pra que nós *podamos* chegar junto às autoridades, se for da competência do senhor cônsul ele vai nos ajudar, né?, então, isso peço pra vocês e deixo aqui o meus desejo de a recuperação do mar, né?, que seja muito pronto.

2. Dia 05-08-2012 – 187 independencia boliviana – pronunciamentos

<http://www.youtube.com/watch?v=8-xYa9I6xKI>

Mestre de cerimônias 2 – Don Paulo. Por favor un fuerte aplauso para nuestro presidente de la Feria que le acompaña domingo tras domingo, Don Paulo.

Sr. Paulo Araújo – *Muchas gracias*. É::, primeiro de tudo, é::, agradecer a presença de todos aqui, e::, mais uma vez, mais um aniversário, né?, felicitar todo o povo boliviano pelos 187 anos da independência da Bolívia, né? Pra mim é uma honra fazer parte de uma comunidade tão linda, um país que cada dia cresce mais. Sabemos que o futuro de um país se faz trabalhando, com muita luta e com muito trabalho, assim que o povo boliviano pra mim, mais que tudo terá um brilhante futuro porque realmente é um povo trabalhador, um povo que realmente luta pra chegar ao seu objetivo. E pra vocês que são esse povo maravilhoso, eu, tá todo mundo de parabéns, né?, acredito que é um momento feliz, né?, a independência de um país, momento do hino nacional, momento que realmente a gente fica arrepiado e:: o patriotismo é isso, quando a gente vê e quer as coisas do nosso país, a gente ama mesmo estando numa terra estranha, né?, porque hoje em dia já não é tão estranho aqui, a praça Kantuta já é um pedaço da Bolívia, né?, por isso mesmo está aqui representado por sua máxima autoridade aqui em São Paulo, Brasil, o doutor Jaime, né?, *Consul General de Bolivia*, *entonces*, eu passarei o microfone pra ele pra dar umas palavras alusivas a essa *fecha*. Muito obrigado.

Mestre de cerimônias 3 – Felicidades, Bolivia. Por parte de todos [...] patriotas que viven aquí en São Paulo, Brasil. Las palabras, a continuación las palabras...

Mestre de cerimônias 2 – Muy bien, así a continuación damos, le invitamos a doctor Jaime Valdivia, muy buenas tardes. [...] aniversario [...] nuestra patria, 187 años de independencia, y de esta gente, por favor, un fuerte aplauso, recibimos a nuestro doctor consular Don Jaime Valdivia Almanza. ¡Muy buenas tardes!

Sr. Jaime Valdivia – Bueno, buenas tardes señoras y señores, compañeras y compañeros, é::, pueblo boliviano, hermanos, compatriotas, niños, jóvenes, brasileiros que está acá el pueblo de la plaza Kantuta, a:: directiva, en primer lugar Paulo, gracias por invitarnos, por tu organización, que aquí siempre la directiva de la plaza Kantuta buscando el civismo y la cultura, la festividad [...] la comunidad boliviana [...] extranjeros. Acá también presente la directiva de la, a la nueva directiva de la asociación de residentes bolivianos acá presente, bienvenidos, qué bien que nos estemos integrando y retomemos en estos dos meses de nueva directiva y siempre estaremos juntos acá. Acá el padre Roque Patussi, presente de CAMI, gracias por estar aquí, é::, Roque, y a todo mi cuerpo consular que está aquí y los funcionarios, acá a, a, a:: mi hermano que representa el gobierno por ocasión de motivos de salud y aprovechando siempre el civismo y la colaboración que tenemos junto al nuestro presidente Evo Morales, es el hombre que está junto como empresário y como asesor [...] gracias también [...] por estar acá con nosotros, gracias a la radio, webradio kantuta online que está retransmitiendo a todas las partes de Brasil y a todas las partes del mundo. En ese sentido quiero en primer lugar recordar los 187 años, e::, da la Re, del Estado Plurinacional de Bolivia. Quiero transmitir, en el nombre del presidente Evo Morales Aima, y todo el gabinete, la cancillería, que el, el, el, el ministro [...] la oportunidad de estar en Río+20. En ese sentido he podido transmitirles y decirles a ustedes un fraterno abrazo por los 187 aniversario de nuestro Estado Plurinacional. Quiero con este motivo también recordarles de que siempre tenemos que darles algún regalo, algún regalo que el consulado, el gobierno de Bolivia viene realizando. Y esta novedad que quisiera traerles, comentaba con el padre Roque, comentaba con la directoría y comento con la, con la residentes. En la unidad consular Bresser/Coimbra hemos atendido en esos dos años a doscientos mil bolivianos junto con la Policía Federal para poder les dar el RNE para que ustedes puedan usufruir en nuestra casa, en nuestro consulado. En esa consecuencia nos hemos sumado, en esta novedad, en este año, hemos colocado el centro de apoyo al trabajador donde van a recibir cartera de trabajo, van a recibir entrenamiento para trabajar, van a recibir prácticamente un apoyo inclusive del São Paulo Confia, que es el banco de microcrédito de la prefectura. El lunes, mañana, les invito a toda la directiva, les invito a la radio que divulguen, y les invito a todos los compañeros y compañeras que están acá, para que podamos usufruir ese banco de microcrédito, a

personas que puedan hacer su negocito, a personas que tengan las emergencias, hasta tres mil quinientos para persona física, en reales, y podemos llegar hasta quince mil reales para hacer sus micro y pequeñas empresas, y va a ser dirigido por nuestro ex-consul que es [...] ya funcionario de la prefectura. Entonces yo pienso de que eso es un logro de la complementariedad entre el gobierno federal que está con nosotros la Policía Federal con, con, consolidándonos, dándonos un documento, hablándonos en español, dándonos su dignidad. Ahora se suma la prefectura. En ese sentido, quisiera pedirles un aplauso para la actual gestión de la prefectura, que tenemos [...] derecho, señores, para usar este derechos y por favor vayan usarlo. Y quiero un aplauso para esta acción, y vayan atestiguarlo ustedes para que puedan usufruir, en este sentido, este trabajo, esta integración. Quiero también recordarles al, al padre Roque. Gracias, padre Roque, [...] comentábamos que CAMI viene complementándose, dándonos el derecho de ciudadanía, para que no solamente el documento, el RNE, y sí usufruir la salud, usufruir la seguridad, usufruir la educación, usufruir todos los derechos, excepto votar, y excepto ser votado. En este sentido, en estos 187 años, en el nombre de nuestro presidente Evo Morales, en el nombre de nuestro país, en el nombre practicamente de todos ustedes, compañeros, de todos nosotros los bolivianos, que venimos avanzando poco a poco. Sé que tenemos que hacer muchas cosas más, sé que tenemos que avanzar muchas cosas más, pero si recordamos ha seis años atrás, no teníamos ni el derecho de votar en el exterior. Hoy tenemos el derecho de votar en el exterior, 2014 tendremos el derecho de votar en el exterior, tenemos derecho a RNE, tenemos derecho a la ciudadanía, tenemos derecho a los préstamos, porque tenemos que tener el orgullo de ser boliviano, y recordando esta actividad de los 187 años de nuestro país, siempre he escuchado decir que el boliviano no ha venido a hacer problemas y sí ha venido a complementar el trabajo de fuerza, el trabajo de fuerza jóvenes de todos ustedes, jóvenes dieciocho a veinticinco, a treinta años, estamos contribuyendo con nuestra fuerza a este país de Brasil, que nos acoge, que nos da las oportunidades, mas también, nosotros como cada boliviano, contribuye con su fuerza, con su dignidad y con su paciencia, y [...] que no ha venido a crear problemas. Por eso, un aplauso para todos ustedes, compañeros. Un aplauso para cada boliviano, joven, que está dando su fuerza de trabajo. En ese sentido, quiero darles [...] en nombre de nuestro presidente Evo Morales, en nombre practicamente de cada uno de nosotros, ayúdenme a decir: ¡Viva Bolivia!

Platéia – ¡Viva!

Sr. Jaime Valdivia – ¡Qué viva Brasil! Gracias.

3. Dia 01-07-2012 - kantuta 10 anos

arquivo pessoal

Senhora Berta – Les agradezco que ustedes han venido a visitar para este lado, para acompañarnos bien, gracias.

Sr. Paulo Araújo – Muito bem, pessoal. Um aplauso aí pra senhora Berta aí. Bom, eu... Cadê a dona Francisca? Dona Francisca já veio? Dona Francisca! [...] aqui o esposo da Dona Francisca também que é outro guerreiro que tá aqui com a gente todos esses anos aqui e vai dizer uma palavrazinha aqui no dia do aniversário de 10 anos da nossa Praça Kantuta. Don Sergio [...]

Don Sergio – Buenas tardes señores visitantes. En este recinto nosotros habíamos logrado este, este:: trabajo, digamos, este:: lugar de venta. [...] quiero hacer comunicar de que esta feria está a nivel latinoamericano, casi mundialmente conocida. Ya está en internet en todas partes. Ya::, ya conocen nuestra feria. Nosotros hemos fundado aquí primero, después apareció en el interior, en Coritiba, en, en Porto Alegre, en Río, en todas partes ya Kantuta también se llama. Las ferias Kantuta. Entonces, [...] nuestra feira todos los bolivianos que estamos aquí. Gracias.

Sr. Paulo Araújo – Muito bem, um aplauso a Don Sergio. Então, pessoal, aí vocês veem e podem sentir que o nome, a palavra, Kantuta foi um nome que foi criado aqui mesmo no caso por exemplo ele foi dado a essa praça porque ela não tinha nome, né?, um nome boliviano, uma flor da Bolívia, um nome muito forte que vocês vê que muita gente copiaram, outras *feira* tão surgindo por aí com o nome Kantuta, porém Kantuta aqui é original, é a nossa primeira feira de bolivianos aqui em São Paulo e:: nós devemos *mucho* a esse povo que lutou, esse povo aqui, passaram pelas diretorias, e tudo mais. E agradecemos a cada *uno* aqui, e vou passar a palavra pra Dona Francisca também que é uma das *madres* que nós temos aqui, né? Na Argentina nós temos as *madres de plaza de mayo*, aqui na Kantuta nós temos as *madres* bolivianas da praça Kantuta.

Dona Francisca – Bueno, buenas tardes señoras, señores. Señores participantes, visitantes, de todo latino tal vez. [...] Nosotros hemos luchado por esta feria. Antes estábamos en playa de Pari [...] Jorge Meruvia, el... Carlos Soto, no? Con ellos logramos [...] Cómo hemos comenzado? Hemos apoyado esa campaña de la... cómo se llama? La:: perfecta Marta [...]. Estamos luchando, solo que algunas veces estamos vacíos también pero asimismo luchamos, ya? Señores, por favor. Gra::cias por visitarnos domingo tras domingo [...] jóvenes, señores, señoritas, no hay más que decirles [...].

Sr. Paulo Araújo – Um aplauso aí para uma das *madres de la plaza Kantuta*. Bom, gente. Dando seguimento, como a gente tava falando com as mamãs, vamo também passar a palavra aqui pra uma das mamãs também que contribuiu muito aqui [...] a senhora Alicia [...]

Sra. Alicia – Buenas tardes. Mi nombre es Alicia, ya ustedes quién sabe me conocen o posiblemente no, mas aquí [...] Bueno, esta plaza tiene una historia muy larga, pero voy a ser muy breve porque el tiempo se está agotando. Primeramente como ha comentado ya la señora Francisca como la señora Berta, ellos fueron los primeros vendedores en la plaza Pari. Después yo entré con cereales, como una de las primeras cerealistas, y ahí fuimos expulsos de la plaza Pari, pero la prefectura no tomaba en cuenta, sino era la SEMAB¹²⁵, y nos dice las autoridades, son expulsos de esta plaza Pari, y nos encontramos como un hijo expulsado de su casa, de su padre, de su madre, y sin saber qué rumbo tomar. Ya se pueden imaginar cómo es eso. Pero como mujer yo comencé a pensar, si otros países tienen ferias, por qué los bolivianos no podemos tener otra feria en algún otro lugar. Comenzamos a luchar para poder conseguir este espacio bastante. Como mujer me tocó llorar mucho, pero las personas que están aquí presentes se... eran seguidores, nos dieron ánimo. Entre el Sr. Jorge Meruvia y el señor Demetrio Orellana luchamos y yo para conseguir este espacio porque la SEMAB nos dijo busquen, les vamos a dar un espacio, yo quería una plaza, pero no conseguíamos, íbamos por todo lado. Una amiga que tengo cerca que vive aquí me dice: yo tengo una placita que conozco. Venimos aquí, veo la plaza y yo dije “esta es nuestra plaza”. Inmediatamente llamo a mis colegas de trabajo, a don Jorge Meruvia, don Demetrio viene, hacemos la carta, presentamos a la SEMAB. Fue logrado el espacio. Y de repente nos dice el señor de la SEMAB que era el señor [...]: no tiene nombre esta plaza. Pensamos inmediatamente todos a buscar un nombre porque éramos los tres y las personas que estaban vendiendo [...] presentamos los tres cada uno un nombre. A mi me vino a la memoria inmediatamente que se llame Kantuta en representación a aquella flor tan linda que [...] la bandera boliviana. Yo dije que se llame Kantuta. Y ahí pusimos en conocimiento en la reunión. Todos aceptaron Kantuta. Y hoy en el día se llama Kantuta porque la SEMAB aceptó. Geográficamente entró en todo el mundo conocido como Kantuta y este es un espacio, un rincón boliviano para todos ustedes ahora aquí muchos colegas como el señor presidente, Don Paulo, está cuidando, ha venido cuidando nuestro señor don Carlos, ha venido el señor Wilson cuidando esta plaza, y sigue siendo cuidado por ustedes también. Ustedes que vienen, visitantes... es una comunidad latina porque ya he visto hasta la danza de Perú. Bienvenidos, les agradezco y les felicito, pero cuiden la plaza porque es de ustedes [...] nosotros

¹²⁵ Secretaria Municipal de Abastecimiento

hemos hecho y ustedes ahora lo tienen que cuidar. Eso sería mis palabras. Gracias por asistir todos los domingos y sigan viniendo. Felicidades.

Sr. Paulo Araújo – *Muy bien*. Essa foi [...] Dona Alicia. Continuando com as *mamás* eu vou passar aqui pra:, pra dona Maggie também dar umas palavras. Peço que sejam breves com as palavras porque estamos sobre o tempo, por favor. Falando mais alguma coisa, agregar algo sobre a diretoria do Don Jorge, todas as pessoas, pessoal, trabalharam na diretoria do seu Jorge, Doña Alicia, Don Demetrio, aqui Don Carlos que era na época responsável da tesouraria, Dona Maggie, eles trabalharam muito na gestão do seu Jorge, então foi uma parceria grande, por isso que vocês tão ouvindo a palavra de cada um.

Dona Maggie – Bom, eu também sou uma [...] aqui nessa praça. Comecei na outra. Quando eu entrei naquela praça eu não conhecia a colônia boliviana, eu não conhecia a comida boliviana, não conhecia nada mais. Eu e meu marido resolvemos vender saltenhas, eu aprendi a fazer saltenhas, eu aprendi a amar esse povo boliviano, eu aprendi a gostar da comida boliviana, eu sou casada há trinta e cinco anos com um boliviano. Então, já no início, eu já me apaixonei por todos vocês, e começamos a lutar, todos aqui lutaram, nenhum tem mais crédito que o outro, todos que tão aqui em cima merecem, merecem ser homenageados porque cada um lutou de uma parte diferente porque era muito difícil começar tudo, começar uma associação, ninguém sabia de nada, procurar um local, no Brasil que é difícil até brasileiro conseguir um pouquinho de terreno é difícil, imagine então um boliviano. Isso aqui foi muito trabalho de raça, de luta, de todos. Dias, semanas, arrumando calçadas, é... tentando crescer com seu próprio produto, e tentando fazer tudo bom, e finalmente com... com muitas... que a gente perguntou, a gente era leigo em tudo... com muita:, assim, vontade, conseguimos aprender tudo, como se formar uma associação, como ter um espaço bom, fomos todo dia na SEMAB, prensamos todo mundo, fizemos eles acharem um lugar, pegaram uma kombi só pra nós, pra gente procurar um lugar, achamos essa praça maravilhosa. A praça aqui tem tudo, tem espaço, tem árvore, tem vida, pode ter criança, pode ter... é uma maravilha isso aqui. Então, a gente conseguiu um sonho que muitos brasileiros que tão aqui na sua terra não conseguem nada. Nós conseguimos um nome das cores da bandeira boliviana. Cês tem que ter muito orgulho de poder ter uma área de lazer pros seus filhos, pra vocês, e nós somos muito felizes de ver todos vocês aqui, porque essa praça aqui é o encontro de todo mundo, de todo nível social, não tem ninguém mais rico, não tem ninguém mais pobre, somos todos iguais, e amigos, e eu amo todos vocês. Obrigado.

Sr. Paulo Araújo – Muito bem, pessoal. É:: vamo:: ser breve. Eu vou passar a palavra pro nosso primeiro presidente, né?, que na verdade foi o primeiro presidente da associação [...] todo esse trabalho que vocês ouviram, o nosso primeiro presidente foi o senhor Jorge Meruvia, então vou dar pra ele ser... pedir pra ele ser breve, dar umas poucas palavras aqui pra vocês, o que foi esse trabalho e esse sonho que a senhora acabou de mencionar e que virou realidade. Já, já, estaremos com sorteio aqui e já vamos cantar os parabéns pra Praça Kantuta, e o parabéns é pra todos vocês, é pra todos bolivianos, tão de parabéns aí por esse espaço conseguido aqui no território brasileiro em São Paulo. Senhor Jorge Meruvia, aqui. Primeiro presidente da nossa Associação Gastronômica Folclórica Cultural Boliviana Padre Bento.

Sr. Jorge Meruvia – Gracias. Gracias, gracias. Queridos amigos, realmente la emoción es muy grande. Después de tanto tiempo. Son diez años que han pasado de la fundación de esta plaza. Fue un trabajo árduo [...] muchos amigos [...] Todas las personas luchan por este pedazo de Bolivia. Este pedazo que un día hemos conseguido con sangre, vamos a decir así. Porque si no serían ustedes también, no sería plaza, como se dice, es un pedazo de Bolivia. Esto es Bolivia. Aquí hablamos [...] chilenos, brasileiros, latinos en un pedazo de Bolivia, se ha contornado una plaza latinoamericana. Me siento muy orgulloso personalmente como Jorge Meruvia [...] antes de mí, estaba el señor Victor, estaba el señor Carlos, estaba el señor Mario, eran los que llevaban adelante la plaza de Pari. Pero el día de hoy la asociación Kantuta es respetada no solo aquí en San Paulo, es respetada en el mundo entero. Si ustedes entran en algún *site* de España, de, de, de Estados Unidos, ustedes van a encontrar a la plaza de Pari, su historia y las cosas que hacen. [...] que con la ayuda de ustedes, vamos a ser, vamos a crecer mucho más. Antes se dice: Asociación Folclórica Boliviana Padre Bento. Es boliviana porque concentra más bolivianos, mas aquí están peruanos, chilenos, argentinos, paraguayos, brasileiros, koreanos. Todos. Ironicamente estamos aquí con nuestro presidente brasileiro, presidente de asociación boliviana. Yo quiero despedirme de ustedes deseándoles todo lo mejor, frecuenten siempre la plaza, crean siempre en su directoría, que ustedes saben que si no se lucha no se consigue. Tenemos que luchar y seguir adelante. Muchas gracias. Gracias a todos. Gracias, Paulito. Gracias.

Sr. Paulo Araújo – Obrigado, don Jorge. Estas foram as palavras de don Jorge. Eu vou passar aqui a palavra ao senhor Wilson Ferreira, que também foi um dos ex-presidentes da nossa associação.

Sr. Wilson Ferreira – Boa tarde a todos. Nós criamos frutos, né? E nossos frutos também criam outros frutos. É isso que acontece com a Kantuta. Ela sempre tá criando frutos. E os frutos tão aqui

presentes, e alguns já se foram e estão criando frutos lá fora. E isso vai crescendo. Essa é a nossa história. Criando frutos sempre. E obrigado a todos. E que isso não pare de crescer. Um abraço. Eu queria dar um abraço grande, mas não posso. Então, aqui eu dou esse abraço. Um abraço a todos, e à comunidade trabalhadora que é o povo boliviano, comunidade que trabalha muito, ele quer crescer, ele quer vencer na vida. E muito obrigado a presença de todos. É isso que eu... criando frutos, gera frutos.

Sr. Paulo Araújo – Bom, é:: continuando, eu vou lhes apresentar também um ex-presidente da associação, o senhor Carlos Danilo Soto [...] também contribuiu com seu trabalho pra que isso fosse realidade. Senhor Carlos Danilo Soto.

Sr. Carlos Danilo Soto – Buenas tardes, amigos. Como dije, como dijeron muchos ya cada uno y eso una parte. Yo con mi esposa, principalmente, ella se encargaba de la parte emocional y de cariño con toda la colectividad. Yo me encargaba de la parte lógica, de la parte legal. Tanto así que corrimos mucho por la SEMAB, por la subprefectura de la Mooca, hasta regularizar a:: la plaza. La feria fue regularizada el día veintiocho de febrero de dos mil y dos después de un árduo trabajo intentando legalizar toda la documentación de los *feirantes e foi inaugurada* con un gran desfile de carnaval, el primer desfile de carnaval también fue hecho para abrir oficialmente nuestra feria. [...] me dediqué a la oficialización del nombre de la feria Kantuta, que fue el año dos mil y cuatro. Entonces, toda la parte legal, yo me encargué de hacerlas personalmente, y fue muy costoso, muchos días de trabajo, meses... [...] fue un trabajo árduo donde yo me quedo grato a todos los que comprendieron el sacrificio, agradezco a las autoridades que nos colaboraron en la época la administración regional da Sé que nos llamó junto a la SEMAB a una reunión a iglesia da:: Santo Antônio do Pari, donde nos comunicaron que había un pedido de la ARPA¹²⁶ para expulsar la feria de la Praça Padre Bento. Entonces nos pidieron para formar una asociación. Formamos la asociación y conseguimos esta plaza, donde fue dado el nombre de Kantuta. Entonces fue árduo el trabajo, fue, fue bonito, fue bonito, bien luchado, y:: yo agradezco mucho a esas autoridades, al Sergio Tordesilhas que era administrador regional da Sé, [...] que era subprefecta da Mooca, a sus asesoras [...], al diputado estadual que en la época era secretario do verde e do meio ambiente, senhor Adriano Diogo, y a todas las personas que colaboraron para que sea posible la realización y la oficialización de nuestra feria. Y que viva nuestra feria, qué viva Brasil. Qué viva Bolivia. Qué vivan todos pueblos del mundo. Gracias.

¹²⁶ Associação de Revitalização do Pari

Sr. Paulo Araújo – Muito bem pessoal, damos continuidade [...] porque o tempo realmente é curto. Vamos continuar, o grupo aí vai tocar uma linda canção à nossa Praça Kantuta [...] e em seguida vamos cantar esse parabéns aí. É:: eu vou passar aquí pro::, pro nosso locutor oficial.